

"PRÁTICAS MÉDICO-SANITÁRIAS E REMODELAÇÃO URBANA

NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - 1890/1920"

Tese apresentada junto ao Departamento de História/IFCH/UNICAMP, em agosto de 1988.

Orientadora: Profª Drª Maria Stella M. Bresciani.

Este exemplar corresponde a redação final da Tese defendida pela Dra. Myriam Bahia Lopes e aprovada pela Comissão Julgadora. Campinas, 10 de agosto de 1988.

Maria Stella M. Bresciani

Myriam Bahia Lopes

A todos que participaram e me auxiliaram no presente trabalho, o meu agradecimento:

Datilografia e impressão: Adriana e Ercília; Desenhos e arte final: Miltinho;
Fotografias: negativos - Maurícius Farina, ampliação - Centro de Comunicação/UNICAMP;
Revisão: Lazineira e Saete. Suporte Financeiro: Cursos do programa de Mestrado - CNPq,
Pesquisa: FAPESP/UNICAMP.

Ao Alberto (in memoriam) e Therezinha

Bernardino e Maria Luiza

Agradecimentos

À Stella, que pacientemente soube me ouvir e dialogar durante o longo percurso deste trabalho, quando demonstrou o seu brilhantismo profissional, a minha gratidão e amizade. Ao Alcir, pelo incentivo e sensibilidade em captar a dinâmica e as limitações do texto. Ao Michael, Edgar de Decca e Roberto Romano, pelas indicações bibliográficas. À Maria Silvia Carvalho Franco, pelo privilégio da minha turma de tê-la tido como professora durante os dois anos de curso do mestrado. Ao Willi Bolle, pela leitura instigante do primeiro relatório da FAPESP. À Marga, pela "troca de figurinhas".

Aos alunos da primeira turma de História da UFOP e alguns colegas de profissão, entre os quais, Cafú, Celso, Jânia e Maria do Carmo, por terem proporcionado uma agradável convivência nas "Geraes".

Aos velhos amigos: ao Téo, agradeço as valiosas sugestões dirigidas ao primeiro capítulo; à Cecília e D. Dirce, o toque artístico na produção e na interpretação de músicas satíricas do início do século.

No Rio de Janeiro, agradeço a receptividade dos pesquisadores cariocas e as ricas informações passadas: em especial, Gilson e Sydnei do ISOB; Paulo Gadelha e Marly da Casa de Oswaldo Cruz, a esta última, devo o texto traduzido do periódico "The Vaccination Inquirer". Luiz Fernando que gentilmente cedeu para o xerox uma preciosidade da literatura da época. À Ângela Porto da Casa de Rui Barbosa, pela troca de informações acerca dos positivistas.

Aos funcionários da A.N.M., A.E.L., A.E.S.P., A.G.C.R.J., B.C.E., B.I.F.C.H., B.I.E.L., B.M.A, M.I.S./R.J., M.FIOCRUZ.

Ao anônimo acessor da FAPESP pelo entusiasmo com o trabalho expresso nos pareceres enviados.

Aos amigos de todas as horas, Ana, Dri, Fátima, Fernando, Hélio, João e Fafá, pelo apoio incondicional.

Introdução

Durante quatro anos e meio fomos reunindo uma vasta gama de material pesquisado: legislação, teses médicas, artigos de revistas especializadas e de jornais, projetos arquitetônicos de saneamento da cidade e de suas edificações, relatórios, pareceres, mapas, fotos, gráficos e charges. A riqueza das fontes muito nos impressionou e por pouco não ficamos presos à trama da memória da cidade do Rio de Janeiro. Exercitamo-nos na resistência à sedução das imagens primorosamente trançadas durante o período estudado.

A confecção do texto, a tentativa de resgatar toda atualidade das fontes nos colocou um desafio. Lembramos da passagem da Odisséia, quando Ulisses se amarra à proa para se salvar do irresistível canto das sereias que o chama para o mar. Como movimentarmo-nos na trama urba-

na? Como não repetirmos as sínteses e os deslocamentos operados na construção da imagem do "Rio de Janeiro, cartão postal do Brasil"? Resolvemos mergulhar nas fontes, encarar o risco e utilizar o material pesquisado fazendo vibrar experiências perceptivas da cidade diluídas na representação imagética. Tentamos subverter os recortes e as delimitações da memória histórica. Fazer ressurgir a diversidade de forças e esperanças presentes nos projetos para a cidade carioca. Talvez o leitor se choque com a quantidade de informação presente no texto. Para além das paisagens, da suavidade das visões totalizantes, claras e unificadoras, obtidas do alto da cidade, convidamos o leitor a realizar um percurso pelo avesso da trama urbana.

No primeiro capítulo, experimentamos o bombardeamento de informações, a justaposição de códigos, a cidade em permanente construção e demolição. Estratégia de redação, proposta de in-

tervenção nas imagens cristalizadas na memória histórica que seguem o modelo mortuário da fotografia do séc. XIX (01). A fotografia, ao enquadrar cenas e congelar tipos, é uma das facetas da produção da memória histórica do período. As fotos, enquanto testemunho de um olhar instrumentalizado, operam um recorte no tempo e no espaço e impõem um sentido à aproximação perceptiva da cidade. A seriação apaziguada da dinâmica urbana opera uma redução do processo histórico

do período em estudo. O movimento é estancado na produção imagética do "antes e "depois" da remodelação urbana. As fotografias e caricaturas são elementos importantes na construção do roteiro oficial do teatro urbano dividido na sequência seguinte:

Cena 1: A Cidade Colonial

Entreato: A Crise Urbana

Cena 2: Saneamento e remodelação da capital do Brasil: "O Rio de Janeiro civiliza-se".

Analogamente aos panoramas, a concepção teatral da história opera um rebatimento na perspectiva ao aplainar e reduzir os diferentes ângulos pertencentes ao objeto a ser retratado. Com a fotografia panorâmica, o alcance visual da câmara é ampliado na sua extensão. Recurso técnico que altera a percepção da perspectiva ao aplainar os diversos ângulos do objeto retratado. Eleger um sentido para a aproximação da his-

... ..
 (01) "Tomar uma fotografia é como participar da mortalidade, vulnerabilidade e mutabilidade de uma pessoa (ou objeto). Precisamente por lapidar e cristalizar determinado instante toda fotografia testemunha a dissolução inexorável do tempo." (Sontag, Susan - Ensaio sobre a fotografia, Rio de Janeiro, Arbor, 1982, pg.15. Ver ainda sobre esse tema Barthes, Roland - A Câmara Clara, Lisboa, Edições 70, 1981 e Méredieu, Florence de - "L'image photographique comme prothèse de la représentation" in Revue d'Esthétique, nº7, 1984, pp. 151/158

tória do período não produz um resultado semelhante ao obtido pela técnica de confecção dos panoramas?

No segundo capítulo, visamos o debate travado entre os clínicos positivistas e os adeptos da bacteriologia e da anatomia patológica. Luta política sobre a forma de gestão dos corpos e do meio. As duas concepções em conflito se tangenciam em alguns pontos: na relação normal/patológico, no conceito de regulação biológica e no meio pensado como formador do indivíduo. Os médicos em disputa partem dessas reflexões que emergiram no século XIX e elaboram estratégias distintas de ordenação do espaço e dos corpos.

Nosso recorte temático das fontes consultadas visa apenas uma abordagem das críticas dos médicos positivistas cariocas referentes à

vacinação, à assistência médica asilar e ao papel biológico político da mulher. Esta abordagem nos possibilita vislumbrarmos alguns dos fundamentos da teoria positiva da história e do progresso.

A campanha contra o Código Sanitário, levada pelos positivistas, encontra eco junto à população que se sente violentada e privada de seus direitos, através de medidas como expurgos, sequestro e internamento de doentes em hospitais de isolamento, desapropriação e demolição de moradias tidas como insalubres, perseguição às tinas das lavadeiras, proibição de romarias e visita aos cemitérios em época de epidemia, dentre outras. Os positivistas, são perspicazes ao denunciar e prever o desgaste político que as imposições legais tomadas junto à população trouxeram para o governo republicano.

No terceiro capítulo, tratamos da "Revolta da Vacina" (01). A apropriação das ruas, a quebra de lampiões, a virada de bondes e a construção de barricadas formam uma experiência singular de alguns habitantes no espaço urbano. Há uma recodificação da grafia urbana onde os símbolos da *civilização* são reapropriados e se transformam em táticas de luta da população. Resistência física que atinge alvos precisos e expressa uma trajetória do desejo da população

amotinada. A idéia de que, a partir da remodelação do espaço são criados novos hábitos na população é invertida. A nova forma de apropriação do espaço criada pela multidão, se traduz como negação das normas de gestão da cidade moderna. O roteiro do teatro urbano e a idéia linear e positiva do progresso são questionados pela ação popular.

(01) A leitura da "Revolta" foi feita a partir da reunião de dados recolhidos nas poucas fontes primárias que encontramos: Os Jornais "Correio da Manhã" e "A Notícia", o álbum de recortes de Oswaldo Cruz e o relatório do Chefe de Polícia. Os belos trabalhos de Nicolau Sevcenko e José Murillo de Carvalho nos foram de grande valia na reconstituição do diário do levante.

Dentro da nossa proposta de realizarmos uma leitura da revolta a partir dos alvos de ataque dos cariocas, a confecção do texto e das ilustrações foram recursos complementares utilizados na tentativa de abordarmos o ritmo da ocupação da cidade pelos populares.

O BRAZIL EM FÓCO



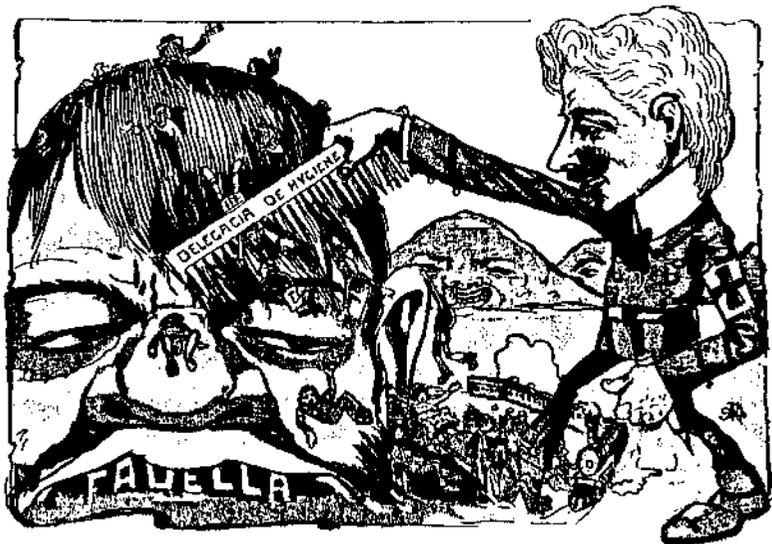
França: Não posso deixar de querer bem ao Brazil: Thurct, Doumer e o Kaizer abriram-me os olhos... Itália: — O mesmo digo eu: a Embaixada de Ouro e o Rodrigues Alves desfizeram as nuvens que toldavam os horizontes immigratorios... Alemanha: — Ya! Quero o Brazil representado nas manobras do meu poder... Inglaterra: — Very well! Contanto que o cabloco lhe venda os seus Dreadnoughts... Estados Unidos: — Oh! Não! Não tenho receio enquanto o Brazil tiver juizo, Demais... A América é para os americanos... Penna: — Como é fácil mudar a face do Brazil! aos olhos do mundo, hein? seu Barão. Rio Branco: — Facilimo! Basta apresentar estes novos quadros sobre a crosta da nossa rotina para ficarmos em fóco e na ordem do dia. Assim é! Zé Povo: — É mesmo! Mas falta acrescentar duas placas: a dos que saem d'aqui vendendo azeite as canadas, por falta de hotéis, e o meu caraz pipocado com os signaes da... época!...

"...O espaço deveria, pois, ser transformado, para FACILITAR O DESENVOLVIMENTO das atividades comerciais, financeiras e políticas da capital do país. Era preciso, também, criar uma nova Capital, um ORGANISMO que simbolizasse concretamente a importância do país como o principal produtor de café do mundo, que expressasse os valores e os modi-vivendi cosmopolistas e modernos das elites econômicas e políticas nacionais. Nesse sentido, o rápido crescimento da cidade em direção à zona sul, o aparecimento de um novo e elitista meio de transporte (o automóvel), a sofisticação tecnológica do transporte de massa que servia às áreas urbanas (o bonde elétrico) e a importância cada vez maior da cidade, no contexto internacional, não condiziam com a existência de uma área central (onde se localizava a sede do poder político) ainda com características COLONIAIS, com ruas estreitas e sombrias, e onde se misturavam edifícios públicos e empresariais importantes com cortiços. NÃO CONDIZIAM, também, com a ausência de obras suntuosas que proporcionassem status às áreas onde as classes abastadas residiam e/ou mantinham atividades econômicas e, por conseguinte, COM O EXEMPLO MÁXIMO DO BRASIL URBANO, QUE ERA A SUA CAPITAL. Era preciso acabar com a noção de que o Rio era sinônimo de febre amarela e de condições anti-higiênicas e transformá-lo num VERDADEIRO SÍMBOLO DO NOVO BRASIL."

(Bronstein, Olga e Maurício de Abreu - "Políticas públicas, estrutura urbana e distribuição de população de baixa renda na Área Metropolitana do Rio de Janeiro" c.f. in: Botafogo - História dos Bairros - memória urbana, Rio de Janeiro, Index Editora/João Fortes Enga, 1983, pg. 31, g.n.)

UMA LIMPEZA INDISPENSÁVEL

A Hygiene vai limpar o Morro da Favela do lado da Estrada de Ferro da Central. Para isso intimou os moradores a se mudarem em dez dias.



Oswaldo Cruz: April... Com que parasitas se coçava a polícia!... Qual! Nestas alturas só mesmo a gente da hygiene...

Morro da Favela: — Ora, graças que me livro desta pragal! Dê-lhe para baixo, mestre Oswaldo!

Morro do Livramento: — Chill... Que rodadal Mas... onde botar tanta gente e tanto cisco?...

Morro do Valongo: — Provisoriamente, no meio da rua... Depois, na succursal da Sapucele: atraz da Camara dos Deputados...

NO SENADO.

"Ruas estreitas, ruas sinuosas, ruas mal edificadas, mal iluminadas. População cosmopolita, dormindo nas alcovas dos sobrados, trabalhando nas estufas das lojas. Muito negócio, negócio até ultra mar, por meio de veículos que flutuam no porto.

Assim foi o Rio de Janeiro durante trezentos annos...

... Vieram o gaz, o paralelepêdo, a canalização subterrânea dos esgottos, quasi simultaneamente; e a casaria não abriu allas para receber o baptismo da CIVILIZAÇÃO."

E mencionando a recente abertura da Avenida Central prossegue:

"...Eil-a ahi está, rehabilitando a Cidade tantos annos vilipendiada pelo mão gosto e pela má fama... Eil-a ahi está, mil e oitocentos metros em linha reta, ladeada de edifícios em que o genio do Architeto praticou maravilhas."

(Rosa, Ferreira da "Avenida Central" in Revista Kosmos, ano 1, 1904).

"Toda a multidão é empurrada para as fimbrias da cidade, as zonas mais estreitas, de aspecto ruinoso e estagnado; resíduo sombrio do período colonial."

(Sevencenko, Nicolau - Literatura como missão, São Paulo, Brasiliense, 1983, pg. 56, g. n.)

A partir de charges, recortes de periódicos do início do século e trechos de trabalhos da recente historiografia, como um "bricoleur", montamos um quadro, esquema-cópia que ilustra a força de persuasão e a incidência de **duas representações** da cidade do Rio de Janeiro. A primeira, da cidade colonial, observável pelas marcas físicas persistentes no cenário urbano, que devem ser apagadas por atestar a doença e o atraso do Brasil em relação aos países europeus.

Em oposição, a que lhe sucede, a do Rio de Janeiro civilizado e saneado. Uma existe em função da outra e ambas se apóiam na concepção de um tempo linear que mantém uma relação de exterioridade e independência com o espaço. Enfoca-se o último, imprime-se uma cadência acelerada que eclipsa continuidades ao se promover dois cenários distintos e acabados que se excluem no avanço do "tempo/progresso". Destruição/Construção da cidade que prefigura a história da remo-

delação urbana na cidade do Rio de Janeiro nas versões em que é apresentada.

Neste primeiro capítulo, moveu-nos a preocupação de polemizar com as sínteses constitutivas das imagens sobre a cidade do Rio de Janeiro no início deste século; imagens estandarte das campanhas sanitárias e da remodelação da capital do Brasil.

A presença destas duas representações, tanto na vasta e recente bibliografia sobre a "era do Prefeito Pereira Passos" como nas fontes consultadas, delineou nosso ponto de partida.

As representações da memória pressupõem um passado encerrado entre dois presentes: aquilo que ele foi e aquilo em relação ao qual é passado. O atual presente comporta uma dimensão na qual ele representa o antigo e no qual ele representa a si próprio. Ele se reflete ao mesmo tempo em que ele forma a lembrança do antigo. "O passado encontra-se suposto em toda representa-

Tanto a literatura como a recente historiografia se inspiraram nas técnicas teatrais para construir a memória histórica da cidade do Rio de Janeiro:

"De uma hora para outra, a antiga cidade (do Rio de Janeiro) desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na cousa muito de cenografia."

(Barreto, Lima - Os Bruzundanças, pg. 106 cit in: Sevcenko, N. - op.cit. epígrafe do capítulo 1º, pg. 25.

O entreato é descrito como a "passagem de relações do tipo senhorial para relações do tipo burquês". (Sevcenko, N. - op.cit., pg. 35). O roteiro do teatro garante a sucessão de eventos estudados pelo autor citado. A necessidade entendida como falta opera a mudança dos cenários:

"Era preciso pois findar com a imagem da cidade insalubre e insegura, com uma enorme população de gente rude plantada bem no seu âmago, vivendo no maior desconforto, imundície e promiscuidade e pronta para armar em barricadas as vielas estreitas do centro ao som do primeiro grito do motim."

(idem) - op.cit., pg. 29)

O móvel da ação não se encontra porém nas relações estabelecidas entre os personagens, e está situado extra-cena no espaço reservado ao movimento do capital (01). A comparação com o teatro de marionetes é contundente; os personagens são movidos pelo manipulador de bonecos situado fora do alcance dos olhares da platéia, geralmente acima do cenário.

(01) A crítica à concepção teatral da história é tecida na Revista Recherches, Paris, CERFI, Jan. 1974, pg. 66, nº 14.

"...Um foco de vigorosas mudanças e uma atividade econômica febril... A FONTE desse PROCESSO de germinação simultânea de energias deve-se ENCONTRAR ALHURES, num NÚCLEO de força que transmite... os seus impulsos por toda a parte." (*idem* - op.cit., pg. 42, g.n.)

Em outros trabalhos acadêmicos, o intervalo para a troca do cenário e dos personagens é denominado de transição do capitalismo mercantil ao capitalismo industrial. Suspensão do tempo histórico, momento atípico, instante único onde o conflito entra em cena (o conflito é matizado ao surgir como ponto de inflexão do desenvolvimento do enredo). Suspensão da dinâmica do processo histórico que designa a "crise da habitação popular" como momento exemplar da luta de classes no processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro. A remodelação urbana aparece como uma farsa encenada pela classe dominante.

"Caberá à cidade", a partir de agora, somente a função de palco, de cenário móvel para as representações do Poder".

(Brenna, G.R. - "O Rio de Janeiro de Pereira Passos" in O Rio de Janeiro de Pereira Passos, uma cidade em questão, Rio de Janeiro, Ed. Index, 1985, pg. 10, g.n.).

Observamos o discurso historiográfico preso a um modelo teórico e conceitual rígido que dificulta a análise do rico material recolhido pelos estudos recentes. Ritmo da história pautado por um tempo cronológico onde o momento de afirmação da Modernidade no Brasil aparece como descompassado pois atrasado e cópia vulgar da Modernidade europeia.

A história brasileira passada nesta versão é a narrativa das tentativas frustradas de seguir o percurso trilhado pelo avanço das forças produtivas nos países centrais do capitalismo (01).

Nosso interesse aqui não é o de tecer uma crítica teórico-conceitual ao solo no qual se movimenta a recente historiografia do período em estudo. Este tema, para ser tratado com a atenção merecida, se constituiria, por si só, numa dissertação de mestrado. Nossa opção de trabalho foi a de ensaiarmos uma aproximação diferenciada da história do período. Desafio/proposta de percorrermos as ruas sem sinalização atentos ao movimento incessante da grafia urbana.

(01) Sobre a crítica das idéias fora do lugar ver Franco, M.S.C. - "As idéias estão no lugar" in Cadernos de Pesquisa Tudo é História, São Paulo, Brasiliense, 1978.

Possibilidade de uma leitura crítica do sentido dominante pelo levantamento dos sentidos possíveis que foram apagados na construção da memória histórica.

Durante a remodelação da cidade, o adjetivo rural e colonial designam tudo aquilo, morros, cortiços e ocupações que se visa a preservar.

"Colonial" e "Rural", adjetivações que se aproximam se estivermos atentos ao quadro do qual derivam. Atributos de um estado estático contrapostos à dinâmica da cidade moderna, designação de elementos apontados como incompatíveis à ordem capitalista, como resquícios do passado e obstáculos à marcha do progresso. Os discursos que se enunciam no período como portadores de uma nova racionalidade demarcam, no tempo e no espaço, o limite da ordem urbana que se visa a instaurar e a historiografia repete

este recorte décadas depois. No contraste entre o novo e o antigo um pesquisador sublinha o que deveria ser eliminado pela reforma urbana: "A rua colonial era um local reservado a homens vagabundos, capoeiras, ladrões, negros quadrilheiros, prostitutas, mendigos ou penitentes."(01)

(01) In: Benchimol, Jayme - Pereira Passos, um Haussman Tropical, Rio de Janeiro, COPPE/UFRJ, 1982, pg. 224, g.n.

As atividades identificadas como rurais, expressão do avesso da trama urbana, são redefinidas e reorganizadas durante o processo de remodelação da cidade do Rio de Janeiro. A noite e os subúrbios se configuram como tempo e espaço da afirmação do que é enquadrado como negativo da lógica urbana. Neste sentido, é permitido o trânsito de muares somente à noite e é proibida a existência de hortas e capinzais no perímetro urbano. O matadouro de Sta. Cruz estabelecido em 1904, a criação de suínos, os novos cemitérios e hospitais devem estar localizados na periferia da cidade. (Cod. Sanit. DF, Dec. 37, 5/4/93)



"O mais vergonhoso de todos esses ambulantes do começo do século, porém, é o leiteiro, com a esquelética vaca, que hoje felizmente, esconde a sua tuberculose no fundo dos estábulos que recuaram para bairros distantes.

O vendedor de leite que usa barba passa-piolhos e tamancas, é dos primeiros ambulantes a surgir na rua mal-desperta, puxando por uma cordinha curta o ruminante de seu comércio, magro e pachorrento, duas ou três chocalhantes campainhas dependuradas ao pescoço bambo e pelancudo. E logo o homem da ajudância no serviço, atrás, ordenhador astuto da alimária, mágico avisado, capaz de transformar, à vista do freguês, sem que esse perceba, a água que está dentro de múltiplas vasilhas, em leite, e do melhor!

(Edmundo, Luiz - O Rio de Janeiro do meu tempo, Rio de Janeiro, Conquista, 1957, pg. 58)

Não quero vaccas de leite
nas ruas a passear
pra cidade sanear
Quando o leite em ribeiro era dominante
Na terra do velho Mem
E não causava males a ninguém
Mas veio o Passos, que tremendo avanço!
Que medonha e fatal revolução
E nos pôs em cadeiras de balanço
Até que o queijo vire requeijão
(In: "Carnaval", O Paiz, 1903, cit. in
O Rio de Janeiro de Pereira Passos,
Index, 1985, pág. 35)

Art. 750 - "Fica proibido aos mercadores ambulantes de leite conduzir as vaccas pelas ruas para venda deste genero". (Decreto com força de lei nº 370 de 9 de janeiro de 1903).

A delimitação espacial

da cidade moderna

A utopia da cidade jardim prescreve a expulsão da cidade de toda manifestação "selvagem" da natureza, de tudo o que não passa pelo crivo da racionalidade tecnicista. Observamos na implementação e circunscrição dos elementos alusivos ao campo fora do perímetro da cidade, a formação de uma estética urbana.

O Major Manuel Gomes Ascher se empenhou no século XIX em limpar as nascentes, regularizar o curso das águas e sistematizar a arborização da Floresta da Tijuca.

No Jardim Botânico, os nomes científicos, dispostos em placas, direcionam pedagogicamente a aproximação dos visitantes. Durante a gestão do Prefeito Pereira Passos temos a criação de praças, do aquário municipal e de avenidas arborizadas; exemplares de "pau-brasil" são plantados no meio da Avenida Central. Os jardineiros e paisagistas, por meio da utilização de artifícios, promovem a reprodução seletiva e controlada de componentes da flora e da fauna. Estética pautada pela engenhosidade das artes e ofícios produtores do espaço urbano.



Jardim Botânico 1890

O estudo das posturas municipais e teses médicas, elaboradas a partir da segunda metade do século XIX, nos revela a preocupação com a demarcação das atividades noturnas e diurnas. A limpeza pública, o despejo de detritos orgânicos no mar (realizados pelos "tigrões") deve ter lugar à noite, o mais distante possível do olhar e do olfato dos habitantes da cidade. A introdução da iluminação a gás nas ruas e nas casas a partir da última década do século passado coloca novamente em questão o recorte temporal do dia e da noite carioca.

A luz artificial é a implementação de um novo código que amplia o movimento da grafia urbana e altera a gestão do espaço público e privado (01).

Mitos da noite e do dia:

"La forêt-nuit VERSUS la ville-jour, la forêt sorcière VERSUS la ville des arts et des sciences. Le danger VERSUS la certitude. La pauvreté VERSUS la richesse.

La forêt menaçante pourrait toujours envahir la ville, la nuit prendre le dessus sur le soleil de jour: on craint les paysans, les jacqueries, les loups.

Crainte inutile, la ville assure sa Maîtrise jusqu'à la folie, son pouvoir croît, le danger extérieur disparaît. ... Elle a dévoré son contraire, la forêt sournoise, jusqu'à en porter les marques: danger, labyrinthe, maléfices, immensité; la nuit - forêt est devenue le jour urbain.

...Et les sorciers de l'anti-ville, les noctambules, ont beau jeu de renverser les rôles. ...

...En retrouvant les limites, en s'endormant dans les ombres reposées, la ville libère les désirs et les joies, la dépense et l'amour.

"L'enfermement" de l'ombre, loin de peser, délivre."

(Cauquelin, Anne - La ville, la nuit, Paris, P. U. F., 1977, pp. 8/9)

(01) Luz nos prédios de corredor

Art. 688. "Todos os que residirem em casa de corredor, que não tiver luz à noite, estando aberto pagarão de multa de 4\$"

(Legislação Municipal, op.cit., pg.160)

A iluminação interna das habitações, controlada por seus moradores, faz parte do processo de constituição da intimidade do lar. Temporalidade marcada pela progressiva autonomia face à iluminação natural, proveniente do exterior. Possibilidade de um duplo fechamento: das portas, das cortinas e do lugar da família, envolvido no clima de intimidade que se produz.

A charge ao lado "A alma do Rei Carvão" ilustra bem o conceito de "maquinaria do conforto" (01). O gás é apresentado como a técnica que "vence" o carvão como fonte de energia utilizada nas habitações. Os benefícios atribuídos ao gás são apontados na propaganda: a economia de tempo, dinheiro e saúde e o prazer estético obtido através da substituição do cano do fogão e da eliminação da fumaça e da tina.

(01) Beguin, F. - "Les machineries anglaises du confort" in: Revista *Recherches* nº 29, Paris, CERFI, dez. 1977, pp. 155/186.



Júlio Machado. Caretas

Atributos figurativos da suave alteração dos hábitos de gestão da casa que seduzem os seus possíveis consumidores e compõem o quadro publicitário. É interessante notar a imagem veiculada da mulher moderna adepta do gás, cuja elegância observável nos trajés e na postura se opõe à matrona curvada diante do peso das tarefas domésticas no ambiente infernal e esfumaçado onde "imperam" o carvão.

Inovação técnica e política que permite o fechamento da cozinha, antes impossível. A mulher não mais precisa deixar a porta e as janelas abertas para eliminar a fumaça.

O gás produz a iluminação e a privatização da casa. "As maquinarias do conforto" criam um campo sem fronteiras de introdução de novas necessidades e hábitos no cotidiano da população. Alterações avalizadas pelo discurso científico e propagandeadas nos meios de comunicação de massa.

"Com a chegada de D. João VI houve no Rio de Janeiro um começo de 'culto architetonico' que sucumbiu com a morte de Grandjean de Montgny em 1850. "E daí por diante a arte architetonica ficou entregue à incapacidade dos MESTRES DE OBRAS, que se esmeraram em conceber e crear verdadeiras monstruosidades."

"...Graças sejam dadas a todos os deuses! O governo interveio n'esse descalabro, e os chalets, as platibandas com compoteiras, as casas com alcovas, os sotãozinhos em cocuruto, os telhados em bico, as vidraças de guilhotina, as escadinhas impinadas, os beliquetes escuros, os quintaes immundos, os porões baixos, tudo isso recebeu um golpe de morte."

(Manoel, Aleixo - "A Grande Artéria" in: Revista Kosmos, ano I, nº 04, abril de 1904)

"Era um grande paralepípedo de tijolo, cimalha, janela com sacadas de grade de ferro, puro estilo mestre de obras. Compungia essa pobreza de gosto a quem se lembrasse dos edifícios da mesma natureza das pequenas comunas francesas e belgas da Idade Média."

(Barreto, Lima - Triste fim de Policarpo Quaresma, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1978, 20a. edição, pág 110; este livro foi escrito em 1911).

Outra preocupação notada no período é a de desqualificar o trabalho realizado pelos mestres de obras. Momento do processo de constituição da engenharia urbana no qual se imputa a este trabalhador a responsabilidade pelos disparates estéticos e funcionais apontados nas edificações urbanas do Rio de Janeiro. Os engenheiros-arquitetos, na luta pelo predomínio do esquadro, do cálculo e da racionalização das construções, rotulam de "atrazado" e "colonial" o saber-fazer do mestre de obras .

Leituras da cidade laboratório

Os cheiros e a luminosidade são marcas diferenciais dos habitantes e dos locais onde circulam. A luz ressalta os monumentos, as lojas, os edifícios públicos e as vias de circulação e promove o espetáculo urbano da aurora do século. A sombra envolve os espaços onde se concentra a pobreza. O contraste do claro e do escuro delinea a representação da cidade. "A invenção da questão urbana e o triunfo da concepção funcional da "cidade máquina" promovem uma toailete topográfica, indissociável da toailete social que realiza a limpeza das ruas e a arrumação dos locais de lazer.(01)

 (01) Corbin, A. - Le miasme et la joinquille, Paris, Aubier Montaigne, 1982; Saberes e odores - O olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX, São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

Essências variadas como a canela-batalha, canela-limão, eucalipto, dentre outras, compõem o reflorestamento da Tijuca.

O olfato também é mobilizado e realiza uma leitura diagonal do espaço e dos corpos. Os cheiros fortes, lembranças inoportunas da vida animal são rechaçados. O homo sapiens tenta suavizar as implicações decorrentes do seu lugar no jardim das espécies. A desodorização do espaço e dos corpos produz o esquecimento das marcas da temporalidade cíclica da natureza e do devir da morte.

A grafia urbana opera um duplo movimento, escreve com o alfabeto da Modernidade e pulveriza a incidência de expressões que identifica como desprovidas de lógica e deslocadas no tempo. O nome das ruas próximas ao porto é alterado. Apaga-se da nomenclatura topográfica da cidade toda referência ao passado escravista. Passado negro expurgado nos projetos de remodelação da cidade e dinamização da sociedade contratual.

Enquadramentos do processo histórico
e construção da memória da cidade

Na França, Napoleão III consegue que seja votada uma lei para o registro fotográfico de todas as ruas de Paris, antes, durante e depois de sua destruição. No Rio, Malta é contratado como fotógrafo oficial da Prefeitura, na gestão do Prefeito Pereira Passos. Em Paris, Eugéne Atget (1857/1927) registra, em suas fotos, tudo aquilo que irá desaparecer: de ocupações e edificações são retidas as prostitutas, a zona, os quiosques, "la Bièvre", o parque de Saint Claude, e ainda lojas e vitrines que considera interessantes. (01).

(01) Nori, Claude - La Photographie Française, Paris, Contrejour, 1978.

"... A comparação do PASSADO com o PRESENTE constitui um soberbo divertimento, e muito instrutivo, muito proveitoso. (...)

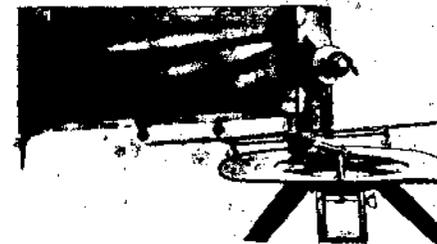
Por isso folgamos de ver que no Arquivo Municipal, d'aqui a anos, quem nos suceder e tiver curiosidade, poderá encontrar os elementos que habilitem a recordar o passado do Rio de Janeiro em suas ruas e suas edificações.

Estimaríamos que o fotógrafo municipal dispusesse de tempo, ou de recursos para também andar surpreendendo os nossos maus costumes: indivíduos deitados pelo chão, caídos, bebados, meretrizes indolentes debruçadas, à mostra, às portas e janelas de suas casas. O barracão da Lapa; o mictório do Largo do mesmo nome; as ruínas do Mercado da Glória; um frade; e tantas outras coisas ridículas que INFESTAM esta capital e que o tempo e a energia do Prefeito se incumbiram de destruir para dar lugar à CIVILIZAÇÃO em todas as suas maneiras de melhorar e aperfeiçoar. ("Photografia Municipal" in: O Commentário Mineiro, janeiro 1904, pp. 37/38 cit in: O Rio de Janeiro de Pereira Passos, Rio de Janeiro, Index, pg 144, g.n.)

Ao fotógrafo imputa-se a tarefa de registrar a crise arquitetônica e moral por que passou a cidade. Memória histórica que congela em imagens o 'antes' e o 'depois' da remodelação urbana. As fotos de Malta são expressões desta interação. O fotógrafo fixa três instantes: os resquícios coloniais, ruas estreitas, os prédios, que não respeitam as normas sanitárias e arquitetônicas, a demolição e a construção das ruas e edificações segundo os novos padrões de habitabilidade.

No Rio de Janeiro Marc Ferrez (01) desenvolve uma máquina para fotos panorâmicas, cuja descrição transcrevemos na página ao lado.

Ferrez realiza um álbum sob encomenda onde registra o percurso que vai do concurso de fachadas de prédios e das plantas à inauguração da Av. Central.



"O grande aparelho panorâmico de Brandon, aperfeiçoado pelo artista dono deste estabelecimento, foi mandado construir expressamente para obterem-se vistas do Rio de Janeiro, que fossem tão importantesse belas como as esplêndidas paisagens que se ostentam nesta luxuriante e risonha natureza.

Seja-nos permitido aqui uma ligeira descrição deste aparelho de cuja perfeição e extraordinário tamanho a todos é dado julgar pelo panorama em exposição.

Alcança este aparelho como extensão no mínimo 120°, no máximo 190°. É perfeitamente automático, e funciona por meio de um movimento de um relógio. Sua rotação completa, pode efetuar-se tanto em 3 minutos como em 20, conforme a luz, e os objetos que tem a reproduzir. Pesa 110 kilogramas e emprega chapas de cristal de 1.10 x 0.40 cm de 8 quilos cada uma, dando imagens panorâmicas de um metro e dez centímetros de extensão.

Este aparelho que o artista, seu proprietário e aperfeiçoador, levou 3 anos a estudar e a melhorar, é sem contestação o primeiro do mundo, pois que até hoje não se fizeram vistas fotográficas iguais a que ele produz."

 (01) Marc Ferrez nasceu no Rio de Janeiro em 07 de dezembro de 1843. Era filho de um escultor e gravador da Missão Artística Francesa fundadora da Academia Imperial das Belas Artes. M. Ferrez foi fotógrafo da Marinha Imperial. No início deste século a casa Ferrez produziu e exibiu filmes além de promover a atividade de cinematógrafos ambulantes que percorriam cidades difundindo o cinema.

(Ferrez, G. - O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez, Paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro 1865/1918, Rio de Janeiro, João Fortes Engenharia / Ed. Ex Libris, 1984, pág. 17).

Ferrez passeia pelas ruas do Rio de Janeiro e leva consigo um pano branco de fundo, na frente do qual retrata figuras características do comércio ambulante do centro do Rio de Janeiro, entre as quais, a baiana quitandeira, o vendedor de aves e o mascate. Personagens que são alvo de uma rígida perseguição por parte daqueles que instauram normas sanitárias de circulação de fluxos, de fluídos e de mercadorias. Corpos e objetos que não devem escapar à grande toilette topográfica promovida na campanha de "civilização do Rio de Janeiro".

Fotografia que nomeia uma personagem e uma cena ao subtrair a última, pondo em seu lugar um pano branco, e congelar uma posição do retratado. O estúdio levado às ruas realiza o

recorte do espaço e do tempo, elementos indissociáveis e constitutivos da existência destes indivíduos no espaço urbano.

A caricatura, a fotografia e o cinema mobilizam diferenciadas técnicas na produção de linguagens visuais sobre a cidade do Rio de Janeiro e seus habitantes. Elas se interceptam nos temas eleitos e são elementos importantes na construção da imagem do progresso da capital brasileira. As poses da fotografia favorecem a urdidura de uma tipologia. A fixação de tipos é solidária à teoria da história dominante construída no período. A legenda da caricatura "tipos de outrora", reproduzida na página seguinte, reforça a intenção presente no projeto de saneamento e urbanização de eliminar estas ocupações da "cidade moderna".

"O fotógrafo é o ser contemporâneo por excelência;
através de seus olhos o presente se torna passado."

(Berenice Abbott)



Raul. *Cenas Cariocas. Primeiro Álbum*
in: Herman, Lima - *História da Caricatura no Brasil*, Rio de Janeiro,
2ª vol., 1963, pg 432

Nos primórdios da produção filmográfica brasileira encontramos a série de filmes Tipos e Coisas Curiosas. O primeiro filme deste conjunto (01) é intitulado "Aspectos da Avenida - O padre vendedor de fósforos". As diferentes linguagens visuais imputam um sentido à abordagem da cidade. Registro onde são cristalizados os movimentos do conflito econômico e cultural entre os vendedores ambulantes e os reformadores. A leitura crítica do material iconográfico do período possibilita trilharmos outros sentidos possíveis da remodelação urbana.

(01) O filme produzido por volta de 1908 em 35 mm, provavelmente pela Photo-Cinematographica Brasileira, mostra a trajetória de um ex-padre proveniente de Diamantina, Minas Gerais, que se instala na capital e vive da venda de fósforos baratos na Avenida Central. (Cit in: Guia de filmes, Rio de Janeiro, Embrafilme, 1984).

Porque encontramos hoje, na cidade do Rio de Janeiro, alguns destes personagens enquanto outros sucumbiram? A atual discussão sobre os "camelôs" cariocas nos dá a chave para a leitura do processo de "civilização" da cidade no início deste século. As Posturas Municipais e a imprensa nos mostram o ataque desferido neste comércio, responsabilizado pela não obediência às regras de higiene e urbanidade e por não engrassar a receita gerada pelos impostos sobre a circulação de mercadorias.(01)

Alguns ambulantes sucumbem, outros sobrevivem à toaleta topográfica e social da cidade. Desde o final do século XIX, a legislação busca regulamentar as atividades dos ambulantes. As baianas persistem, talvez pelo fato de serem caracterizadas pela limpeza e por contarem com o apoio dos letrados.

(01) Ver Apêndice no final da tese.

Em julho de 1889, estudantes universitários liderados por Carlos Seidl, então quarto-anista de Medicina, marcharam com laranjas espetadas em bengalas. Discursos inflamados foram pronunciados denunciando o abuso da autoridade policial em proibir a permanência da Sabina II no Largo de São Francisco. O movimento saiu vitorioso e garantiu à baiana o exercício do comércio de frutas. O evento entrou tanto para a história da polícia carioca como para a discografia brasileira. A música "Laranjas da Sabina" de Artur de Azevedo teve duas gravações. A primeira foi interpretada por Bahiano e a se-

gunda por Pepa Delgado, numa produção da Zon-O-Phone para a casa Edson.

Na luta pela sobrevivência do seu trabalho os ambulantes incorporam e contribuem para a transformação de algumas normas que lhe são endereçadas. Os registros visuais do período limpam as marcas imprimidas na vida urbana pelos ambulantes e os incômodos sentidos pelas classes abastadas diante da presença dos mesmos são apaziguados. A fotografia de tipos é exposta e consumida em cartões postais com o selo do exótico.

A sedutora suavidade da imagem

Além das fotos de tipos, Ferrez realiza uma série de panoramas e cartões postais. Nestes, podemos notar, pela observação do ângulo privilegiado e pela posição escolhida pelo artista, (situado no alto dos morros), a intenção de captar a totalidade do urbano. A chapa vai deslizar por detrás da lente ao mesmo tempo que a câmara gira. Movimentos que possibilitam uma impressão uniforme dos cristais que são sensibilizados pela luz e resultam na imagem que reúne os morros, os prédios e o mar. Fotos suaves que ultrapassam em extensão o alcance do ângulo de visão humana. Os panoramas são o resultado de uma percepção que se apresenta como total e contínua. Seriam ainda uma reação à vivência fragmentada, dispersa e repetitiva da vida nos grandes centros? A suavidade dos panoramas promove e

veicula a utopia da cidade jardim. Fixar um instante, aparar um choque e cristalizar uma imagem, movimentos que elegem objetos e, na memória dos habitantes do Rio de Janeiro, forjam fatos numa sequência lógico-temporal.

A redefinição da experiência da vida urbana e de seu caráter fragmentário são correlatas à produção de imagens inteiras e sem ligação entre si. "O efeito de choque das fotos paralisa o mecanismo associativo do expectador" (01). A legenda nomeia e dirige a leitura da foto. Na página seguinte, a legenda nos fornece uma informação que pela leitura imagética não nos seria possível obter. Ela promove a foto ao estatuto de documento visual de um fato histórico produzido no período: a Revolta da Armada. O sol da tarde incide sobre as paredes frontais das edificações. O jogo de luz e sombra ressalta os ângulos da paisagem retratada.

(01) Benjamin, W. - Obras Escolhidas, Magia, Arte e Técnica, São Paulo, Brasiliense, pg. 107.



Praia e Saúde durante a Revolta da Armada (1893)

A partir da metade do século XIX, podemos observar, na cidade do Rio de Janeiro, uma série de alterações no cotidiano da população através de uma progressiva entrada em cena das "maquinarias do conforto" (Iluminação, bondes, trem, esgoto). Estes equipamentos coletivos são a materialização de duas tendências: fixar os indivíduos pelo lar promovendo a família e, ao mesmo tempo, fazê-los circular por uma rede de trajetórias previstas e de instituições normativas tais como as ruas, as praças, a casa de comércio, a escola, a fábrica e a moradia. O processo de passagem de uma polícia sanitária a uma tecnologia das multidões se dá num contexto onde a cidade, pensada como meio formador do indivíduo é promovida a espaço de experimentação do saber médico, higienista e arquitetônico.

"Nada do que é urbano lhe é estranho" (01).

A imagem da cidade enferma, tão clara nos momentos de epidemia, onde as fronteiras geográficas e sociais da disposição dos bairros se apagam, é cristalizada. A cidade pensada como meio formador do indivíduo é a pedra de toque das intervenções urbanas ocorridas durante a gestão do Prefeito Pereira Passos (1902/1906).

Achamos significativo o fato da remodelação, ocorrida no início do século, ser solidária à campanha contra a febre amarela e à nova lei de obrigatoriedade da vacina. Por que só na primeira década temos a materialização e sistematização de medidas que, ou eram apontadas em planos, ou vinham sendo praticadas de forma pontual já no século XIX?

--- ---

(01) Machado, Roberto - Danação da Norma, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1978.

A legislação municipal deste período impõe uma série de multas e proibições a toda atividade ou forma de gestão do espaço que obstrua a circulação de água, esgoto, luz, veículos, corpos e mercadorias pelas vias que lhes são destinadas. O incentivo à circulação como fator de produção da saúde é correlato às formulações da teoria miasmática. Esta identifica os pântanos, os aglomerados de pessoas, onde prevalece a estagnação das águas e a ausência de ventilação, a pontos de irradiação da doença. As descobertas de Harvey sobre a circulação sanguínea, embora distante cronologicamente do período em estudo (1628), inspiram formas de organização do espaço urbano, como o calçamento das ruas e a drenagem dos fluidos.

Correlata a esta percepção fragmentada surgem as fisiologias na literatura, os retratos e os panoramas na fotografia. A condição de cidadão, corpo imerso nessa rede de fluxos que

circulam incessantemente, apresenta, como sua contrapartida nas novas formas de expressão artística, uma intenção simultânea de cristalizar o tempo e sobrevoar este espaço multifacetado.

Para a inauguração do eixo da Avenida Central no dia sete de setembro de 1904 foi construído um palanque de onde as autoridades contemplaram a avenida em toda sua extensão.

A modificação física da capital do Brasil é incorporada através da criação de novas soluções estéticas de representação da cidade. Na primeira década deste século é produzido o filme A Avenida Central apanhada de dentro de um automóvel. Os recursos técnicos empregados produzem uma "imagem-movimento" do símbolo da modernidade carioca: A Av. Central.

Tanto o "flaneur" quanto o fotógrafo experimentam dois impulsos: o de escorrer pela multidão e o de fixar determinados "instantes" e figuras. "A máquina confere ao instante uma espécie de choque póstumo" (01). A intenção de abarcar toda a cena urbana, de sobrevoar a cidade é a outra face do mergulho e da experiência dos "chocs". A fotografia expressa bem a indissociabilidade destas experiências. A pretensa objetividade e fidelidade de imagens é um forte argumento usado em seus primórdios, a favor do seu reconhecimento enquanto uma técnica que produz arte.

--- ---

(01) Benjamin, Walter - "Sur quelques thèmes baudelairiens" in Poésie et Revolution 2, Paris, Denöel, 1971, pg. 251.
Barthes, R. - A Câmara Clara, Lisboa, Ed. 70, 1981.

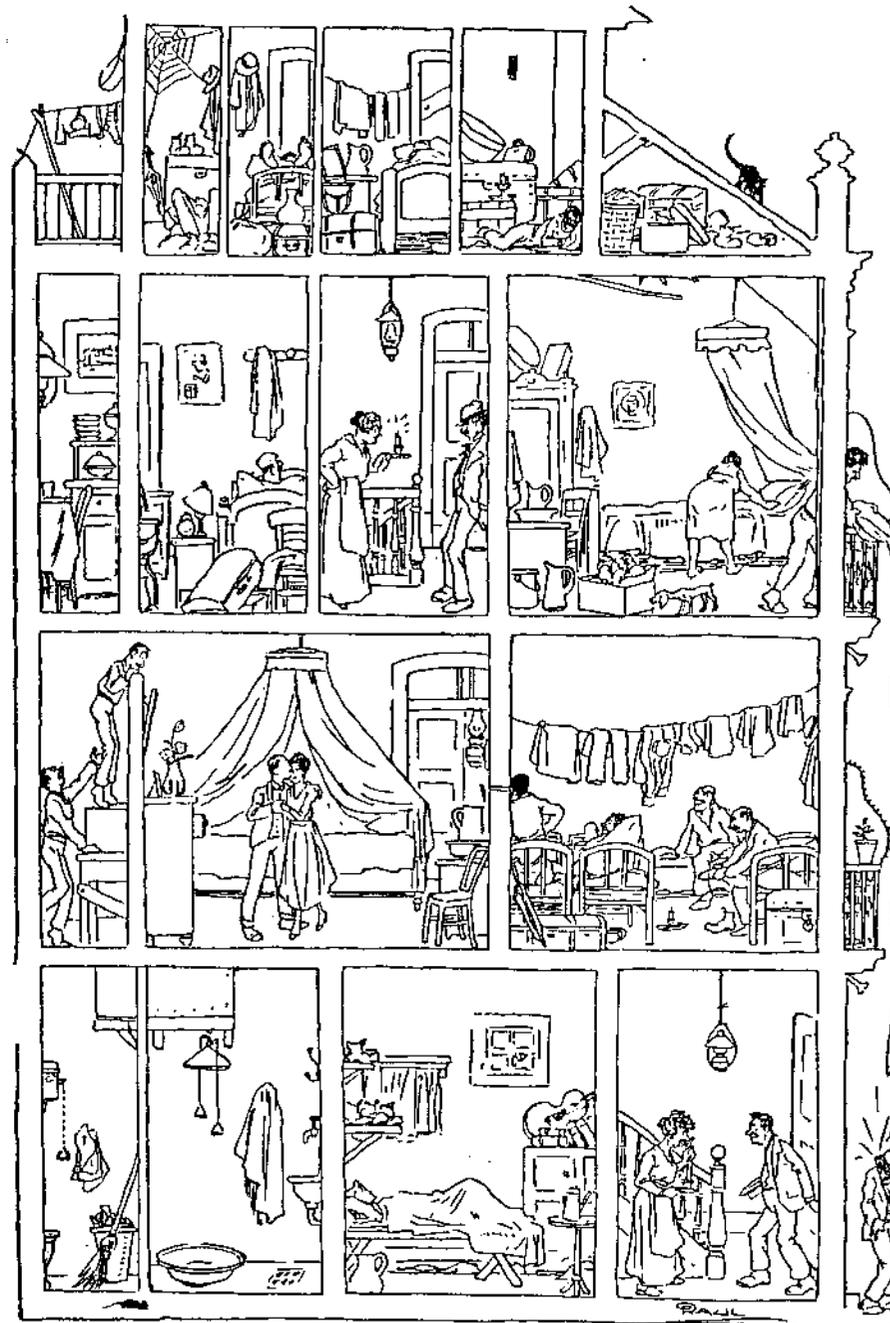
A idéia de uma reprodução fiel como resultado da precisão e regularidade do maquinismo, da possibilidade de reprodução e difusão, são explicações que ficaram para justificar seu triunfo. Afirmação da fotografia, num momento onde saberes como a higiene se instauram ao se apresentar enquanto positividade e progressivo acesso a verdades demonstráveis.

A fotografia, em seus primórdios, é herdeira de uma tradição pictórica onde o "vôo e captação de formas, no hiperrealismo dos contornos, (remontam) a famosa camera de Brubelleschi e as estranhas próteses imaginadas por Dürer." (01). Procedimento de ortopedia da percepção capaz de garantir uma clareza e limpeza de formas diferentes das obtidas através da percepção não instrumentalizada. Processo de elaboração da imagem e bloqueamento de toda fluidez. Limpeza da representação correlata à limpeza da cidade.

--- ---

(01) Merèdieu, Florence de - op.cit., pg. 153.

Podemos observar dois movimentos constituintes da nova percepção urbana: um, expresso nas minuciosas descrições e classificações dos corpos que habitam e transitam pelas metrópoles. Os detalhes são minuciosamente inventariados e assinaladas as diferenças e semelhanças dos corpos, a materialidade das edificações por meio de relatórios, enquetes ou mesmo da literatura que organiza verdadeiros arranjos em séries de tudo que nomeiam manifesto e constitutivo da cidade; empreendimento este que se faz a partir de outro movimento: o da experiência de estranhamento do homem que vivencia a dinâmica da cidade. A percepção sensorial orienta o movimento de remodelação urbana, ao assinalar, no espaço, pontos virtuais de contágio. O saneamento da cidade é também uma recodificação deste espaço. As redes de água e esgoto passam subterrâneas às vias de circulação dos corpos, segundo uma nova racionalidade de gestão dos fluxos e fluidos. A promo-



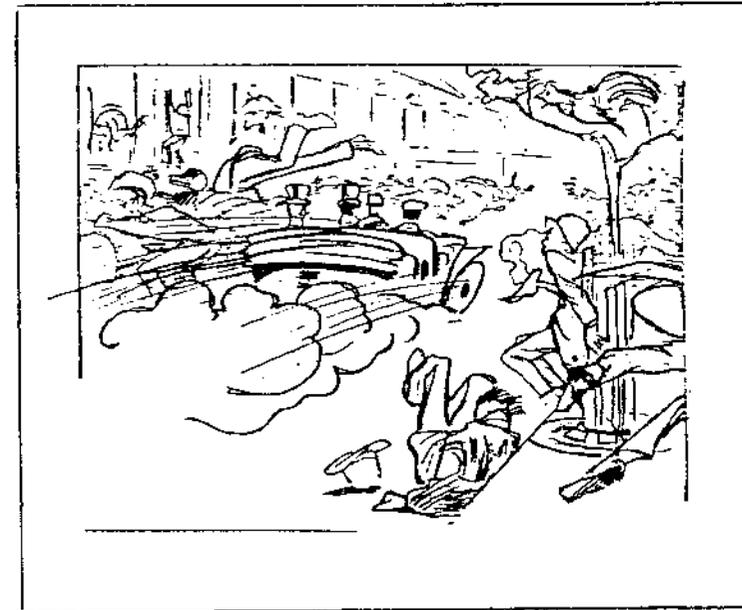
CASA DE CÔMODOS. Raul. *Cenas Cariocas. Primeiro Album*

ção da circulação é, ao mesmo tempo, apontada como condição de salubridade e pré-requisito ao funcionamento urbano e também como sentimento de inquietação e desconforto, expressão do desenraizamento do seu habitante. A ampliação da rede de transportes, com o bonde, o trem, a luz elétrica e a concentração de pessoas fazem, do cotidiano na metrópole, uma repetição de movimentos rápidos e bruscos.

Procura-se, ao mesmo tempo, promover a circulação rápida e eliminar o risco de ver bloqueado o fluxo de água, esgoto ou, até mesmo, de trigo. No início deste século, é criado, no Rio de Janeiro, um tubo subterrâneo ligando o Moinho Inglês ao armazém da companhia situado no cais. Rapidez e segurança no transporte da mercadoria que dificulta o roubo e o extravio deste produto



O NOVO FLAGELO
Incultos em passeio na Avenida e...



...a aparição do espectro, ou mais vulgarmente, a passagem de um automóvel oficial.
K.Lixto. *Fon! Fon!*

A partir do final do século passado, a produção gráfica ganha novo perfil com a crescente utilização das ilustrações. É lançado o fotojornalismo de A. Malta e o trabalho dos cartunistas K. Lixto, Raul e J. Carlos. As charges se afirmam como recurso fundamental da composição dos jornais e revistas na primeira década deste século. Entre os periódicos de grande divulgação temos o Jornal do Brasil, o Correio da Manhã, a Gazeta de Notícias, a Revista da Semana, o Malho, o Kosmos, o Fon Fon e a Careta (01).

(01) Herkenhoff, Paulo - "A modernidade da linha e do riso" in: *Arte Brasileira Contemporânea 3*, Rio de Janeiro, Funarte, 1983, pp. 35/38.



A SERVENTIA DAS JANELAS

Raul. *Cenas Cariocas. Primeiro Album*

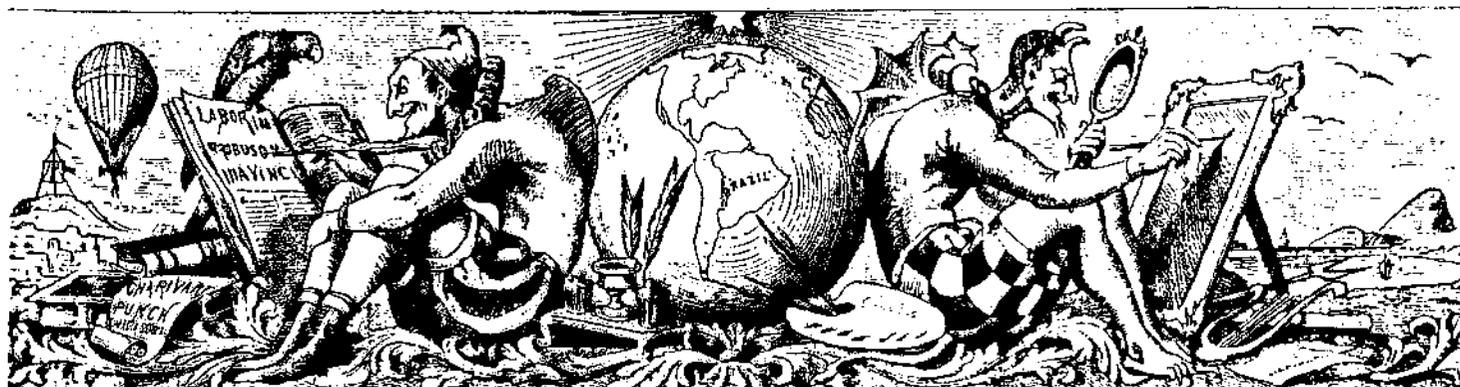
ASSIGNA-SE RUA D' OUVIDOR Nº 153 E DO ROZARIO Nº 43 1º andar.

A COMEDIA SOCIAL

Anno 2

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

Nº 78



"A galante cortezia dos nossos irmãos do Rio da Prata inspira-lhes quando visitam esta capital repetidas exclamações admirativas do esplendor da nossa pujante natureza, quase de nada mais fallam nem cuidam.

Pesa-nos este exclusivismo. Por mais incomparavelmente bello que seja o scenário de alcantilados montes e frondosas mattas que nos cercam, desejamos ganhar um pouco da admiração dos touristes para as nossas criações proprias, para as ruas, os jardins e as casas. Em balde tudo quanto temos feito é mesquinho em relação ao impotente quadro que moldura a cidade. A collocação de alguns edificios como a Igreja da Gloria ... Passeio Público, Jardim Botânico do Parque da Praça da República, é pouco, mais representa o esforço de muitas gerações para aprimorar e desenvolver as bellezas naturaes da terra carioca. Desta oppressiva situação, porém vem nos libertar a execução dos melhoramentos da cidade."

(Souza Rangel, "Melhoramentos do Rio", Renascença, dezembro 1904)

O fotógrafo Ferrez, ao enquadrar e fixar tipos claramente visíveis, subtrai da representação toda referência que incida na imagem dos personagens retratados e que pertence ao contexto urbano. Os tipos isolados são desconectados da realidade da qual fazem parte. Clareza da identificação pela imagem que a destitui dos elementos que nos permitiriam datar e ligar estes personagens à topografia da cidade.

As fotografias das construções e demolições nas proximidades da Av. Central, tomadas por Ferrez, são exemplos da limpeza realizada no reconhecimento fotográfico da cidade. Ao observá-las, compreendemos por que se denomina o local de construção de canteiro de obras. Na imagem reproduzida ao lado, os materiais usados estão cuidadosamente dispostos em séries, empilhados, arrumados; são o oposto das descrições presentes nas reclamações da população ao incômodo decorrente da remodelação urbana.



Obras da Avenida Central entre as ruas Gal Câmara e Prainha.
Revista Kosmos, setembro de 1904.

A imprensa escrita e as charges denunciam o pó, o barro, o barulho do qual são vítimas aqueles que habitam uma cidade desfeita/feita. As fotos anestesiavam a percepção dos cariocas. O registro mnemônico dos incômodos causados pelas obras públicas é arquivado. Domínio político das formas que desqualifica a percepção descontínua e imprecisa do homem na cidade e fornecimento de uma imagem que traduz o ideal de controle racional do espaço. Forma de olhar com os olhos da razão e da técnica que cria uma fantasmagoria do real absoluto. A veracidade do visível, onde há uma aposta irrestrita no avanço da ciência e da técnica, pressupõe uma correção estética da imagem que ultrapasse os enganos dos sentidos. No processo de desqualificação da experiência da vida urbana, a suavidade dos panoramas promove e veicula a utopia da cidade jardim.

AS OBRAS DA CITY

*"Valha-nos Deus! as nossas pobres ventas
ja não podem soffrer o immundo cheiro
Das taes obras da "City", pestilentas,
Que estão infeccionando um bairro inteiro*

*Si tu, leitor, passar acaso tentas
Pelo largo da Gloria, vae primeiro
Desinfecções fazer, as mais violentas,
Que aquillo é de microbios um viveiro.*

*Os mexe-canos, desde que amanhece
Até que o sol vae se afundar no occaso,
Cultivam de micróbios farta messe.*

*Não escuta a Hygiene os nosso gritos
Nem menor importância liga ao caso,
Occupada na guerra com os mosquitos."*

(Xiquete, D. - Versos Perversos - Poesias Satíricas em comentário aos acontecimentos políticos de 1904, Rio de Janeiro, Livraria Cruz Coutinho, 1905. Este livro é uma coletânea de artigos publicados na grande imprensa em 1904).

A Geografia do poder

Na virada do século, num debate sobre o saneamento da Cidade do Rio de Janeiro realizado no Clube de Engenharia (01), encontramos um exemplo de dois pontos básicos em torno do qual se constrói o discurso dos preconizadores da remodelação urbana:

"O povo que debellou o inimigo externo que abalou as rebeliões, que dominou os desertos, que talhou as pontes e viadutos, não resolveu ainda o problema elementar da vida em sua Capital e tem adiado indefinidamente aquilo mesmo que declara inadiável e curva-se abatido diante do inimigo que sabe que o vai devorar". (01)

O perigo interno - a doença e a possibilidade de preveni-la com a intervenção técnica sobre o meio.

Por um lado, temos os médicos enunciando os desequilíbrios na relação do meio e do organismo responsável pela doença. Por outro, os engenheiros desenvolvem estratégias urbanísticas que visam a corrigir estes desequilíbrios.

--- ---
 (01) O Clube de Engenharia, fundado em 1880, congrega industriais, comerciantes, ex-alunos da Escola Politécnica; dentre seus membros temos o futuro Prefeito Pereira Passos, o engenheiro Paulo de Frontin e o Dr. Bulhões (Rocha, O.P. A era das demolições na cidade do Rio de Janeiro 1870/1920, Niterói, UFF, 1983).

--- ---
 (01) Barboza, Castro, Saneamento da Capital Federal, Rio de Janeiro, Clube de Engenharia, 1899, pg.1.

Os numerosos e detalhados estudos e registros sobre a cidade e os modos de vida de seus habitantes viabilizam um investimento político de gestão dos corpos e dos fluxos de fluidos, onde se busca atacar as virtualidades. Formulação de uma tecnologia das multidões e da idéia de prevenção. A afirmação das normas de gestão da cidade passa pela delimitação dos elementos considerados como expressão do processo de degenerescência por que passa o homem nos grandes centros:

"Um solo offegante de elementos pathogenicos! Casas em que o ar nunca penetra, para dar ao misero habitador a sua tara physiologica e onde consequentemente o organismo não funciona normalmente! A restrição da vida é o início da morte!" (01).

Uma geografia do poder é fundada a partir do estabelecimento da relação entre a doença, a pobreza, a falta de higiene e o desconforto e formas várias de ilegalidade e imoralidade.

O Dr. Oliveira Bulhões, médico-demógrafo, ao participar da referida discussão no Clube de Engenharia, comenta: "o primeiro passo" a dar no saneamento da cidade é o saneamento da habitação e pergunta:

"Não faltam leis e regulamentos para esse fim; por que não se cumprem? por que razão está a cidade continuando a ser infeccionada por cortiços immundos? por que razão grandes casas no interior da cidade são subdivididas em cubículos indecentes para accomodar centenas de individuos em uma promiscuidade indecente e immoral?" (01).

(01) Barboza, C., op.cit., pg.2, g.n.

As causas assinaladas da doença recaem sobre fatores biológicos, ecológicos e morais.

O tema da morte é mobilizado como ponto de partida dos discursos dos médicos e engenheiros sobre o saneamento da cidade. O medo e o pânico são suscitados através das imagens veiculadas no período. A cidade é comparada a um barril de pólvora pronto a explodir; a ausência de condições sanitárias e a entrada dos imigrantes são apontadas como elementos que, ao se associarem, reagem e ceifam milhares de vidas.

(01) Bulhões, O., Saneamento da Capital Federal, Rio de Janeiro, Clube de Engenharia, 1899, pg.1.

Radiografia da cidade enferma contrastada à imagem do "Rio de Janeiro, cartão postal do Brasil":

"A capital da República não pode ser um cemitério e os Governos da União e Municipal uma companhia de coveiros", pronuncia o engenheiro Paulo de Frontin em 1899. (01)

(01) Frontin, P. - O saneamento na Capital Federal, Rio de Janeiro, Clube de Engenharia, 1899, pg.1. Este engenheiro ganhou notoriedade junto à opinião pública carioca a partir do sucesso do projeto "Água em seis dias". As medalhas comemorativas cunhadas na ocasião traziam inscritas as frases: "Trabalho livre" (em referência à Abolição) e "Confiança na Ciência e no trabalho Nacional"; a este respeito ver Rocha, D.P., op.cit., pp. 29/30.

A morte aparece como uma imagem impactante nos textos dos engenheiros e médicos. Sentimento de desconforto suscitado na campanha a favor da intervenção sobre o meio urbano "corrompido". Os pronunciamentos indicam um equacionamento do espaço da pobreza através da possibilidade aberta de uma gestão "científica" do espaço público e privado. As analogias estabelecidas entre o corpo e a cidade vão permitir uma série de convivências (01) que estão na base das "soluções urbanísticas".

A analogia à circulação sanguínea remete à justificativa da implementação das redes de água e esgoto e do cuidado com a ventilação.

A renovação incessante do ar, da água e o escoamento dos esgotos é postulada como condição para purificar o meio urbano e fazer funcionar a moradia.

Convivência com a idéia de sistemas semi-abertos ou fechados em estreita comunicação com o ecossistema. O Dr. Barbosa demarca a necessidade de uma segregação espacial dos trabalhadores, solução apontada por este autor de se conter a devastação de epidemias oriundas dos núcleos onde se concentra a população degenerada pelas péssimas condições de vida. Enunciado no qual a remodelação urbana surge como instrumento da solução científica para transformar o "limo vil" em "centros populacionais":

 (01) Cauguellin, A., "Connivence du corps et de la ville" in Esprit, setembro, 1982.

*"Um dos recursos eficazes para, ao menos, mino-
rar os males devastadores que assolão as capi-
taes é separar por grandes parques os bairros
populosos para impedir sua junção."*

(Barboza, C., op.cit., 3)

A analogia ao metabolismo do espaço ur-
bano. Os parques e a expulsão da população de
baixa renda do centro e a localização das fábric-
as próximas a áreas verdes atende a dois pre-
ceitos: o processo de valorização do solo urbano
que tem o seu ápice nas áreas centrais e as tes-
ses médicas sobre o poder oxigenador das plan-
tas. Desenvolvimento teórico da possibilidade
dos vegetais purificarem o ar viciado pela con-
centração dos homens nas metrópoles. As flores-
tas são descritas por Paulo Frontin como "offi-
cinas de saneamento". A destruição dos morros no
centro da cidade e o alargamento das ruas é jus-
tificado pela necessidade de aeração do espaço
urbano.

A analogia ao metabolismo urbano está
presente também na preocupação com o escoamento
e assimilação dos detritos orgânicos e com a
limpeza pública e privada. A construção e manu-
tenção das redes de esgoto e dos aterros colocam
na ordem do dia a reflexão sobre o solo urbano.
A drenagem de terrenos alagadiços somada à am-
pliação da rede de transportes possibilitam a
ocupação no séc. XIX da região que será denomi-
nada de Cidade Nova. (A cidade se expande em di-
reção a São Cristóvão, seguindo as linhas fér-
reas que foram sendo construídas). A preocupação
com o contágio e a contaminação da água, do solo
e do ar orienta a reorganização dos cemitérios,
a drenagem dos solos, a impermeabilização das
edificações. A física subterrânea se ocupa com o
cálculo do dispêndio de energia no percurso dos
fluxos e a projeção de redes independentes de
circulação dos fluidos.

As fórmulas dos engenheiros-sanitaristas são encontradas em tratados técnicos de intervenção sobre o meio ambiente. Todavia, o seu enunciado é pontilhado de imagens de impacto como a da ameaça da morte. Os médicos, com o apoio da estatística, reforçam o aspecto quantitativo e buscam conferir às suas teorias a legitimidade da ciência. Poder das imagens associado aos gráficos e estatísticas, estratégias de enunciação destes saberes que se apresentam como verdades demonstráveis. Verdades empíricas passíveis de uma leitura crítica.

No primeiro semestre de 1904, nas atas da Academia Nacional de Medicina, órgão que apóia a campanha sanitária chefiada por Oswaldo Cruz, encontramos uma discussão sobre as estatísticas oficiais. O médico Felício dos Santos levanta a questão da necessidade de um levantamento preciso da população carioca, como instrumento de uma topografia médica. Alguns acadêmicos se preocupam com as implicações nefastas à unidade da corporação decorrentes destes pronunciamentos. A divergência ao projeto médico oficial é negada "Não era preciso fazer censuras ao regime actual" pondera o Dr. Costa Ferraz. Mesmo assim, os acadêmicos que se atribuem o papel de conselheiros dos poderes públicos e da população leiga assinalam a imprecisão das estatísticas:

"Nenhuma conclusão positiva pôde ser tirada para aquilatar das condições de salubridade desta capital, desde que não é conhecida a sua população... trata-se apenas de conjecturas, não tendo valor algum as estatísticas apresentadas até agora, porquanto não foi feito um recenseamento que exprima o número exacto de habitantes do Rio de Janeiro". (01)

A academia decide por unanimidade solicitar junto à Directoria Geral de Saúde Pública o recenseamento da população. Teremos um novo recenseamento geral da cidade somente em 1906. O relato anterior vem reforçar a necessidade de estarmos atentos a dinâmica do embate de propostas sobre o saneamento da cidade do Rio de Janeiro; a discussão relatada não exclui o fato seguinte: Carlos Seidl, orador da Academia, recolhe junto a funcionários da administração pública hospitalar dados que reforçam sua argumentação em defesa da vacina. Embora ele tenha afirmado numa sessão ter recorrido à "pessoas idôneas" a fim de obter os dados vai retificá-los numa sessão futura. Fato demonstrativo da dificuldade de se estipular um controle da incidência de fenômenos mórbidos expressos numericamente. ("Actas da sessão ordinária de 28/07/04" in: op.cit., pg.133). O procedimento deste acadêmico reflete um acordo com a exigência do sa-

 (01) Santos, Felício, "Actas da sessão ordinária de 26/05/04", in: Anais da Academia Nacional de Medicina, 1904, pp. 307/311.

ber médico contemporâneo onde a previsão é realizada por meio do cálculo numérico.

É ilustrativo o fato das primeiras estatísticas usadas pelo saber médico no século XVIII terem sido mobilizadas para a comprovação da eficácia da vacina contra a varíola.

Observamos no contato com as fontes como se operam os recortes temáticos do período. O suporte teórico-conceitual usado por alguns historiadores faz com que posições sínteses, construídas na época, sejam rebatidas. Perde-se de vista uma leitura pluralizada onde os diversos enunciados contemporâneos corresponderiam a pontos distintos de uma trajetória cujos rumos não estão dados a priori. Pontos móveis, formadores de campos de força, que, ora se distanciam, que ora se aproximam, durante o processo em estudo. A demarcação das diferenças faz parte da estratégia de luta entre os formuladores da remodelação urbana. Os conceitos não são meras abstra-

ções, compartimentos ou etiquetas imputadas ao real. Entendemos que eles circulam e ligam as linguagens das fontes, da teoria e da narrativa histórica.

As lentes do saber médico e higienista varrem a cidade circunscrevendo espaços e promovendo-os a campos de experimentação: as escolas, os hospitais, os asilos, as moradias populares, os cemitérios, o porto. A concepção orgânica da cidade presente nos textos do período identifica, muitas vezes, o território urbano a um espaço fechado ou semi-aberto.

A ABERTURA DO DEBATE

Pretendemos neste capítulo, resgatar o debate em torno das práticas médico-sanitárias no início deste século; momento importante do processo de construção de um projeto de medicalização da cidade do Rio de Janeiro e de sua população. As intervenções no espaço urbano e tentativa de se reestruturar os hábitos da população carioca, entre os quais, o Carnaval e a Festa de Finados e a da Penha são alvo simultâ-

neo de aplauso e de crítica. A análise dos levantamentos populares contra a nova lei de obrigatoriedade da vacina nos possibilita uma leitura da dinâmica da constituição dos saberes médico-higienista e da engenharia urbana. Evitamos assim o risco de, seduzidos pela imagem projetada da cidade moderna, apagar a diversidade de forças em luta, unificar e fixar o discurso das práticas médico-sanitárias que triunfam.

Para cumprirmos esta tarefa se fez necessário um breve estudo da influência do pensamento positivista no interior do saber médico. As formulações da teoria positivista estão presentes tanto nas atividades desenvolvidas pela Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, como na formação de profissionais que se congregam em torno do Clube de Engenharia, em instituições como o Exército e até mesmo na obra literária de Lima Barreto, para citarmos alguns exemplos.

Nosso recorte temático das fontes consultadas visa apenas uma abordagem das críticas dos médicos positivistas referentes à vacinação, à assistência médica-asilar e ao papel biológico-político da mulher.

Neste capítulo, temos por objetivo abordar a discussão travada em torno das práticas médico-sanitárias preconizadas pela bacteriologia, imunologia e parasitologia.

De um lado, temos os sanitaristas oficiais defensores destas práticas. Do outro, encontramos os clínicos positivistas e a concepção naturista da relação saúde/doença. Os primeiros, ligados à pesquisa e à utilização da estatística, da química, das colorações, dos microscópios, da anátomo-clínica, ou seja, à utilização da técnica para instrumentalizar a produção da saúde.

Para os positivistas, ao contrário, o médico deve ser um expectador das forças da na-

tureza, cabe-lhe apenas o papel de facilitar, sem intervir diretamente no funcionamento do corpo, a vis medicatrix naturae. Ele deve reconhecer a evolução do mal e da possibilidade de cura. A crise é o momento privilegiado da observação. Ela torna manifesta "uma verdade" que o médico traduz no seu veredicto. A crise é um marco entre dois caminhos possíveis do trabalho da natureza: ou o equilíbrio orgânico é restabelecido, ou a doença culmina na morte e desagregação do organismo. Os médicos receitam dietas, buscam formar novos hábitos corporais em seus clientes e afirmam estar auxiliando a natureza a encontrar o seu equilíbrio e a permanecer nele.

A produção do saber médico consiste basicamente em duas etapas. Primeiro, o clínico classifica a doença por meio da elaboração de uma "árvore de sintomas". O segundo passo é aprender a singularidade da doença no corpo do enfermo. Os cuidados médicos são comparados ao

teatro. O corpo do doente é o palco, local onde se manifesta a essência da doença, onde se desenrola o enredo. O olhar qualitativo do médico circunscreve a doença específica ao remetê-la novamente aos quadros nosológicos e distinguí-la de outras que apresentam sintomas similares. Os fenômenos epidêmicos são observados por um olhar quantitativo. O contágio é apenas um fato da epidemia. O interesse médico reside em apreender a singularidade de determinada epidemia, situá-la no tempo e espaço, ou seja, circunscrever a sua individualidade histórica.

"Não havendo por conseguinte, entre a moléstia epidêmica e a moléstia esporádica sinão uma diferença essencial, na intensidade e na generalidade das causas." (Leal, Bagueira- Teoria positiva das epidemias, tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1881) (A.N.M.)

O Código Sanitário estipulado pela medicina oficial impõe a notificação compulsória das seguintes doenças: cólera, peste, a difteria, a febre amarela, a escarlatina e o sarampo. Os clínicos positivistas condenam esta medida por incorrer num duplo equívoco.

Primeiro, por suprimir o segredo profissional obrigando os médicos a fornecerem ao poder público informações da esfera da vida privada dos pacientes. Esta prática ameaça um dos pilares da medicina clínica: a confiança do doente no médico e a importância do caráter subjetivo da cura.

Segundo, por supor que médicos de formações diferenciadas cheguem ao mesmo diagnóstico. Os positivistas qualificam de irracional a montagem de uma política de saúde que tenha como ponto de partida os números e as curvas estatísticas. É impossível admitir a quantificação dos fenômenos mórbidos quando se parte do princípio de que só existe uma doença: a perda de saúde.

Correio da Manhã
28/08/04

FUROR E CONVULSÃO

"Estupendo o expediente do Ministro da Justiça e Negócios Interiores no Diário Official de hontem.

A propósito de ter o médico do Asylo dos Inválidos da Pátria, na ilha do Bom Jesus, deixado de notificar um caso de variola em sua clínica particular de ser por isto simplesmente o Sr. Oswaldo Cruz "induzido" como confessou a crer que esse médico, Dr. Bagueira Leal "pretende insuflar nos ânímos dos moradores da ilha princípios doutrinários estranhos".

(Álbum de recortes de Oswaldo Cruz, vol. 3, pg. 32). (M.FIOCRUZ)

"...um bacteriologista meticoloso, Koniger encontrou a fórmula mathematica para determinar a zona perigosa creada pelo homem que está tossindo e que espalha micróbios em todos os sentidos:

$$X = M \cdot \frac{P}{G}$$

$$M = K$$

P = peso de quem tosse

G = intensidade do peso
no lugar do acesso
da tosse"

Segundo Comte, "cada doente é um caso especial e no diagnóstico do médico positivista devem estar combinados os dois aspectos da natureza humana, o físico e o moral".

Segundo Foucault, as divergências entre os clínicos positivistas e os adeptos da bacteriologia, não é, uma luta entre um saber jovem e velhas crenças. O debate é travado entre duas figuras de saber e dois projetos políticos de gestão da sociedade carioca. As duas concepções em conflito se tangenciam em alguns pontos: na relação normal/patológico no conceito de regulação biológica e no meio pensado como formador do indivíduo. Os médicos em disputa partem destas reflexões que emergiram no século XIX e elaboram estratégias distintas de ordenação do espaço e dos corpos.

Augusto Comte importa o conceito de meio, da física para o campo da biologia. Este autor universaliza a teoria do meio ao estender o estudo do meio vital para o meio social. O

conceito de meio fundamenta a teoria positiva da história e do progresso. Para os positivistas cariocas, a vida é a troca de substância entre o ser vivo e o meio (01). O sistema ambiente modifica o organismo e este, por sua vez, exerce uma influência correspondente. A ação do organismo sobre o meio é negligenciável nos seres vivos, com excessão da espécie humana. Os homens por intermédio da ação coletiva modificam o meio. Esta ação pensada na história contemporânea é denominada pelos positivistas cariocas de "a tarefa regeneradora do social".

 (01) Para Comte, esta relação pode ser estudada e determinadas as variáveis quantificáveis e experimentalmente comprováveis, como o peso, o movimento, o calor, a eletricidade e as espécies químicas. "A qualidade do organismo acha-se reduzida a um conjunto de quantidades."
 Canguilhem, G. "Le vivant et son milieu" in La connaissance de la vie, Paris, Vrin, 1980, pp. 129/154.

Comte esquematiza a relação do meio e do organismo em dois ítems básicos:

1º *É o exterior que regula o interior, é a estabilidade do sistema solar que estabiliza os sistemas vivos pela mediação do meio.*

2º *A história humana é tão somente o desenvolvimento de um germe à actualização da natureza humana. O progresso é apenas o desenvolvimento da ordem (01).*

Cada organismo é uma totalidade pertencente à totalidade do seu meio. A imagem usada da harmonia na relação organismo e meio é a da alimentação. O alimento é fornecido pelo meio, a sua assimilação pelo organismo produzirá a harmonia meio/organismo necessárias à vida. Acontece porém, que as modificações do meio tendem a comprometer o organismo. Como conciliar a ordem e o progresso?

(01) *idem, op.cit., pp. 129/154.*

No século XIX, Malthus e Comte postulam a necessidade de um regulador de ordem moral e física dos cidadãos. Para o primeiro, esta necessidade é decorrente da tendência do crescimento da população ultrapassar o limite do crescimento da agricultura e produção de alimento. Nos animais, o freio desta tendência é a morte ocasionada pela concorrência por escassos meios de sobrevivência. Nos homens, o freio a essa tendência é o constrangimento. É a partir do cálculo das consequências nefastas da realização desta tendência, que o homem busca regular a população por meio da vis medicatrix rei publicae.

A teoria da história universal, elaborada pelo positivismo, a divide em três estados: o estado teológico, o metafísico e o positivo. No estado teológico a unidade do social é obtida com a religião:

"A unidade cerebral só é perfeitamente mantida entre os povos fetichistas onde um dogma rudimentar subordina o espírito ao coração, em virtude da pouca atividade do espírito." (01)

"Porque a evolução social aperfeiçoou o cérebro dos ocidentais, ao mesmo tempo que tornou mais delicado o seu corpo propriamente dito." (01)

O conceito de degeneração ganha um estatuto positivo. Degenerado é tudo aquilo que se encontra afastado do estado de natureza, distância marcada pelas modificações das constantes que o impedem de se manter num ritmo estabilizado. No estado fetichista, entre os povos primitivos, existe "a harmonia cerebral mais perfeita e conseqüentemente "a ausência de moléstia"(01). A evolução social produz um estado anárquico de conflito entre as opiniões e os sentimentos e uma predisposição à moléstia. As epidemias são uma conseqüência destas transformações:

O estado metafísico é caracterizado como um momento de transição, de crise e desorganização dos valores morais e da sociedade ocidental, observáveis a partir da Idade Média. De um lado, o momento metafísico é pernicioso, indeterminado e marcado pelo individualismo. Por outro, o estado positivo é caracterizado por sua organicidade, por sua afinidade à inscrição, pela simbiose entre o espiritual e o corporal, o progresso e a ordem. (02)

(01) Álbum de recortes de Oswaldo Cruz

(01) Leal, Bagueira- op.cit., pg. 69.

(02) Dagognet, F.- "D'une certaine unité de la pensée d'Auguste Comte: science et religion inséparables?" in Auguste Comte, Revue Philosophique de la France et de l'étranger, Paris, PUF, nº 4, oct/déc 1985, pp. 403/422.

"É essa extrema complicação de circunstâncias que explica a constituição patológica dos modernos. Ella permite compreender como as epidemias se vão se tornando mais numerosas e mais mortíferas a partir do século XIV, isto é, a partir da época em que começou a irrevogável dissolução do regimen feudal." (01)

Quando a ação modificadora do meio, ao atuar sobre uma determinada localidade, ultrapassa os limites, surge a moléstia. Para os positivistas, o tempo das epidemias é cíclico e o tempo do progresso é linear. Este enfoque fundamenta o posicionamento político deste grupo carioca face à política de saúde pública oficial.

(01) "Ainda contra a vacinação obrigatória" in *Jornal do Comércio*, 28/08/04. (M.FIOCRUZ)

"Não há governo capaz de impedir epidemias, como não há governo capaz de superá-las ... Fenômenos intermitentes, por sua natureza, as epidemias tendem a cessar fatalmente no fim de certo tempo." (01).

O "espírito positivo" estuda as leis naturais, ou seja, busca estabelecer relações de constância e de sucessão dos fenômenos observados em meio às variáveis.

(01) "Ainda em defesa da política republicana atraída pela hygiene oficial", Rio de Janeiro, IAPB, 1908, pg. 13.

Um exemplo deste procedimento metodológico é a definição de raça veiculada pelos positivistas cariocas. Citando Blainville, as raças são variações decorrentes da influência do meio sobre o organismo, que se tornam fixas e perpetuam-se pela herança, quando atingem a sua maior intensidade. Na raça branca predominam os nervos sensitivos e a função especulativa; na amarela a parte posterior do cérebro e a função afetiva e na negra os nervos motores e a função ativa.

O olhar do médico clínico investido do amparo institucional hospitalar busca o desvio. No século XVIII, o saber médico discorre sobre as características do corpo, vigor, flexibilidade, que são perdidos na doença. No século XIX, surge com a fisiologia o conceito de normalidade. O limite entre o normal e o patológico é de ordem quantitativa. A partir da Clínica, temos um olhar que calcula, prevê e rege a intervenção. Com a anatomia patológica "o signo (por ex., a febre, o pulso) não fala mais a linguagem natural da doença, só toma forma e valor no interior das interrogações feitas pela investigação médica. Nada impede, portanto, que seja solicitado e quase fabricado por ela... (O signo é o ponto de encontro entre os gestos da pesquisa e o organismo doente." (01)

A utilização da física e da química pela medicina revela a intenção de se criar artificialmente novas normas de funcionamento do organismo. Uma vez assumidas as modificações das constantes no organismo, temos duas tendências que separam o normal do patológico. A primeira, é a busca de constantes normais de valor propulsivo, quando a normatividade pode ser ultrapassada. A segunda, é a busca de constantes normais de valor repulsivo: temos a morte da normatividade resultante do esforço por se manter as normais a todo custo.

É a partir destes princípios que a imunologia opera. Os soros e as vacinas são introduzidos no organismo forçando-o a criar defesas contra esta invasão. No sentido oposto da imunidade, temos a anafilaxia (01). A questão

(01) Canguilhem, G. - O normal e o patológico, Rio de Janeiro, FORENSE/UNIVERSITÁRIA, ed., pg. 167.

posta é como ultrapassar uma estabilidade e manter a dinâmica da vida. Fazendo variar experimentalmente o meio. A experimentação médica é realizada a partir de uma nova percepção e de um novo discurso, cujo processo de constituição remonta ao nascimento da Clínica. Não é mais um olhar que decifra e lê a linguagem da vis medicatrix naturae. A partir de Bichat, a relação da vida e da morte ganha o estatuto positivo do conflito. A doença não é mais um acidente e entra numa dimensão anterior, constante e móvel com relação à vida (01). Comte denuncia Bichat de estar impregnado do espírito metafísico. O verdadeiro espírito positivo explica a morte como uma consequência necessária da vida. A despeito das divergências, este pensador é homenageado de forma mais particular, com busto na sede do IAPB e geral, num dos meses do calendário positivista que toma o nome de Bichat.

(01) Foucault, M. - op.cit. pp. 176/177.

O debate entre os sanitaristas oficiais e os positivistas não se reduz a um conflito entre a medicina atuante e a expectante. Trata-se de uma disputa por formas diferenciadas de intervenção no espaço físico da cidade ou nos corpos.

Encontramos no acervo particular do Dr. Bagueira Leal, cartas da Anti-Vaccination League of America e National Anti-Vaccination League (Inglaterra). Em outubro de 1908, este médico positivista é eleito vice-presidente honorário da Liga norte-americana; ainda neste ano, é convidado a participar juntamente com outros delegados brasileiros na Conferência Anual da Liga Inglesa. O convite inclui a oferta de auxílio a ser fornecido pelos ingleses aos participantes brasileiros presentes no encontro. Na leitura desta correspondência vislumbramos uma faceta da luta política dos positivistas que não aparece nos folhetos e matérias publicadas nos jornais.

O material veiculado pelos anti-vacinistas americanos e ingleses é incorporado no debate com os defensores do projeto médico-oficial. A despeito das alianças táticas, várias questões separam os anti-vacinistas dos positivistas. Nos folhetos ingleses intitulados "The vaccination Inquirer", encontramos a mobilização de argumentos do pensamento liberal contra a intervenção do Estado nos corpos dos cidadãos. Nossa hipótese é a de que a briga levada na Inglaterra contra a vacinação obrigatória pertence a uma antiga tradição de grupos privados europeus que atuam na assistência à população. Os anti-vacinistas acusam o Estado britânico de desobedecer a divisão entre as esferas de atuação do poder temporal e do poder espiritual. A ingerência estatal no domínio privado dos corpos cria o direito de resistência dos cidadãos. Concluindo alguns destes folhetos, encontramos a seguinte frase impressa: "God save the queen!" O reduzido mate-

rial disponível sobre os anti-vacinistas nos impediu de avançarmos nessa discussão. Os documentos encontrados foram conservados pelos positivistas cariocas. Encontramos também indicações da existência de exemplares do periódico "The vaccination Inquirer" da liga inglesa no Instituto Butantã em São Paulo, antigo Instituto Bacteriológico.

Em 1911, Bagueira Leal recusa o cargo de vice-presidente honorário da Liga Norte-Americana. Ele ressalta o seu papel de divulgador dos trabalhos de reconhecido mérito dos membros da diretoria. Assinala ainda, a incompatibilidade existente entre a sua filiação à Igreja e Apostolado Positivista do Brasil e o fato de ser membro efetivo da Liga:

"We (positivists) think that all these evils (vaccination, hatred, fraud, war, prostitution, misery, etc.) are simply cases, modalities of a

great general evil, that involves them all . This great general evil is "irreligion". In the day when shall triumph a demonstrable Religion, founded on Science, inspired on Love, all these scourges shall disappear."(01)

A vitória do saber médico-higienista ocorre a partir da disseminação das recentes conquistas da bacteriologia, imunologia e parasitologia. Em 1892, é regulamentado o Laboratório de Bacteriologia. Em 1901, é criada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a cadeira da Bacteriologia . O modelo médico e político da

(01) Carta de Leal, Bagueira dirigida ao Porter F. Cope, secretário da Anti-Vaccination League of America. Rio de Janeiro, 17/02//1911. (M.R.)

quarentena cai progressivamente em desuso. Na quarentena, observamos a cristalização do movimento e o registro centralizado dos doentes e dos mortos. Na Conferência Sanitária Internacional realizada entre o Brasil, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai, no ano de 1904, a quarentena nos portos é abolida.

O nascimento da periculosidade, da necessidade de se defender a saúde da população, de atacar as condições morbígenas do meio é solidária a idéia de prevenção.

O modelo da quarentena é, paralisar a cidade, dividi-la em quarteirões sob a vigilância de uma autoridade, colocar a enfermaria fora do perímetro urbano, desinfetar as casas e retirar delas todos os que caem doentes.

Já a bacteriologia, a imunologia e a parasitologia buscam estudar a interação do homem e do meio, intervir na dinâmica desta relação, de forma a prevenir que a população fique

doente. Àqueles considerados doentes em potencial, são compelidos a seguir as prescrições dos médicos oficiais. Em 1893, o Conselho Municipal decreta a vacinação nas escolas, estalagens e avenidas, residências da população de baixa renda.

No hospital de isolamento, é criado um quarto especial para o paciente de febre amarela. Uma moldura prende a tela que impede a passagem de mosquitos para o leito do doente. O cercamento visa proteger a transmissão da febre a outros pacientes internos e à população em geral. Encontramos no MIS fotos que registram esta experiência única.

HIGIENE E PROPAGANDA

No processo de mobilização da opinião pública a favor das práticas sanitárias oficiais, encontramos a força de sedução exercida pelas imagens da cidade do Rio de Janeiro - cartão postal, da cidade maravilhosa e da sala de visitas do Brasil. Durante nosso trabalho, não encontramos nenhum discurso fora deste quadro-referência que é o estandarte da remodelação urbana e das campanhas sanitárias, levadas no início deste século. Mesmo as inúmeras denúncias e ironias dirigidas ao Código Sanitário apelidado de "Código de Torturas", à violência do "Despotismo Sanitário" ou ainda às atividades coordenadas por "Guilherme Tela de Arame" movem-se no interior desta construção.

No dia 16 de novembro de 1904, num discurso proferido no Senado, Rui Barbosa argumenta contra a obrigatoriedade da vacina. Transcrevemos, trechos do discurso deste político pelo fato dos positivistas do IAPB terem eleito para figurar nos folhetos da campanha contra a vacina (01).

"Neste assunto, é hoje, pois, convicção minha, só uma certeza existe: a de que o Estado comete uma violência, a de que o Estado ezorbita das suas funções constitucionais, a de que o Estado perpetrar um crime, assumindo o papel de árbitro nesta lide e ditando penalmente a sua leviana sentença..." (02).

(01) Barbosa, Rui - extratos d'A Notícia de 11 e 12 de novembro de 1904 cf. in "Ainda a vacinação obrigatória e a política republicana", Rio de Janeiro, IAPB, nº. 259, pg..08F/IP-9 (M.R.)

(02) Segundo Ivan Lins, Rui Barbosa no período de 1875 a 1890, demonstrou ser simpatizante da teoria positivista.

Rui Barbosa apesar de ter sido vacinado, chama a atenção dos ouvintes para as dúvidas científicas existentes sobre a eficácia e a inoquidade da vacina:

"...Duvidoza pende ainda a verdade científica. Mas por isso mesmo, quanto à verdade jurídica não pode haver dúvida alguma. Assim como o direito véda ao poder humano invadir-nos a consciência, assim lhe veda transpor-nos a epiderme. Uma, envolve a região moral do pensamento. A outra, a

região fisiológica do organismo. Dessas duas regiões se forma o domínio impenetrável da nossa personalidade." (01).

Em 1904, Rui Barbosa mobiliza argumentos do pensamento liberal concernentes à separação do espaço público e privado e à esfera de atuação do Estado. Três anos depois, paradoxalmente este político louva o trabalho de Oswaldo Cruz, defensor implacável da obrigatoriedade da vacina. Observamos uma inflexão no posicionamento de Rui barbosa:

(01) *Idem - op.cit.*

"se Deus não suscitasse a missão de Oswaldo Cruz o Brasil teria o mesmo sol, com a mesma exuberância de maravilhas, mas o sol com a peste, com o impaludismo, com a febre amarela... e não teria o bem logrado sol dos países saneados." (01).

Rui Barbosa neste pronunciamento demonstra ter uma visão da história da medicina brasileira marcada pela atuação de grandes personagens. Ele referenda o discurso dos sanitaristas oficiais. Segundo os idealizadores do saneamento urbano, a luta pela obrigatoriedade da vacina não se reduz à defesa de um ponto de vista individual, mas diz respeito à tarefa patriótica de ter entre as mãos a responsabilidade da

(01) Barbosa, Rui - Painel da Exposição Permanente do Museu FIOCRUZ, cf. 1907.

saúde duma população. Este argumento traduz o esforço retórico dos sanitaristas para legitimar o poder do qual se investem quando da implementação de seus projetos.

Em novembro de 1904, a campanha contra a vacina conta com o apoio de vários simpatizantes na imprensa. Três anos depois, é significativo o espaço reservado à solicitação de medidas defensivas e ofensivas de combate às epidemias junto aos poderes públicos. Encontramos tanto pedidos de vacinação em massa dos cariocas como de fechamento de escolas públicas para suspender a propagação da epidemia. (01).

Nos anos seguintes a 1904, a campanha contra a vacina levada nos jornais vai se restringindo às matérias dos positivistas. Ao acompanharmos as notícias, chamou-nos a atenção o

(01) Álbum de recortes de Oswaldo Cruz, vol. 06, 1907/8, pg. 147 (Museu FIOCRUZ).

papel de destaque que a participação do Instituto de Manguinhos nas exposições internacionais ganha nos periódicos.

Na 3a. Conferência Internacional Americana o Instituto é premiado com medalha de bronze e com medalha de ouro, no Congresso Internacional de Higiene realizado em Dresden, Alemanha, em 1907. No Brasil, recebe prêmios na Exposição Comemorativa do 1º Centenário de Abertura dos Portos (1908) e na Exposição Internacional de Higiene (1909).

O reconhecimento oficial de outros países, expresso na concessão de prêmios aos "stands" brasileiros é um importante argumento usado a favor do projeto médico oficial dirigido por Oswaldo Cruz. Se a questão principal colocada pelos políticos é o saneamento e a reabilitação do Rio de Janeiro, o reconhecimento internacional dos profissionais que se empenharam nesta luta é o atestado da vitória do plano por eles

elaborado. Este raciocínio orienta a maior parte das notícias sobre a situação sanitária carioca veiculadas pela grande imprensa nos anos seguintes a 1904.

Chroniqueta

Está morto, para gaudio nosso

O espantinho do estrangeiro

O pretexto das campanhas

O mais formidável e funesto

dos nossos inimigos: a febre amarela.

Dentre em pouco, quando promptas todas as

nossas avenidas, sorrindo ao sol fulgurante,

no esplendor de seus bellos edifícios, ponteados

de árvores amigas, cheias de tumultuar de gentes

sonorizadas de risos alegres,

ressoantes de trote largo de fogosos cavalos

attrelados a vistosas carruagens,

há de ser motivo de assombro no sinistro império

que entre nós teve por tão longo tempo,

esse agente de nossa desmoralização,

e do qual se socorriam todos aquelles que

para nós não tinham olhares

de *sympathia* ou de *affecto*.

(A União 13/01/1905)

QUADROS DA FEBRE AMARELA

ANOS	DISTRITOS URBANOS		DISTRITOS SUBURB.		DISTRITO FEDERAL	
	Pop.	Tot. óbitos	Pop.	Tot. óbitos	Pop.	Tot. óbitos
1903	585695	584	163485	41	749180	625
1904	600057	48	171219	5	771276	53
1905	614831	289	179453	2	794266	291
1906	628872	42	188070		816942	42
1907	640044	39	196767		836811	39
1908	651443	4	206277		857720	4

(Costa, Nilson R. Estado e Políticas de Saúde Pública 1889/1930, Rio de Janeiro, pg. 76. cf Depto. Nacional de Saúde Pública - Relatório Anual, 1932, p.147.

Oswaldo Cruz conseguiu a aprovação do Código Sanitário em troca do compromisso de extinguir a incidência da febre amarela no Rio de Janeiro. Caso não conseguisse cumprir a sua tarefa, as normas jurídicas deixariam de ter validade em 1905. Neste mesmo ano, contudo, Oswaldo Cruz pôde fazer esta comunicação ao Presidente Afonso Pena, cujo mandato se iniciava "A febre amarela não existe mais sob a forma epidêmica no Rio". Em 1908 ocorreu um total de quatro mortes por febre amarela...

(Stepan, Nancy - Gênese e Evolução da Ciência Brasileira, Rio de Janeiro, Artenova, 1976, pg. 90, a.n.

O "Código de Torturas" e os direitos dos cidadãos

"Proverá porventura que se deva rasgar as carnes do indivíduo são para inocular-lhe o germen de uma molestia que elle não tem?" "Hospitales - Barracas" in: Jornal do Brasil 28/09/04

"... Mostrai-me o título divino ou humano, que vos conferiu o direito de intervir na substância de meu sangue. A natureza reservou as minhas veias ao seu domínio privativo. Pósso abrí-las, si me aprás, ao meu facultativo. Mas a lanceta official, sob uma imposição legislativa, não as penetrará, enquanto a certeza científica, de que a magistratura togada não é órgão, me não tranquilizar contra os males que lhe atribui o clamor dos competentes."

(Ainda a vacina obrigatória e a política republicana, Rio de Janeiro, IAPB, nº 259, pág. 11, A.E.L./Elf 167, 1908).



OS CELEBRES CÉREBROS
Oswaldo Cruz

N'esta perfuração arteriana,
É o másculo doutor de altas sciencias
Parece ver na natureza humana
Um campo vivo para experiencias

OS ESTRATEGISTAS DA VIDA E DA MORTE

Os positivistas buscam na etimologia da palavra vírus um argumento a favor da campanha contra a vacina. Vírus é uma palavra de origem latina que significa veneno, peçonha. Como admitir então que o Estado intervenha no sangue em circulação e administre um veneno no organismo? Os argumentos da esfera do saber médico se imbricam nos argumentos da esfera jurídica e moral na elaboração da campanha contra a vacina. Quando o equilíbrio natural é alterado os resultados da intervenção no organismo podem ter efeitos irreversíveis. O poder público não tem o direito de impor aos cidadãos uma experiência in animalii vili.

As pesquisas sobre a anestesia são contemporâneas às da vacina. No século XIX, John Snow (1813/58) realiza vários trabalhos de epi-

demologia. Este pesquisador fica famoso por ter sido anestesista da rainha Vitória.

A nota de Adorno sobre a anestesia é exemplar na descrição das apreensões ocasionadas pelos avanços técnicos do saber médico. Ela reflete os tênues limites existentes entre a criação de novas necessidades pelo saber médico e a busca de legitimidade para intervir no corpo do homem.

"O preço do progresso"

Em sua carta, recentemente descoberta, do fisiólogo francês Pierre Flourens, que teve a triste glória de ser eleito para a Academia Francesa ao invés de Vitor Hugo, se encontra um fragmento:

"Ainda não sei decidir-me a autorizar o emprego do clorofórmio na prática normal das operações. Como você sabe, dediquei a esse meio amplos estudos e me encontro entre os primeiros que descreveram com base nas experiências em animais, suas propriedades específicas. Meus escrúpulos partem do simples fato de que a ordenação da operação com clorofórmio, como provavelmente também outras formas de narcose, representam somente uma ilusão. Tais meios atuam somente sobre certos centros motores e coordenadores e sobre a faculdade residual da substância nervosa. Sob a ação do clorofórmio, esta perde

uma parte notável de sua capacidade de acolher e conservar rastros de impressões, mas não perde de modo algum a sensibilidade como tal. Minhas observações levam a conclusão de que, em relação à paralisia geral das enervações, as dores são sentidas ainda mais agudamente que no estado normal. A ilusão do público nasce da incapacidade do paciente para recordar o que se sucedeu, uma vez terminada a operação. Se dissermos a verdade aos nossos doentes, provavelmente ninguém se decidiria por este meio, mesmo que agora, como consequência do nosso silêncio insistam em que seja usado.

Mas inclusive se se prescindir o fato de que o único e problemático ganho é uma debilidade mnemônica relativa ao período da intervenção, a difusão prática acarretará, segundo minha opinião, outro grave perigo. Dada a crescente superficialidade da cultura acadêmica geral de nossos médicos, a medicina pode ser levada, graças ao emprego sistemático destes meios, a cumprir rápidas intervenções cirúrgicas cada vez mais complicadas e mais difíceis. Em lugar de realizar estes experimentos, a serviço da investigação em animais, servirão de cobaias sem saber, estímulos dolorosos que por sua natureza específica, podem superar todas as sensações conhecidas do gênero, produzam no enfermo um dano psíquico perdurável ou conduzam diretamente, sem que se interrompa o estado narcótico, a uma morte indescritivelmente atroz, cujos detalhes seriam ignorados para sempre pelos parentes e pelo mundo. Não seria um preço demasiado alto a se pagar pelo progresso?"

Se Flourens tivesse razão nesta carta, os obscuros caminhos do governo divino estariam de vez justificados. O animal resultaria vingado dos sofrimentos infligidos por seus torturadores; cada operação seria uma viviseção. Poderia surgir a suspeita de que nos comportamos

com os outros homens e com a criatura em geral, de forma não diferenciada daquela com que nos entregamos a uma operação: cegos à dor. O espaço que nos separa dos outros, não teria mais significado, para o conhecimento, do que o tempo que nos separa da nossa dor passada: a de um limite infranqueável. Mas o domínio permanente da natureza, a técnica médica e não médica, alcança sua força graças a este cegamento e se torna possível somente graças ao esquecimento. Perda da recordação como condição transcendental da ciência. Toda reificação é um esquecimento."(01)

O ataque dos positivistas ao Código Sanitário, a vacinação obrigatória, à dissecação de corpos de indigentes, e ao monopólio funerário concedido à Santa Casa de Misericórdia se baseia numa visão da história e num conceito de governo específicos. Gostaríamos porém de ressaltar que mesmo dentro do grupo de partidários da teoria positivista, encontramos divergências

(01) Adorno, T.W. e M. Horkheimer - Dialética del Iluminismo, Buenos Aires, SUR, 1970, pp. 272/273.

----- - Dialética do Esclarecimento, R.J., Zahar ed., 2ª ed. 1986, pp. 213/215.

com relação a análise do papel da higiene pública e da vacinação. Em São Paulo, o médico Luis Pereira Barreto não pertence ao grupo ortodoxo de positivistas ligados à Igreja e Apostolado Positivista do Brasil. Segundo Ivan Lins (01) o médico citado é adepto da bacteriologia, tendo desenvolvido método de cultivo de vinha no Estado de São Paulo.

"É preciso que as noções sobre os direitos do homem sejam modificadas, de modo que não continue a prevalecer a opinião que arvora o arbítrio individual em dogma mortífero para a generalidade dos cidadãos." "...nas situações de perigo coletivo, impõe-se o despotismo sanitário. A vacina obrigatória, por exemplo, não é medida arbitrária submeter-se à ela é dever do cidadão."

(01) Lins, Ivan - História do Positivismo no Brasil, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1967, pg. 84. (g.n.).

Os clínicos positivistas fazem objeções à tendência de instrumentalização crescente do diagnóstico e da terapêutica médica, bem como das pesquisas e experimentações biológicas produzidas nos laboratórios. Os clínicos criticam os procedimentos adotados nas investigações bacteriológicas como responsáveis por alterar a rota natural dos seres vivos. As colorações nas pesquisas, e a dissecação dos cadáveres de indigentes nos anfiteatros da Faculdade de Medicina, são qualificados de atividades metafísicas, fruto de um experimentalismo irracional. A idéia de se prevenir o ataque do vírus por meio da vacinação é questionada em sua eficácia. Os médicos clínicos contribuem com suas formulações para a resistência à vacinação.

A profilaxia "é uma terapeutica transcendente, pois o seu fim não é mais do que curar as moléstias por antecipação. Em que a vacinação pôde

combinar-se com essa subordinação, si ella não é o emprego ponderado de nenhum elemento que concorra normalmente para a nossa vida?"(01)

As reações dos corpos na fase de implementação da vacina, se soma a recusa em aceitar que o "micróbio" possa tanto, provocar a doença ou a morte como, ser investido de qualidades profiláticas que propiciem a preservação da saúde.

Durante a pesquisa do teste de tuberculose, vários indivíduos morreram em consequência dos experimentos dirigidos por Koch.

(01) Leal, Bagueira - A questão da vacina, Rio de Janeiro, IAPB, 1904, pg. XXXV.E1/448 (A.E.L.)

Durante o século XIX, vários médicos entre os quais, o Prof. Mournier da Faculdade de Medicina de Paris, autor de Lyções de syphilis vacinal (1889) e o Prof. Mutchinson do Colégio Real de Cirurgia da Inglaterra versaram sobre a transmissão da sífilis pela vacina contra a varíola. Além da sífilis, a vacina humana provocou algumas epidemias de hepatite. Com o advento da vacina animal, o número de doenças transmitidas neste processo de imunização ficou reduzido. Segundo os jornais do início do século, restava ainda a possibilidade da linfa elaborada nos vitelos transmitir tuberculose bovina.

Não encontramos no Instituto Oswaldo Cruz nenhum registro sobre as reações à vacina contra a varíola. Silenciar sobre as reações mórbidas provocadas nos testes imunológicos é compactuar com a irracionalidade de algumas experiências realizadas no corpo humano. A lógica das experiências nas ciências da vida não pode

ser idêntica à das ciências duras (física e matemática).

Os médicos da Academia Nacional de Medicina desenvolvem desde a sua fundação, uma campanha contra a homeopatia e a favor de uma medicina oficial. Eles cobram dos médicos homeopatas a incapacidade de produzir um equilíbrio estável no organismo e garantir a cura. A prescrição homeopática visa produzir sucessivos sintomas no organismo, conforme a evolução do quadro patológico do paciente. Segundo os membros da Academia, o tratamento homeopático só termina com a morte, o que atesta a ineficácia prática deste saber.

Achamos significativo o fato do hospital carioca onde trabalhavam diversos médicos homeopatas, situado no Largo de São Francisco ter sido demolido durante a remodelação da cidade do Rio de Janeiro, no início deste século.

João do Rio na sua obra As religiões do Rio descreve uma infinidade de grupos místicos que se dedicam a proporcionar, seguindo os mais variados métodos, assistência à saúde mental e física da população pobre.

A Federação Espírita Brasileira assina o artigo "O regulamento Sanitário e o Espiritismo" (01) onde denuncia o cerceamento oficial às suas atividades de cura.

Nesta matéria jornalística, a Federação declara ter fornecido 48.309 consultas e diversos serviços de beneficiência. Os médiuns são geralmente funcionários públicos e empregados do comércio. No ano de 1904, a Federação contratou um médico para seguir os casos mais graves e fazer as notificações exigidas pelo regulamento sanitário. Esta associação recrimina o exclusivismo do regulamento sanitário que proíbe a todo

(01) In Jornal O Paiz, 20/03/04.

Mas devemos confessar que sem uma lei rigorosa, draconiana se quizerem, é impossível modificar hábitos higienicos detestaveis e inverterados em uma cidade como a nossa, que recebeu desde os seus primórdios a teima em conserva-la, a norma tacanha e racional, deixada pelos primeiros colonizadores, em materia de construção de domicílios e maneira de occupa-los."

(Revista de Medicina Tropical, ano XVIII nº 12, 22/03/1904, pág. 120).



Ou vae ou rachai

médico assumir a responsabilidade do tratamento feito por não-profissional e imputa penas aos infratores. Segundo a lei, o exercício da medicina restringe-se aos diplomados. A Federação Espírita fornece exemplos de cientistas franceses pertencentes ao Institute Psychologique Internationale, membros da Academia Francesa, entre os quais, o último diretor do Instituto Pasteur. A Federação se soma a outras vozes que criticam o materialismo médico e o descaso diante da necessidade de se garantir o reconforto espiritual aos enfermos.

Os médicos positivistas cariocas, têm como horizonte de reflexão, a clínica e a importância por ela atribuída à subjetividade na relação médico-paciente durante o processo de cura. Ressalta-se a questão da liberdade no exercício da medicina.

"Mais do que qualquer outra profissão, a arte de curar exige a mais completa liberdade. Longe de repellar a concorrência dos empíricos honestos, todo digno médico deverá abster-se de invocar contra elles qualquer repressão legal e apenas deverá esforçar-se por substituí-los na confiança dos doentes. Só uma apreciação defeituosa do estado da opinião poderá levar os governos a manter uma proteção muitíssimas vezes, immerecida e que só pôde retardar a regeneração da medicina."

E pela autoridade de sua palavra, é pela sua conducta e pelo seu devotamento que um verdadeiro médico conseguirá substituir-se aos curandeiros quaesquer." (01)

(01) Robinet - "Trechos extraídos das Considerations sur la repression de la medicine illégale" cit in: Lemos, M. - "A liberdade espiritual e o exercício da Medicina", Rio de Janeiro, IAPB, 1898, pp. 13/14.

Ver ainda Barreto, L.P. - Do exercício ilegal da Medicina, A Provincia de São Paulo, cf. in Lins, I - op. cit., pg. 82

Os positivistas ressaltam o papel moral do médico e a relação estabelecida entre ele e o paciente e chamam a atenção para a questão da confiança, da eficácia e da competência na atividade médica.

Diferentemente, os médicos da Santa Casa de Misericórdia, fornecem consultas gratuitas à população pobre carioca. Estas consultas são implantadas a partir de 1828 e visam simultaneamente combater o charlatanismo e ganhar a confiança da população para práticas médicas que não são aceitas.

Para os positivistas, a única forma possível de se eliminar o charlatanismo é a efetivação de um projeto moralizador da população. Eles postulam a disseminação das conquistas da higiene, através da mulher, que deve ser mobilizada para cumprir a sua tarefa de regenerar a sociedade. O instrumental a ser fornecido à mulher é fruto da elaboração de teóricos que sis-

tematizam o bom senso vulgar. A ciência para eles é apenas um prolongamento da observação empírica. Os valores culturais e morais de um povo são aproximados do discurso científico. As formulações dos positivistas mascaram a relação de poder/saber presente na relação médico/paciente. Ao invés da imposição, eles assinalam a idéia do consenso, do acordo e da troca de experiências. O projeto dos clínicos positivistas é apresentado como um remédio edulcorado face às restrições e sanções presentes no Código Sanitário, popularmente conhecido como "Código de Torturas". O projeto positivista de assistência médica da população carioca revela aos leitores atentos, uma intenção totalitária (01) de gestão de espaço físico e dos corpos.

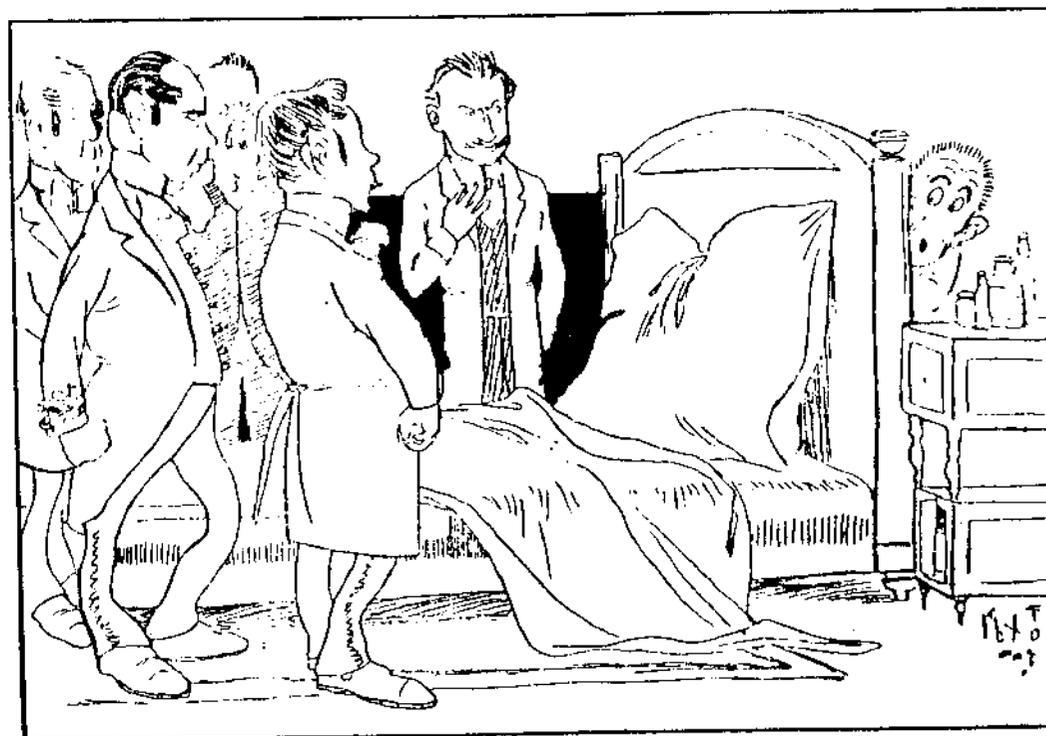
(01) O uso deste conceito se distancia do emprego usual dado nas ciências políticas e aproxima do conceito de "máquinas totalitárias capitalistas".

Guattari, F. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo, São Paulo, Brasiliense, 1981.

"L'hygienist ne peut se dispenser de tenir compte de la mentalité des groupes ethniques, des foules ainsi que de celle des individus pour l'usage desquels il édicte ses préceptes."

"L'hygieniste doit être une diplomate au moins tout autant qu'un savant. Il doit conquérir le suffrage de la foule par la puissance de la parole, de son exemple. Les sanctions administratives, législatives sont de valeur à peu près nulle..."

CONFERÊNCIA SANITÁRIA



Com tanto médico junto, é de esperar que o doente se salve... Salvo se...

(Chavigny - Psychologie de l'hygiene, Paris, Flamarion, s/d, cap. I e II)

Jaime Silvado, médico da diretoria Geral de Saúde ligado à Igreja e Apostolado Positivista do Rio de Janeiro produz alguns opúsculos onde desenvolve a crítica à assistência médica asilar (01). Segundo este autor "os hospitais civis que o Estado mantém são simplesmente hospitais de isolamento, cuja manutenção antes visa o bem estar dos sãos do que a assistência aos enfermos; como prova-o o facto de serem elles creados e mantidos para o sequestro de enfermos de molestias contagiosas, que se constituam focos de infecção para os sãos. Vê-se bem quão diferentes são esses dous pontos de vista."(02)

(01) Silvado, Jaime - A assistência Pública no Rio de Janeiro, (Projeto de organização) São Paulo, Escola Typographica Saleziana, 1904.

(02) Silvado, Jaime - A propósito da Assistência Pública, Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 1903, pg. 18.

A crítica aos hospitais, é endereçada a todas instituições de sequestro, como a escola e a creche. Estas são acusadas de usurpar o papel formador do meio familiar e em especial, da mãe junto aos filhos e ao marido. Segundo os positivistas, estas instituições devem exercer apenas um papel provisório durante o processo de regeneração da sociedade. A construção sólida dos prédios escolares e hospitalares é criticada por eternizar um mal, uma situação que deveria ser contemplada como passageira.

O internamento compulsório de corpos atingidos por doenças epidêmicas é criticado segundo as formulações da Clínica. A epidemia possui uma temporalidade própria, cíclica. As intervenções terapêuticas são ineficazes nas suas tentativas de intervir no ritmo do tempo orgânico.

A invenção técnica se inscreve na temporalidade técnica, que é descontínua e dife-

rente da temporalidade biológica que é maturação e duração. No tempo da natureza, o ensaio e o erro viabilizam ao ser vivo aprender com o erro. Ao contrário, na intervenção técnica, a velocidade das reiteradas tentativas suprime o tempo necessário ao aprendizado pelo erro.

Os hospitais são considerados pelos positivistas como um meio artificial. Os doentes internos são sequestrados do seu meio natural: a família. Os hospitais são acusados de mascarar a "natureza selvagem" da doença e dificultar a percepção médica.

A intervenção técnica produz novos signos e instrumentaliza a observação e os cuidados com o corpo. As práticas de inspeção visual, auscultação, palpação e a utilização de microscópios, promovem uma reconstituição do léxico de signos.

As críticas dos positivistas reforçam o descrédito popular com relação à instituição

hospitalar. Junto à população carioca é quase consenso reconhecer o hospital como local da morte. Paulo Gadelha, na sua dissertação de mestrado, nos relata a seguinte crença difundida no início do século XX: acreditava-se que, à meia noite, na Santa Casa de Misericórdia, os efetivos deste hospital distribuíam um chá mortífero com o intuito de liberar leitos e atender a crescente demanda, em períodos de epidemias.

Recordemos que, nos hospitais do século XVII e XVIII, era esparsa a presença de médicos pois o objetivo desta instituição era fornecer tranquilidade e reconforto espiritual na morte. Estes cuidados estavam à cargo de padres e irmãs, responsáveis pelo agenciamento dos hospitais.

É a partir do avanço tecnológico da medicina e especialmente da anátomo-patologia que o hospital se apresenta como um local onde se identifica o mal e se produz saúde. No entanto,

nem mesmo a higiene ou a idéia de prevenção, conseguiram subtrair desta instituição o estigma de espaço da morte.

Os positivistas criticam o privilégio funerário da Santa Casa de Misericórdia concedido em 1850 e renovado sucessivas vezes até o início do século. Este privilégio é obtido em troca do encargo de construir três enfermarias onde a população pobre é assistida nos períodos de incidência de epidemias. A N. Sa. da Saúde é a única que continuou funcionando regularmente nas décadas seguintes. A de S. Francisco Xavier teve existência esparsa e a S.J. Batista da Lagoa se transformou no Hospício São João Batista. A construção do Hospital Geral se inicia em 1840 e termina em 1896, tendo sido concebida dentro do modelo terapêutico e vetado o internamento de epidêmicos, loucos, ou doentes incuráveis. Na década de 90, o hospital se abriu ao treinamento profissional de estudantes de Medi-

cina. Há ainda uma separação no atendimento dos indigentes e da clientela privada. A taxa de mortalidade das duas enfermarias reflete a variação nos cuidados dispensados aos doentes conforme o seu poder aquisitivo.

As técnicas terapêuticas redimensionaram a fronteira entre a vida e a morte. Não se trata apenas de prevenir a doença, mas também de negar a morte, prolongando com recursos técnicos a vida.

"A medicalização da morte é um efeito último desta medicalização da saúde; o médico nega a morte porque ele é o guardião da saúde e não mais apenas o adversário da doença: A morte perde o seu estatuto natural e passa a ser encarada como um desafio para a ciência. O desenvolvimento técnico dos procedimentos terapêuticos leva a redefinição dos limites temporais do organismo" (01)

(01) Puymeges, Daniel, "La crise des systemes de santé: la médicalization de la mort" in *Milieux* nº 13, Fevereiro/Maio 1983, (Revue Trimestrielle du Centre de Recherches sur la Civilisation Industrielle, pg. 38/44).

Processo no interior do saber médico que fica patente se nos reportarmos à questão atual da eutanásia.

Segundo Ariés, no século XX nos aproximamos do século XVII onde no artigo morte, da Enciclopédia de Diderot e d'Alembert, se discerne dois estados possíveis: a morte imperfeita que é a parada dos órgãos e a morte perfeita que corresponde à destruição artificial ou natural dos órgãos.

É no movimento de expansão da fronteira Vida/Morte que observamos uma preocupação em se

detectar instrumentalmente o momento e as circunstâncias da morte. A medicina legal se desenvolve e generaliza-se a prática das autópsias.

A negação da morte e a idéia de prevenção fundamentam as discussões levadas sobre a assistência médico-asilar e ambulatorial. O debate do período aponta para a necessidade da reforma hospitalar, ou seja, a criação de um espaço organizado e funcionalmente equipado de forma a atender a população doente. Privilegiam-se no entanto, iniciativas como as das Policlínicas que se pautam pela assistência ambulatorial em detrimento do internamento. Este tema volta a ser debatido na década de 20, em função da política de descentralização de assistência pública.

Contrários ao internamento dos doentes, os médicos positivistas cariocas postulam a assistência domiciliar.

A crítica ao internamento dos doentes é apontada por Proust em seu livro Traité d'hygiène:

"Gardons-nous de croire que dans le nombre des maladies, il n'y en ait pas la nostalgie, la tristesse, la terreur même, assiegent dans ce séjour nouveau, peuplé d'infortunés et où les affections de famille ne pénètrent qu'à des intervalles réglés, gardons-nous également de nier que cet état de la sensibilité morale et le l'Imagination ne puisse se part d'influence sur l'issue de la maladie." (pág. 27)

O hospital é criticado do ponto de vista moral, promiscuidade de corpos e afastamento do meio familiar; econômico, são apontadas as deficiências das instalações e do quadro de pessoal e o fato desta instituição ser mais onerosa e menos eficiente que a família investida medicamente e promovida a local de cura.

Os positivistas resgatam a discussão em torno dos hospitais, ocorrida durante a Revolução Francesa para legitimar as suas posições diante da medicina oficial.

A crítica à assistência médica asilar se aproxima em muito da discussão que, realizada no século XVIII, deu origem a várias iniciativas na Inglaterra e na França de dispensários para crianças pobres e ao desenvolvimento de uma política de saúde que se apoia na extensão de uma rede de cuidados médicos junto à população.

O projeto de medicalização da sociedade se daria segundo os positivistas, através da família e da demanda por parte de seus integrantes, dos conselhos dos médicos, higienistas e arquitetos. Este objetivo deverá ser alcançado lentamente através da progressiva aceitação "de uma doutrina universal, ditando todos os deveres, ponderando alma e regulando o corpo; acei-

tação esta que importa o advento de um novo sacerdócio" (01).

"Não há sociedade sem Governo".

"Esse Governo que surge dos ofícios materiais, é insuficiente, porque só vê o presente. É necessário uma autoridade que desenvolva nossa ligação no passado e no futuro. Tal é o papel da classe teórica do sacerdócio".

O sacerdócio é traduzido como tarefa dos detentores da teoria positiva.

Notamos nas formulações dos positivistas uma aproximação das formulações de Spencer (02). Para os positivistas cariocas, a sociedade atual se encontra na passagem do estado guerreiro ao estado industrial. Uma das diferenças en-

(01) Mendes, R.T. - A liberdade espiritual e a vacinação obrigatória, Rio de Janeiro, IAPB, 1902, nº 56.

(02) Spencer, H. - Essais de Morale, de Science et d'Esthétique, Paris, Felix Alcan, 1885.

tre estes dois estados é o sentimento dos homens em relação ao trabalho; se, no estado guerreiro ele é encarado como um castigo, no estado industrial é um "encanto". Cabe aos estadistas contemporâneos "dirigir pacificamente a atividade industrial, encaminhando criteriosamente a eliminação dos destroços da civilização".

Ao enquadrar a divisão da sociedade em classes como atributos do passado, os positivistas imputam um sentido à história. Os "destroços" devem ser removidos para desobstacularizar a marcha do progresso. Esta postura política está ancorada na concepção orgânica da sociedade pensada como um todo em equilíbrio.

A "regeneração" da sociedade deve partir da incorporação do proletariado que se encontra: "acampado" na sociedade moderna. "Não tem domicílio, não teve infância, sua adolescência passou nas oficinas; não tem Mãe, sua Mãe vê

o tempo consumido em trabalhos pesados e incessantes, quando não é arrancada do lar para as oficinas, seus filhos são entregues aos cuidados mercenários das creches, na moléstia tem o hospital, na velhice tem o azilo, na morte o anfiteatro..."

"... Tratando-se de descrever a constituição política da sociedade, por ex., vemos que por toda parte, a sociedade se compõe de quatro providências. A primeira é a providência moral, ou a Mulher. A segunda é a providência intelectual, ou o sacerdócio, ou a classe teórica, formada pelos sacerdotes propriamente ditos, pelos poetas, pelos médicos, pelos cientistas, etc." (01).

 (01) Mendes, R.T. - "A preeminência moral e social da mulher", Rio de Janeiro, IAPB, 1908, pg. 142.

A crítica às instituições de sequestro se funda na valorização do papel da mulher de geradora da vida e divulgadora da moral. O hospital, a fábrica, os asilos são apontados como responsáveis pelo desenraizamento do proletariado na sociedade moderna. Estes locais raptam os indivíduos do meio natural onde deveria se processar o desenvolvimento físico e moral dos cidadãos: o lar. A promoção da família à célula básica da sociedade pressupõe um investimento médico e arquitetônico capaz de recuperar esse meio natural que foi corrompido pelos vícios da civilização

"A mulher se acha mergulhada em certo meio social recebe as impressões de tal meio em seu cérebro e conforme a natureza dessa impressão elas repercutem no gêrmem contido no seio da Mulher. E assim se explica a Mulher produzir um homem de gênio em momentos dados e depois, um homem secundário. No primeiro determinou um situação excitante. No segundo, uma situação deprimente." (01)

(01) *idem* - op.cit.

AS CONSEQUENCIAS

Caso se adote a obrigatoriedade
 Da vaccina, o Loyola da Hygiene
 Ha de ewxigir que toda esta cidade
 Exhiba as provas de que acha indemne

As moças, que não tem facilidade
 De erguer a manga, é bem que as condemne
 A usar o traje de rigor, solenne,
 Do Lyrico e saraos da sociedade

Na rua andarão todas decotadas
 De braços nús, com as marcas bem patentes
 Da vaccina nas carnes nacaradas

E nesta terra de paixões ardentes
 Ou elas ficarão todas casadas,
 Ou... muitos homens ficarão dementes

(Álbum de recortes de Oswaldo Cruz, vol. 3, pg.

41. (M.FIOCRUZ)

GALANTERIA



- Que bello collo e que lindo braço para uma vaccina !...
 - Mas, não ha de ser a tua...

A teoria positivista sobre o papel biológico político da mulher parte da naturalização da condição feminina.

O instinto na vida animal está ligado à sensibilidade ou capacidade de perceber as relações com o exterior e à contratibilidade ou atributo que permite apanhar os alimentos vivos. Se o animal age conforme as pressões externas, o homem é capaz de direcionar as suas ações seguindo os seus sentimentos. A atividade intelectual humana é traduzida como a "digestão mental" dos materiais recebidos do exterior. O papel da inteligência é satisfazer os sentimentos.

Nos seres humanos, encontramos os órgãos egoístas ligados à conservação da espécie. É o atributo feminino responsável pela indústria. Nas mulheres concorre o fator moral. Nos homens, o instinto destruidor faz surgir as artes de guerra e abre a possibilidade de se modificar o meio em proveito da espécie.

A razão é subordinada aos sentimentos. Os positivistas descrevem o cérebro dividindo-o em três partes com suas funções correspondentes: a primeira, é a parte posterior do cérebro, não tem comunicação imediata com o mundo exterior e é a sede das funções afetivas. As duas outras partes possuem comunicação direta com o meio. A segunda, é composta pelos nervos sensitivos e corresponde à função intelectual e especulativa. A terceira, são os nervos motores ligados à função ativa.

A mulher é o ser mais impressionável e suscetível à ação do meio físico e social. Nela, há o predomínio das funções afetivas. No seu organismo, a ligação indireta com o meio possibilita a delicadeza moral feminina. Todo impulso afetivo vem do coração o que estabelece uma "intimidade nas relações que nela ligam as vísceras e o cérebro." A mulher é também exemplo do sentimento altruísta ao subordinar a sua existência à dos seus filhos.

Enquanto o instinto nutritivo é o mais egoísta, pois obedece a uma impulsão interna, o instinto sexual e materno são altruístas, pois são os primeiros esboços de sociabilidade. Na relação materna, a criança vai aprendendo a se relacionar com os outros seres vivos. Daí a ascendência feminina no estado positivo.

O empirismo presente na teoria positiva é fundamentado biologicamente:

"É a experiência que leva a criança a começar a sua instrução, descobrindo sua mãe no cháos que o mundo lhe oferece. É a experiencia, que ensina á criança que este é manancial do seu alimento e a providencia, cuja solícitude corresponde aos seus desejos e necessidades."(01)

A função moral da mulher na sociedade é a de inculcar na criança uma "fé em outrem". Com o desenvolvimento orgânico, a fé se estende ao pai e a outras pessoas de confiança da mãe: "pessoas que se tornam outros tantos centros de fé em grãos diversos". Na idade adulta, "esta fé incomparável é continuamente controlada, de um modo espontâneo, pelo conjunto de induções e deducções que a vida real determina em cada indivíduo".

Os positivistas naturalizam as relações de poder que perpassam a sociedade.

No estado metafísico a desorganização da família é observada a partir da negação corrente da preeminência moral e sexual da mulher. Na classe trabalhadora, a mulher abandona sua função materna para trabalhar fora de casa ficando assim, comprometida a formação moral da criança proletária. Na classe burguesa, a mulher é criticada por atentar contra a sua natureza.

(01) "Ainda contra a vacina obrigatória", Rio de Janeiro, IAPB.

Se ela é um ser fortemente impressionável, não pode frequentar lugares com grande concentração de pessoas, especialmente os bailes com os estímulos sonoros (música), corporais (dança) e as bebidas. Ela deve evitar a leitura de romances pois as idéias desconexas presentes nesta literatura fadigam o espírito. Os espetáculos, os quadros e as músicas devem ser escolhidos criteriosamente, tendo em vista o cuidado com as sensações que possam nela produzir. E finalmente, são condenados os "excessos venéreos" por provocarem uma "congestão uterina" e as paixões por fazerem surgir corrimentos. Para os médicos a vida é uma contradição que se apresenta de forma mais expressiva na natureza feminina. Viver é sentir. Esta é a definição da mulher, mas também do enfraquecimento que coloca em risco o seu equilíbrio orgânico. Enquanto ser impressionável, ela se encontra mais vulnerável à ação do meio e as modificações orgânicas correspondentes

têm lugar em especial, no aparelho materno. Postula-se a necessidade de um regulador no estado civil para suprir a deficiência do estado de natureza feminino.

A intervenção no social é regida pela observação das leis naturais. O seu estudo orienta a arte de governar.

"A sociedade é um organismo vivo, regido por leis naturais, superiores a todas as vontades, pretendidas divinas ou humanas". (01)

A concepção orgânica da sociedade fundamenta um projeto totalitário de gestão do "corpo social". Nenhum movimento deve escapar

(01) Mendes, R.T. O ensino público e o despotismo sanitário, R.J., IAPB, 1910 F/IP-6 (M.R.).

aos atentos teóricos que se auto denominam de sistematizadores do bom senso vulgar. Para os positivistas, a ciência trabalha com a experiência adquirida pela população. A ciência que muda toda dia não é ciência. A cultura e a transmissão de valores morais responde à necessidade de referências comuns que orientem a ação humana. A desagregação da família e o fortalecimento das instituições de sequestro expressam a ausência de valores comuns na cultura ocidental contemporânea. Os positivistas se dizem defensores, em nome da verdadeira ciência, dos sentimentos e dos costumes do povo brasileiro.

A leitura atenta dos folhetos positivistas nos permite captar o projeto político que perpassa as críticas dirigidas à dissecação dos cadáveres, à proibição das crianças acompanharem enterros, à obrigatoriedade da escolarização primária e aos hospitais de isolamento.

Se a crise é fonte do prognóstico, a desagregação de valores morais caminha junto com a elaboração do projeto positivo de gestão da sociedade.

A família, a partir das lentes dos higienistas, não é apenas um meio de eclosão do ócio, da vagabundagem e da heresia. Ela é analisada em seus detalhes quotidianos de práticas corporais: alimentação, vestimenta, higiene e para a dupla denúncia da amamentação mercenária e da mãe mundana. Não se trata apenas de segregar e fixar a criança, mas de transformá-la num educador eficaz, na alavanca da integração das famílias populares ao corpo social.

Segundo Foucault, "a campanha a favor da inoculação da vacina tem lugar neste movimento pelo qual se busca organizar em torno da criança cuidados médicos, onde a família terá

responsabilidade moral e parte dos encargos econômicos".(01)

O autor do Histórico sobre a Assistência Pública e Privada no D.F. (Rio de Janeiro) comenta:

"Fóra de toda a preocupação de morbido sentimentalismo, a experiencia da vida economica moderna ensina que o equilibrio moral das gerações futuras repousa, em todos os paizes, na defesa social da infancia desprotegida. E, como a "criança, entre os seres humanos, é aquelle que menos apti

(01) Foucault, M. - Les machines à guérir, *CORDA/DGRST*, 1977.

dão possui para a defesa propria, a sociedade ampara a sua fraquesa, dando-le protecção systematica e organizada. Os cidadãos activos que o meio social conquista augmentam a prosperidade das nações". (01)

Projeto de familiarização da sociedade que encontramos tanto no discurso dos clínicos positivistas como no dos higienistas, adeptos da bacteriologia. Trata-se de redimensionar a vida em família por meio da prescrição de uma série de normas, de gestão do espaço e dos corpos, que se apóiam nos postulados dos saberes médico-higienista e arquetônico. A idéia é a de formar

(01) Assistencia Pública e Privada no Rio de Janeiro, Typ. do "Anuario do Brasil", pg. 04. (B.N.).

uma família medicalizada e medicalizante e promovê-la à base da sociedade, principal meio de formação do indivíduo e do futuro cidadão. Enfatiza-se a penetração e difusão do saber médico no interior do "corpo social", através da sedução, da criação da demanda de cuidados especializados por parte dos assistidos. Os positivistas levantam a bandeira da liberdade e do direito à resistência da população diante da imposição legal da vacinação em massa, e tangenciam muitas das insatisfações populares. As suas críticas ao projeto sanitário oficial encontram eco junto à população que se sente violentada e privada de seus direitos, através de medidas como expurgos, sequestro de doentes e internamento em hospitais de isolamento, desapropriação e demolição de moradias tidas como insalubres, perseguição às tinas lavadeiras, proibição de romarias e visita aos cemitérios em época de epidemia, dentre outras. Os positivistas, por sua

vez, são perspicazes ao denunciar e prever o desgaste político que as imposições legais tomadas junto à população trouxeram para o governo republicano.

A REVOLTA NO BRASIL

"O sério movimento que se deu na capital do Brasil, em consequência de uma lei de vacinação compulsória, deve servir aos nossos governantes para lembrar-lhes que há limites na segurança com que os governos satisfazem ao clericalismo medico nas suas exigências de exercer poderes compulsórios no corpo dos homens. Aceitamos de boa vontade a hypothese, contida nos telegrammas do Brasil, de que os revolucionários servirão-se do descontentamento popular contra a nova lei como pretexto para o movimento. Não desejamos que a nossa causa seja deslustrada por effusão de sangue, pela qual, em paiz nenhum, os nossos amigos poderiam ser responsáveis. Mas, nem a hypothese de que a opposição à lei não estava profundamente ligada ao facto de ser ella um ultrage às liberdades populares, nem a insinuação do Daily Graphic de que os adversários de consciência estavam também entre os revoltosos, podem harmonisar-se com a seguinte informação que nos chegou poucos dias antes de revoltar o movimento.

O governo considera uma questão de honra a passagem de uma medida que nós consideramos um barbarismo perfeito. Mas é incontestável que tanto os vacinistas como os hygienistas compulsorios em geral achão-se hoje completamente desacreditados na opinião publica, e isso em consequência de uma propaganda altamente autorisada feita no Rio de Janeiro por varios homens de valor, que não só mostraram os perigos reais e numerosos que a vaccina pode occasionar, mas também que a vacinação obrigatoria é um ataque à liberdade espirital do povo.

Uma comunicação do Dr. Leal, da Igreja Pozitivista do Brasil, foi enviada o anno passado à nossa conferência do outono e publicada no Inquirer. O seu argumento quanto à esphera de acção propria do poder temporal não é mais que um desenvolvimento daquilo que os nossos leitores estão habituados a ver todos os meses cristalisado na citação de Newman debaixo do titulo deste periodico. Somente o "cristal" de Newman vai mais longe, porque admite o direito de resistência. Si algumas pessoas neste pais quisessem enveredar pelo caminho dos "hygienistas compulsorios" do Brasil, o que felizmente não é provavel que aconteça, uma revolução seria necessaria nesta terra para ensinar-lhe a verdade como Newman a viu. Seja como for, o que aconteceu no Brasil servirá para ajudar os nossos legisladores a calarem os seus incessantes clamores por mais e mais compulsão.

A phrase de Newman referida nesse artigo é a seguinte: - CONTRA O CORPO DE UM HOMEM SÃO O PARLAMENTO NÃO TEM NENHUM DIREITO DE ASSALTO, SEJA QUAL FOR O PRETEXTO DE SAUDE PÚBLICA, E MUITO MENOS CONTRA O CORPO DE UMA CRIANÇA SAN; PROHUBIR A PERFEITA SAUDE É UMA MALVADES TYRANICA; EQUIVALENTE A PROHIBIR A CASTIDADE OU A SOBRIEDADE. NENHUM LEGISLADOR TEM TAL DIREITO. Semelhante lei é uma usurpação intolerável e cria o direito de resistência."

(In: The Vaccination Inquirer, Londres, dezembro de 1904)

O texto traduzido sobre a "Revolta da Vacina" foi publicado no periódico inglês The Vaccination Inquirer. Buscamos, nesta transcrição, assinalar o caráter internacional do debate sobre a vacina e dos movimentos de resistência a esta medida. Por um lado, os defensores da vacina buscam exemplos na Alemanha, França, Japão e Sérvia a favor da implementação legal desta medida profilática. Por outro, os positivistas da I.A.P.B. divulgam os movimentos de resistência à obrigatoriedade da vacina de outros países no continente europeu. A historiografia silencia este debate e fixa a versão dos higienistas e bacteriologistas.

A "Revolta da Vacina" é enquadrada em sua faceta reativa, como expressão da "incompreensão de uma época" diante da clarividência dos homens de Estado:

"Quando se comparam a experiência brasileira e a de outras nações, verifica-se que o papel desempenhado pela sociedade civil no Brasil foi bastante inexpressivo. Na Inglaterra, por ex., desde meados do século XIX grupos privados exerciam pressão sobre o parlamento para que adotasse medidas na área de saúde."

(Santos, L. de C. - "Estado e Saúde Pública no Brasil 1889/1930" in Revista Dados, vol.23, 02, 1980, Campus IUPERJ, pg. 244).

governo Rodrigues Alves, presidente da República, por ocasião da "revolta", é caracterizado pelo incentivo dado à ciência brasileira. O seu discurso de posse é incorporado:

"Rodrigues Alves fez campanha para a presidência com o tema da renovação: a necessidade de renovar a cultura brasileira, a vida social brasileira e a economia brasileira, a fim de integrar verdadeiramente o Brasil no mundo civilizado."

(Stepan, N. - Gênese e Evolução da Ciência Brasileira, Rio de Janeiro, Artenova, pg. 84, g.n.)

O Brasil é retratado pela historiografia como um país em desenvolvimento que segue, no seu lento compasso as inovações científicas adotadas nos países europeus.

Observamos, no entanto, a simultaneidade cronológica no processo de implementação da vacina em diferentes países.

Retrocedendo no tempo, temos o exemplo da expedição espanhola de irradiação da vacina humana. G. Canguilhem relata esta empresa:

"Para importar a vacina, vinda de Paris para Espanha, para as Colônias do REino, foram embarcadas, em Novembro de 1803, vinte e duas crianças não vacinadas. A primeira foi vacinada à partida, a segunda no mar, graças às pústulas da primeira, e assim sucessivamente até à América do Sul. Três anos mais tarde o Dr. Balmis, cirurgião do rei, assegurava a sua Majestade que a vacinação era conhecida em todas as colônias espanholas." (01)

No Brasil, em 1804, o Marquês de Barbacena mandou à Lisboa alguns escravos acompanhados pelo cirurgião Manoel Moreira Barbosa, para buscar a vacina. De braço em braço ela foi sendo passada até chegar na Bahia. Após o desembarque, uma das salas do palácio do Governo foi transformada em posto de vacinação.

(01) Canguilhem, G. - "O efeito da bacteriologia no fim das teorias médicas do século XIX" in: op.cit., pg 51/52.

No Brasil, em 1804, a vacina chega no Rio de Janeiro, onde, sete anos depois, temos a fundação da Junta da Instituição Vaccínica. A primeira tentativa de implementar a vacina obrigatória ocorreu a 1º de novembro de 1823. A lei determinava multas aos infratores da norma.

Na Inglaterra, em 1840, temos o primeiro ato do governo, adotando "o vaccinismo como doutrina do Estado". Há nomeação de médicos para a tarefa de inoculação, pagos pela verba arrecadada com a "Poor Rate".

Na cidade do Rio de Janeiro, em 1846, a Junta é substituída pelo Instituto Vaccínico. Quatro anos depois, é formada a Junta de Higiene Pública com o objetivo de unificar os serviços sanitários do Império.

Em 1868, na Inglaterra, é criado o "Torrens Act" que garante ao poder local destruir casas consideradas anti-higiênicas. O "Cross Act", de 1875, estende a área de atuação da medida anterior. Os custos sociais decorrentes desta medida restringem sua aplicação.

Em 1884, promove-se, no Instituto Vaccínico, a cultura da linfa variólica animal para o fornecimento a todo o Brasil. Neste mesmo ano, é instituído o isolamento dos variolosos. Em 1888, uma comissão da Inspeção de Higiene, conforme artigo publicado no Diário Oficial de 11 de janeiro, aprova a vacina animal. Em 1889, o Governo Provisório decreta a obrigatoriedade da vacina. Três anos depois, o serviço de vacinação passa à Municipalidade. No ano seguinte, o Brasil participa da Exposição Internacional de Higiene em Londres.

Em 1893, é destruído no Rio de Janeiro o cortiço "Cabeça de Porco".

O Conselho Municipal institui neste ano a vacinação nas escolas, avenidas (casas populares) e estalagens. No ano seguinte, é criado o Instituto Vaccinico Municipal do Rio de Janeiro à rua do Catete.

Em 1898, da cidade de Leicester parte o movimento inglês de resistência à vacina.

Em 1904, ocorre na Bélgica, um movimento popular contra a vacina.

No início do século encontramos um intercâmbio internacional de experiências de profilaxia da febre amarela. Oswaldo Cruz envia um delegado para Cuba onde os americanos desenvolvem pesquisas visando a erradicação desta doença. Este evento é tema da música-humorística transcrita ao lado.

ESPERE UM POUCO ---
 --- EU VOU A CUBA
 CANÇÃO POPULAR
 LETRA DO *Dr. Calcedonio Coqueiro*
 MUSICA DE *Silviano Fariato*



Espresso.
 Em bo ra mo co ja sou um sa bio Muito ta
E-p-ras-sa-ro

len to em mim se in cuba Hei de mos tr ar pra quan to
 pre sto Es pe re um pou co eu vou a Cuba Desta ci
 da de tao mal fa le da Eu quero ja que o nome
Re-fre-to
 su ba Vou sa ne a ta ma tar a fe bre Es pe re um
f Re-Lard.
 pou co eu vou a Cuba

Denúncias do Rio: o "Código de Torturas"

O debate sobre as práticas médico-sanitárias oficiais travado na cidade do Rio de Janeiro mostra como os positivistas da IAPB constroem suas críticas às formulações dos higienistas e bacteriologistas. Resgatamos o pensamento deste grupo no intuito de polemizar com a versão passada na historiografia sobre a medicina no Brasil. A campanha contra o despotismo sanitário oficial tem forte aceitação junto à população carioca. As denúncias ao código sanitário são feitas em três frentes.

A primeira se trava no campo da norma. As desinfecções, os sequestros dos doentes, a eleição de uma medicina oficial e a perseguição aos curandeiros são denunciados como ilegais.

A argumentação dos positivistas é tecida a partir da utilização de formulações teóricas do pensamento liberal e do conceito jurídico de propriedade privada. As medidas prescritas no código sanitário são condenadas como um abuso do poder temporal, o Estado. As estratégias de ação dos higienistas oficiais, sobre a cidade e os corpos, são censuradas por não respeitarem a separação entre o espaço público e o privado. A higiene, saber construído a partir de experiências realizadas no Exército, é acusada de violar o "recôndito sagrado da sociedade, o lar". A luta contra a obrigatoriedade da vacina ocupa importante espaço de discussão no Congresso e nas instituições jurídicas. Na primeira década deste século, "Habeas corpus" preventivos são impetrados contra a invasão de domicílios realizada pelas brigadas sanitárias.

A charge reproduzida na página ao lado expressa bem o campo de luta cujo solo é a norma. Ao poder médico oficial e à justiça, personificados em Oswaldo Cruz e Seabra, se opõe o poder do Supremo Tribunal. A intenção irônica da legenda recai sobre a utilização da palavra estafermo que é sinônimo tanto de um boneco de mola, móvel, usado em exercícios de cavalaria como de estorvo ou de espantalho. Seabra e Oswaldo designam a norma de estafermo, empecilho para a aplicação do código sanitário. O "Supremo Tribunal" retruca, afirmando estar num domicílio de rico e negando ser um estorvo à atuação da Polícia Sanitária junto aos pobres. O pronunciamento do "Supremo Tribunal" imputa outras acepções à palavra estafermo. Fica implícito para o leitor na frase "d'El Supremo" a identificação da lei a um alvo móvel ou a um espantalho. A polissemia da palavra estafermo expressa diferentes forças sociais em luta e a "vontade de poder" como móvel do processo em estudo.

BARRADOS A BARRA DO TRIBUNAL

Malho 11-2-805



Já que o Sumpremo me garante a liberdade constitucional de dizimar o povo, eu vou fazer uma visita ao Dr. Oswaldo Cruz. Estamos no paíz da lei e da limpeza.

Seabra e Oswaldo: — Ora, essa! Que faz alli aquelle estafermo?

El Supremo: — Estafermo, não! Isto aqui é um domicílio de cidadão rico! Si querem remexer em tudo desinfectar, expurgar, pintar a manta... arranjem-se lá com a canalha miuda!

Igreja e Apostolado Positivista do Brasil

A PROPOSITO DA REACÇÃO POPULAR A VACCINAÇÃO OBRIGATORIA

"...Aberração therapêutica como tantas outras, ella está sujeita a todas as discussões das doutrinas médicas actuaes."

(In: Correio da Manhã, 07 de agosto de 1904)

(01) Os opositores "obstavam enfim, não contra a vacina, cuja utilidade reconheciam".
(Sevcenko, N. - A Revolta da Vacina, São Paulo - Brasiliense, 1984, pg. 14).

É provável que N. Sevcenko tenha generalizado um dos pontos de vista então corrente sobre a vacina:

"Já que ninguém, de boa fé, perde tempo em discutil-a ; é uma questão fechada em sciencia, um ponto liquidado em prophylaxia, um dogma quasi em Hygiene."

(Associação dos Empregadores no Commercio do Rio de Janeiro - "Vaccinação contra a variola" in Jornal do Commercio, RJ, 17/08/04)

A segunda frente de luta não está dissociada da primeira e é travada no campo do saber médico. Os positivistas discordam das atividades desenvolvidas pelo Instituto de Manguinhos e questionam a legitimidade científica da vacina. Eles realizam um trabalho de vulgarização do debate ocorrido no interior da medicina onde são privilegiados os expoentes deste saber reticentes aos benefícios desta medida. Os recursos metodológicos empregados: estatísticas, gráficos, relatórios de casos de reação à vacina e contaminação de outras moléstias pela linfa, expressões do rigor científico dão a chancela de discurso competente à campanha contra a vacinação.

A historiografia reproduz apenas o argumento oficial da inevitabilidade da vitória da vacina. (01)

A terceira frente de luta se situa no tangenciamento de questões levantadas na campanha ao desconforto sentido pela população, alvo da Polícia Sanitária.

A Intendência Municipal prescreve uma série de regras ao promover a normalização dos fluxos de ar, mercadorias e pessoas pela superfície da cidade. Os movimentos são estudados, e os contatos tidos como perigosos são curto-circuitados. Tomamos, como exemplo, a denúncia da insalubridade causada pelo ajuntamento de moradores nos cortiços, as multas e os processos dirigidos aos seus proprietários visando a eliminar este tipo de habitação. Regula-se o tamanho das janelas, o número de quartos, a impermeabilização dos assoalhos, o local permitido à construção de casas populares; proíbem-se as hortas no perímetro urbano, o carnaval fora da temporada, o jogo de entrudo e andar pela rua sem comprovante de residência fixa.

Jornal do Brasil 20/03/1904

"HYGIENE,"



Abençoada hygiene! Disposta sempre a velar pela salubridade pública, continua fumigando todo o fumigável, permitindo, entretanto que a limpeza das ruas seja feita durante o dia, para regosijo e contentamento das victimas, que habitam a Capital Federal.



Pelo que, satisfeita do seu triumpho, escuta impavida o clamor público, que maldiz de uma hygiene tão pouco hygienica.



E com o fim de livrar-se dos miasmas que desprendem os boeiros também em pleno dia, nos obsequia e nunca bem ponderada hygiene com inalações de enxofre, para fortificar os nossos brônchios.

Novas necessidades são criadas junto aos habitantes por meio da oferta de equipamentos coletivos como o abastecimento d'água, a iluminação, os transportes urbanos, os hospitais com áreas destinadas ao isolamento de doenças contagiosas, o Instituto Vaccínico, dentre outros. Associada a esta oferta temos a representação do Rio de Janeiro civilizado, cartão postal do Brasil. O projeto da cidade saneada busca promover a circulação de corpos que se interceptam num tempo e espaço determinados instrumentalmente. A gestão da cidade é traduzida em números: metros cúbicos de ar e água por habitantes, estatísticas de doentes, vacinados, óbitos e nascimentos. A quantificação do fenômeno urbano é a patente da invenção da grafia oficial e científica.

Registros Sanitários

"O regulamento ... reveste-se de princípio a fim, do espírito de exigências absurdas tão inexequíveis em detalhe como é inexequível em seu próprio conjunto ... ninguém poderá desembarcar em porto brasileiro sem provar que é vacinado, sendo responsável por tal prova ... o commandante do navio; ninguém pode sahir de um Estado para outro sem dar a prova de que se sujeitou à vacinação sob pena de multa ... para as companhias de transporte; nenhum hotel ou casa de pensão póde admittir hospede que não seja vacinado, e esses estabelecimentos são obrigados a ter no livro de inscripção dos hospedes a coluna em que deve ser relatado o historico da vaccina do viajante."

Nas repartições sanitárias cria-se um registro de nascimentos onde serão inscritas as crianças vacinadas até seis meses de idade.

(In: Gazeta, 10 de novembro de 1904)

A população carioca reage a este movimento de codificação e registro sanitário. A ironia dirigida ao "Código de Torturas" assinala ambigüidades observáveis no projeto de saneamento da cidade. A imprensa denuncia o pó como veículo de elementos patogênicos e localiza, nas obras da "City Improvements", a fábrica de poeira. "O Estado de sítio sanitário" produzido pelo regulamento da higiene é contrastado à necessidade de circulação dos trabalhadores e à imigração. (Esta última constitui uma das bandeiras da campanha de "regeneração do Rio de Janeiro", como vimos no primeiro capítulo da tese.) A dificuldade de limpeza é relacionada às novas exigências impostas pela higiene às atividades das lavadeiras. Proíbe-se a utilização de tinhas sob a alegação da necessidade de se impedir a proliferação de mosquitos em águas estagnadas.

O Estado - registro responde simultaneamente a uma "vontade de poder público" dos médicos-sanitaristas e engenheiros e a uma "vontade de demanda pública". Observamos, tanto na imprensa operária como em folhetos do Clube de Engenharia, a demanda por serviços de infraestrutura urbana. O Estado concede isenções de taxas de importação e impostos para construção de casas populares e acionamento das "maquinarias do conforto". Transcrevemos, na página seguinte, um projeto para lavanderias públicas. A argumentação no texto se aproxima em vários pontos do discurso oficial do período. Buscamos, com este exemplo, mostrar que a demanda de serviços e concessões ao Estado parte também da população:

"Com estas lavanderias deixaremos de observar o triste aspecto dos cortiços e estalagens... transformados em pequenos regatos de água e sabão exalando mau cheiro já pelas matérias infectas que existem na rampa suja, já pelo calor do sol... transformando-as em tanto estas estalagens em verdadeiros focos de miasmas: a) para os próprios moradores; b) para as de que compõem a vizinhança pela volatilização desses mesmos miasmas...

Conclusão: O que se pede não é uma causa vexatória nem apreensiva à classe pobre... o que se pede é um melhoramento que virá em parte cooperar para o saneamento desta nova capital.

Convertendo portanto estalagens e cortiços em verdadeiras moradias higienicas para a classe proletária e as lavanderias em lugares competentemente apropriados a este mister.

É simples, limpo econômico."

(A.G.C.R.): RJ, 20/07/1893, gn. Plantas elaboradas pelo engenheiro construtor João Gatell Sola.

A Campanha contra a vacina

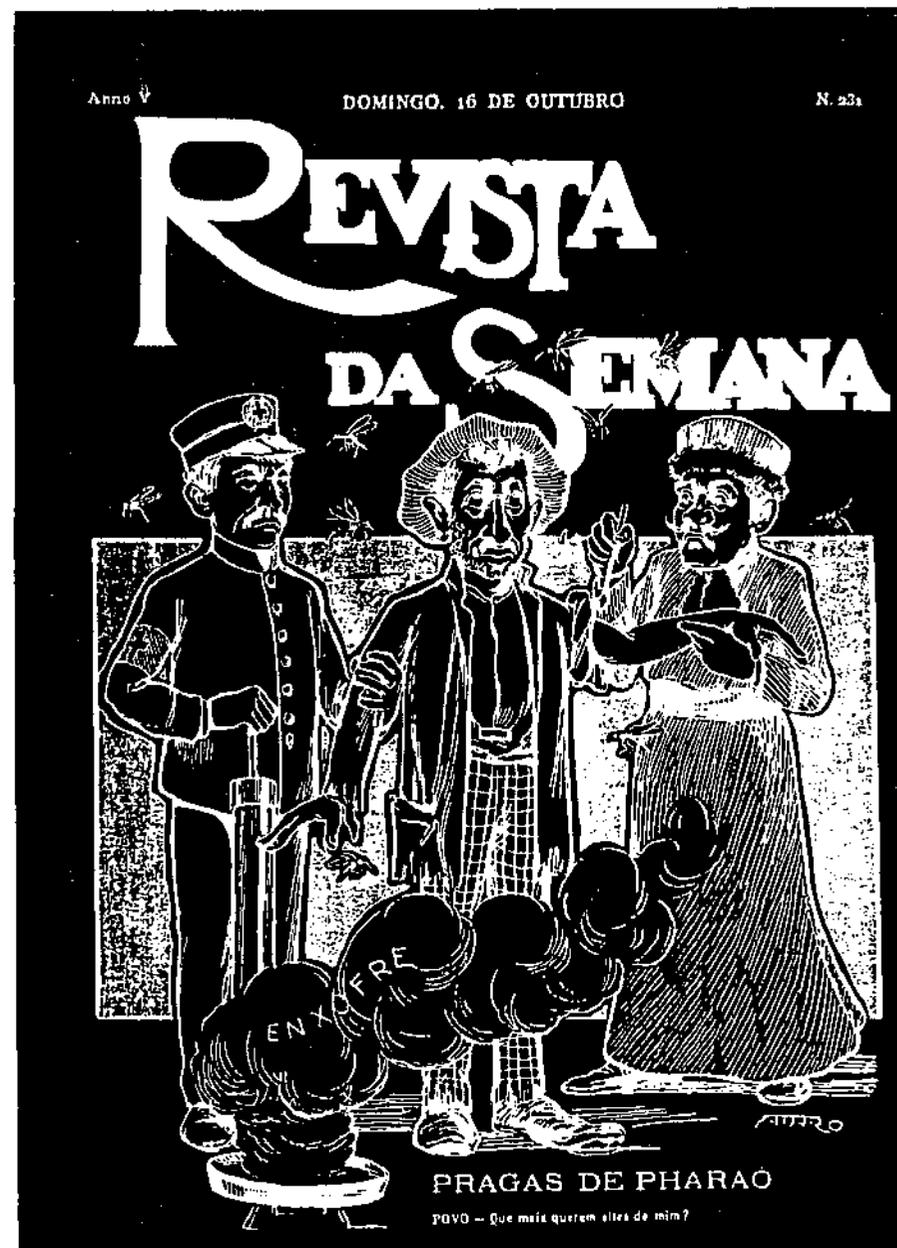
A questão da implementação da vacina acentua a sensação de desconforto da população carioca face à cidade em demolição e construção. As associações de domínio comum feitas à vacina dificultam persuadir os indivíduos do caráter positivo desta medida. A lanceta está ligada à dor física e à infração do código moral então vigente. São criadas no período, salas de vacinação para senhoras da classe dominante no esforço de atenuar os medos e as resistências oferecidas pela burguesia.

"Este salão, collocado na frente do edifício, é destinado à vacinação das senhoras e famílias de certa ordem. Sendo as portas cerradas e não sendo permittido o ingresso aos cavalheiros, as senhoras se acham em mais liberdade para poderem ser vaccinadas."

(Exposição Nacional de Hygiene no Rio de Janeiro em 1909, Rio de Janeiro, Of. Renascença, 1909, pg 18)

Bem diferente é o processo de implementação das maquinarias do conforto (água, iluminação e esgoto). O acionamento destes dispositivos produz a disciplina edulcorada e a oferta dos serviços induz a demanda por parte da população. O desconforto é esquecido diante da propaganda dos futuros benefícios que estes dispositivos trarão à população.

A campanha desenvolvida contra o despotismo sanitário está calcada na utilização destes sentimentos populares. As imagens da violência, da dor, da intervenção instrumental nos corpos e violação do espaço privado são utilizadas com eficácia. As charges desempenham um importante papel de mobilização da opinião pública. Embora a representação da cidade moderna esteja consolidada no período e exerça um grande fascínio junto à população carioca, as charges são eficientes na denúncia à violência das práticas dos médicos militantes.



Os alvos de ataque da Revolta

O tema da obrigatoriedade da vacina é o elemento chave das ações da resistência barulhenta da revolta. A reação popular invade as ruas, subverte os códigos de ocupação da cidade, ataca bondes, trens da Central, a Estação de Barcas para Niterói, os gazômetros, o Quartel de Cavalaria e delegacias de polícia, fábricas de tecido, um posto sanitário, a 5a. Delegacia de saúde, casas onde se comercializam armas,

a Empresa Funerária, a Imprensa Nacional, a Escola Normal e a Recebedoria do Estado de Minas Gerais, dentre outros alvos. (01)

A apropriação das ruas, a quebra de lampiões, a virada de bondes e a construção de barricadas formam uma experiência singular de alguns habitantes no espaço urbano. Há uma reconfiguração da grafia urbana onde os símbolos da "Civilização" são reapropriados e se transformam em táticas de luta da população. Resistência física atingindo alvos precisos e expressando uma trajetória do desejo da população amotinada.

— — —

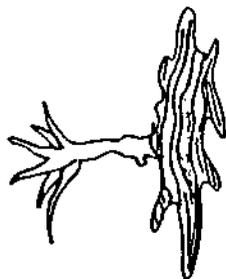
(01) Carvalho, José Murilo de - "A Revolta da Vacina", Seminário Rio Republicano, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, outubro de 1984, mimeo.

Há uma subversão das fronteiras que delimitam o espaço público e o privado. A multidão parte do centro, em passeatas, ocupando as ruas, estorvando o tráfego, criando barricadas e deixando a cidade no escuro. A idéia de que, a partir da remodelação do espaço, são criados novos hábitos na população é invertida. A nova forma de apropriação do espaço criada pela multidão, se traduz como negação das normas de gestão da cidade moderna. A fragilidade da associação dos termos progresso, urbanização e civilidade é expressa na leitura da ação popular durante a Revolta da Vacina. Os ataques à materialidade da representação do Rio de Janeiro, cartão postal do Brasil, colocam a descoberto o reduzido número de beneficiados pela remodelação urbana. Este setor privilegiado da população é tomado pelo pânico diante da multidão e solicita a ação da polícia para garantir o funcionamento da cidade moderna. O caráter antidemocrático da reforma da cidade vem a público.



Espectáculo para breve nas ruas desta cidade. Oswaldo Cruz, o Napoleão da seringa e lanceta, á frente das suas forças obrigatórias, sera recebido e **manifestado** com denodo pela população. O interessante dos combates deixará a perder de vista o das batalhas de flores e o da guerra russo-japoneza. E veremos no fim da festa quem será o vacinador á força!...

árvore arrancada



ataque



barricada



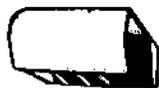
boca de fogo



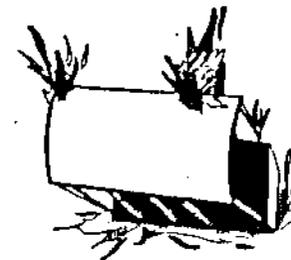
bombeiros



bonde virado



bondes virados em chamas



bueiros arrancados



casa de armas



carroça de Obras Públicas



cavalaria



conflitos e ataques



crianças representando batalhas

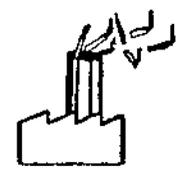
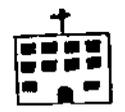


Delegacia de Polícia



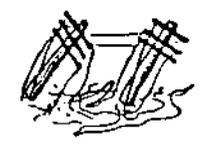
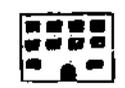
fábrica de tecidos

Delegacia de Saúde



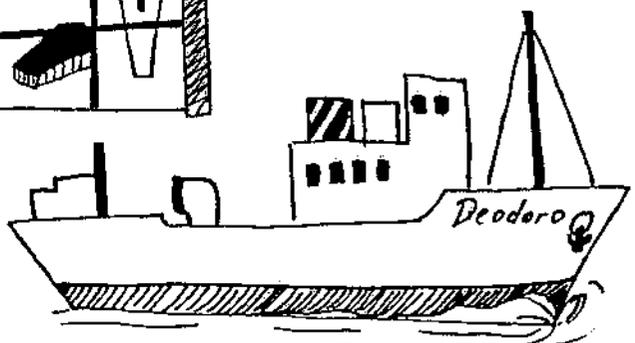
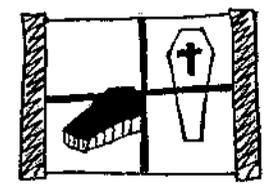
Fábrica de Velas

Delegacia Urbana

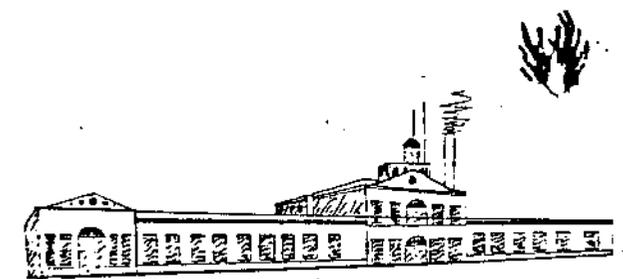


firos de iluminação

Empresa Funerária



Encouraçado Deodoro



fogo

Gasômetro

escola tática de realengo

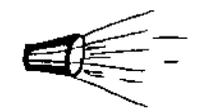


Estação de barcas



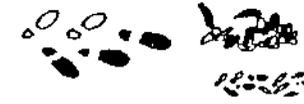
greves

Exército



holofote

iluminação destruída



passeata

instituição de ensino militar



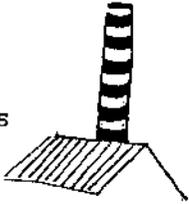
prisão de civis

morte



prisão de militares

Moinho Inglês



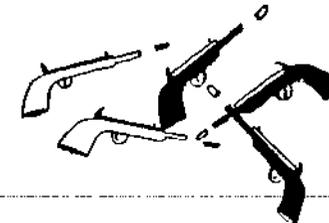
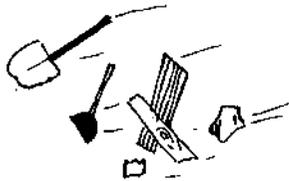
Quartel de Polícia

Oficiais da Marinha



reunião

pancadaria



tiroteio

paralelepípedos arrancados



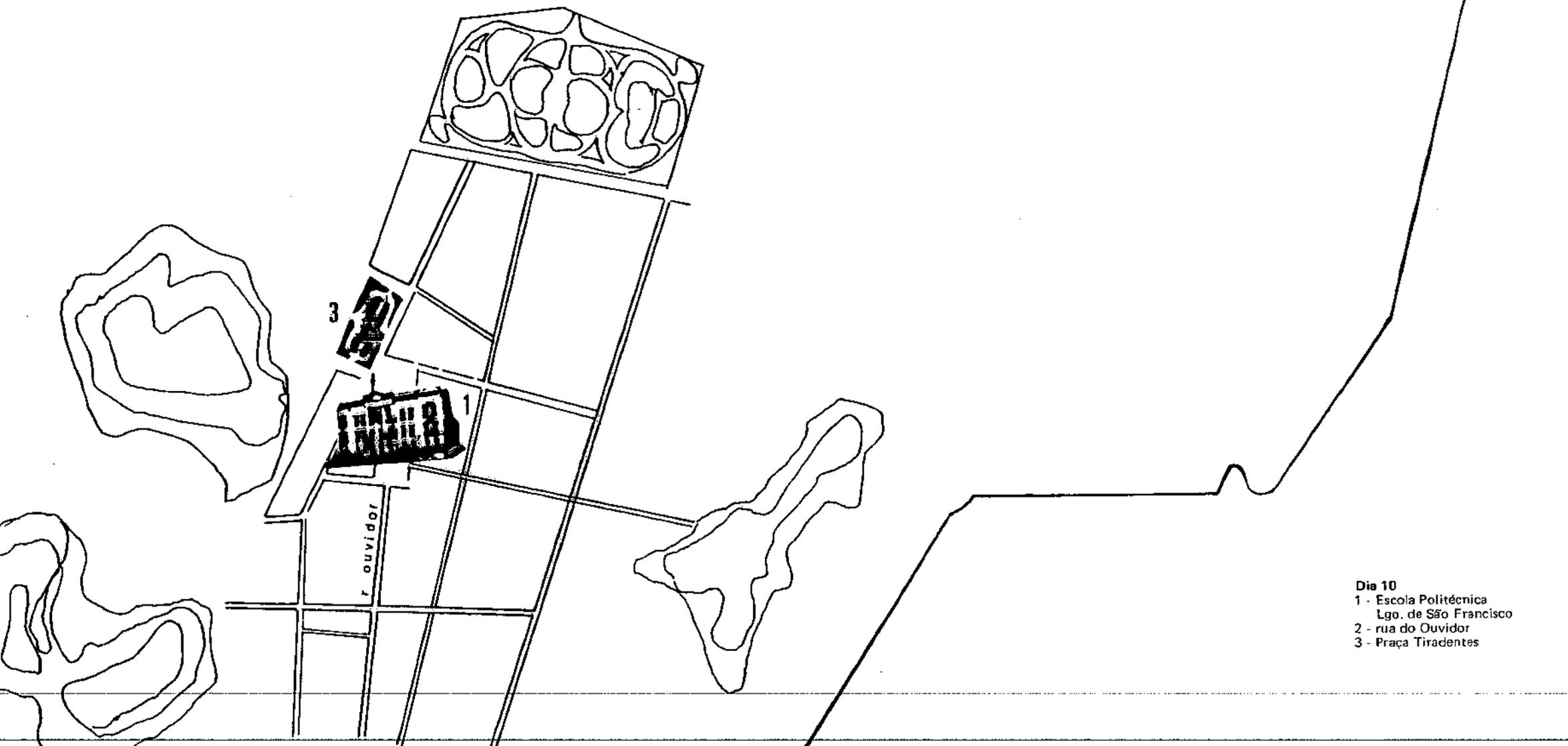
A Revolta da vacina

A ação teve início no dia da publicação do novo projeto de regulamentação da obrigatoriedade da vacina: 10 de novembro de 1904. O local foi o Largo de São Francisco.

Este sítio estava marcado na história da cidade como centro irradiador de notícias. As badaladas da Igreja de São Francisco que deu nome ao largo, ressoavam pelo Rio de Janeiro marcando o tempo de trabalho, de repouso, das obrigações religiosas e alertando a população. O campanário era composto de vários sinos, dois dos quais se destacavam: o Aragão e o Vitória. A população reconheceu, no primeiro, o porta-voz do intendente - geral de Polícia, o Desembargador Francisco Teixeira Aragão. Durante a gestão do intendente, o edital de 03/01/1825 instaurou o toque de recolher tendo vigorado por cinquenta anos. O som deste sino lembrava aos cariocas a

ordem de se recolherem às suas residências, encerrando as atividades comerciais e desocupando as ruas. Som - advertência dirigida em especial aos escravos, homens responsáveis pela circulação e abastecimento urbano. Os escravos eram carregadores d'água, de lixo e de esgoto, transportavam pessoas e mercadorias pela cidade. Quando eram encontrados na rua, após o toque de recolher, só se salvavam da prisão se apresentassem um "salvo-conduto" do senhor, justificando a necessidade e a urgência da ordem a ser cumprida fora da residência.

O sino Vitória de 1300 Kg. noticiava os incêndios. Havia um código conhecido pela população; o número de badaladas indicava a freguesia onde as chamas se espalhavam. Após este sinal de alerta, o sino da matriz da respectiva freguesia entrava em execução reverberando o som do Vitória. Na memória dos cariocas, o largo estava registrado como epicentro sonoro da propagação de informações.



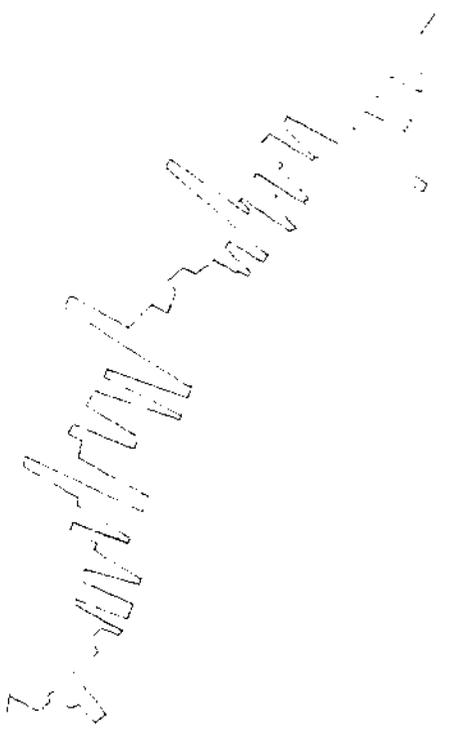
- Dia 10**
1 - Escola Politécnica
Lgo. de São Francisco
2 - rua do Ouvidor
3 - Praça Tiradentes

Neste mesmo local, em frente à Escola Politécnica, no dia 10 de novembro de 1904, reuniu-se um grupo de populares. Estudantes, profissionais liberais, vendedores ambulantes, entre outros, participavam do "meeting" humorístico sobre o tema da obrigatoriedade da vacina. Seguindo o tom da campanha contra a vacina, os discursos eram irônicos e debochados. Os risos e aplausos do público presente incentivavam a criatividade dos oradores. As máscaras se sucediam na caricaturização dos políticos envolvidos na campanha de "regeneração do Rio de Janeiro" e da população-alvo das práticas sanitárias.

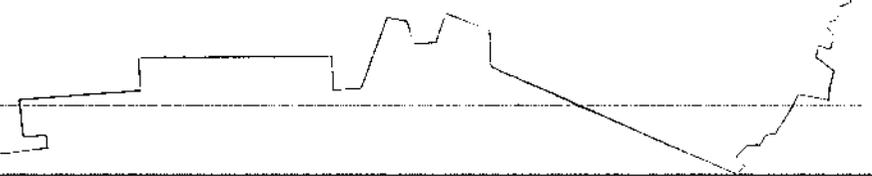
Nas placas indicadoras dos logradouros lia-se Cel. Tamarindo no Largo de São Francisco e Moreira César na rua do Ouvidor. Ambos os nomes colocados pela Municipalidade em homenagem aos oficiais mortos em combate na expedição contra

Canudos. As denominações oficiais registravam a visão apologética da campanha contra as "práticas religiosas obscurantistas do sertão". Os "heróis" de Canudos foram exilados da memória popular. A designação tradicional resistia à grafia das placas.

No Largo a concentração de pessoas aumentava. A massa acatou a palavra de ordem de um popular, se pôs em movimento descendo a rua do Ouvidor. Percorreu a "vitrine" da cidade desfilando entre prédios de três andares suntuosamente revestidos de mármore e madeira envernizada. Os atrativos usuais das lojas sucumbiram diante da determinação da massa em movimento. Os comerciantes fechavam os cafés, as livrarias, as lojas de vestuários e guardavam cartazes de filmes e cartões-postais expostos. A informação palpitante inscrita na marcha dos populares atravessou a sede da imprensa carioca.



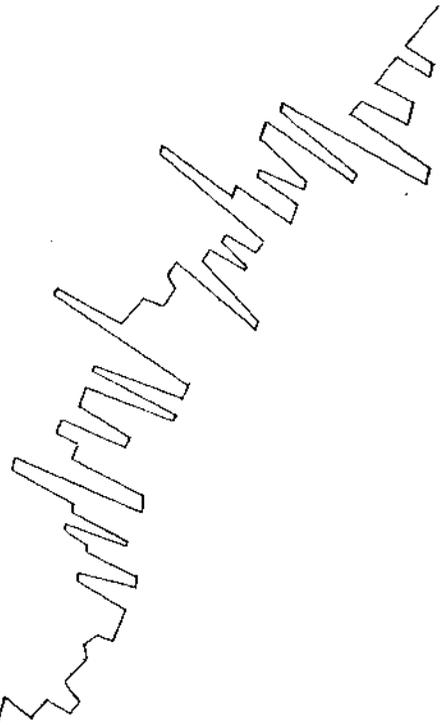
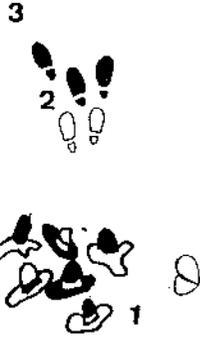
Dia 10
1 - Escola Politécnica
Lgo. de São Francisco
2 - rua do Ouvidor
3 - Praça Tiradentes



A notícia composta e impressa do dia seguinte borbulhava espontânea e presente no leito da rua do Ouvidor. O grupo seguiu em direção à Praça Tiradentes onde encontrou a cavalaria da Polícia. No confronto com a repressão, o movimento se congelou por um instante. Mãos, pés e rostos paralisados se desataram a seguir ao som de uma estrondosa vaia à Brigada. As frases "Morra a Polícia" e "Abaixo a vacina" ecoavam pela praça. A cavalaria investiu sucessivas vezes contra os populares que responderam com pedradas. A pancadaria se alastrou pela praça. Pequenos grupos de populares se intercalavam nas operações de ataque e defesa. Enquanto isto, homens eram levados presos pelos policiais. Houve uma subdivisão em pequenos grupos que circulavam ora fugindo dos Policiais, ora tentando surpreendê-los em emboscadas. A população foi se dispersando e se deslocando para outras áreas. Às 19:30 h., o local recobrou o ritmo da rotina.

A cavalaria permaneceu assegurando o território. Os policiais, sobre os cavalos plantados na Praça, controlavam o movimento dos transeuntes.

No dia seguinte, estava programada uma reunião no Largo de São Francisco. O evento convocado pela Liga contra a Vacina Obrigatória foi alterado pelo não comparecimento dos oradores usuais da Liga. Discursos de ataque ao projeto surgiram de improviso da boca de membros menos notáveis aos olhos do público. Algumas crianças soltaram bombas de brinquedo. A repressão surgiu e houve correria em direção à Praça Tiradentes. Com um artil em mente, alguns populares se dirigiram à rua Sacramento e à Av. Central. Grupos se embrenharam nos canteiros de obras examinando e selecionando o material de construção e demolição empilhados naquelas vias. O pó encobriu a cuidadosa operação de resgate de objetos - material destinado ao alargamento e retificação da rua Sacramento e à construção da Av. Central .

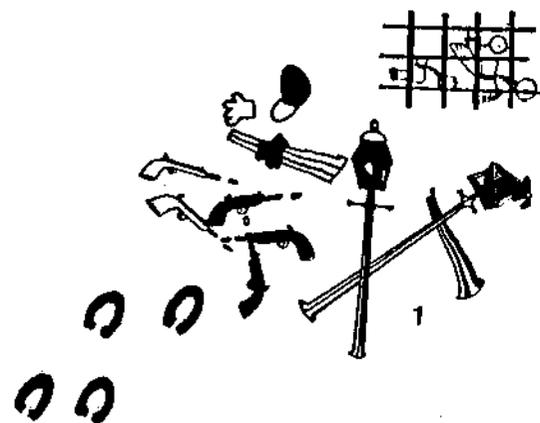


- Dia 11
- 1 - Largo de São Francisco
 - 2 - Rua Sete de Setembro
 - 3 - Praça Tiradentes
 - 4 - Avenida Central

Foram retiradas vigas de sustentação e pedras que iriam compor o calçamento. Sob os braços e as mãos dos populares, as madeiras se transformaram em projéteis; inventos descarregados contra os policiais em choques intermitentes. Fugindo da polícia, algumas prostitutas, imersas na massa, correram pela familiar rua Sete de Setembro. Os policiais, mais uma vez, perseguiram mulheres que haviam sido expulsas deste logradouro para dar lugar ao comércio. Os "zeladores da ordem pública" demarcaram novamente o território conquistado no "saneamento moral" da cidade.

No dia 12, uma massa popular se adensou no Largo de São Francisco. Crianças entraram em cena munidas de material de construção das obras da Politécnica. As madeiras se metamorfosearam em cavalos sob os quais crianças-policiais combatiam crianças-populares.

Os corpos e adereços infantis representavam os personagens da batalha do dia anterior. Elas se movimentavam em torno da estátua de José Bonifácio. A palavra e a ação infantil incitou o som das vaias aos policiais. Os comerciantes desconfiaram da capacidade da força repressiva em conter o impulso da multidão. As portas dos seus estabelecimentos foram fechadas. O medo de ter o patrimônio delapidado levou os comerciantes a impedir o acesso da população às lojas, bares e restaurantes do Largo. Os policiais responderam às vaias investindo contra a população. Prisões foram realizadas. Grupos civis acompanharam os algemados num percurso de solidariedade. Alguns populares atiraram projéteis de pedra contra pontos de iluminação. No Largo, reinava, entre os presentes, uma grande expectativa quanto à reunião marcada para às 20:00 horas no Centro das Classes Operárias. A Polícia atacou com balas e patas de cavalos na tentativa de disper-



Dia 12

- 1 - Largo de São Francisco
- 2 - Centro das Classes Operárias
- 3 - Rua do Ouvidor
- 4 - Passeata pela Lapa, Glória até o Palácio do Catete
- 5 - Escola Tática do Realengo
Situada fora da área do mapa.

sar os grupos e estancar o movimento no Largo e ruas adjacentes.

Grupos Civis se dirigiram à rua Espírito Santo, local da reunião programada pela Liga Contra a Vacina Obrigatória. Esta rua estava marcada na memória dos cariocas pelos inúmeros palcos que havia abrigado: o do Vaudeville, Sant'ana, Lucinda e Recreio Dramático. O alvo das atenções, neste dia, não era nenhuma peça em cartaz mas, os discursos a serem realizados pelos protagonistas de destaque da Liga. Perto de três mil pessoas se acotovelavam no prédio do Centro para ver e ouvir os pronunciamentos contra a lei de vacinação. Terminada a apresentação de Lauro Sodré, Barbosa Lima e Vicente de Souza, os espectadores abandonaram o Centro. Desceram em passeata pela rua do Ouvidor, comentando os pronunciamentos e as informações veiculadas nos jornais. Na passarela da imprensa, palavras de ordem ecoavam nos prédios dos diários.

"Viva o Correio da Manhã!". Os jornalistas, da sacada do escritório agradeceram o referendo popular à cobertura dada à campanha contra o "despotismo sanitário". A manifestação popular de apoio a este periódico levou os seus membros a recusarem a oferta da Polícia de guardar a sua sede. Os populares continuaram gritando: "Morra o Jornal do Commercio!", "Morra o Paiz!".

A passeata percorreu a Lapa e a Glória rumo ao Palácio do Catete. Vaias se propagaram em direção ao carro do Ministro de Guerra.

A Cavalaria se dividiu em três grupos. O primeiro se instalou na rua Primeiro de Março, o segundo se manteve no Largo de São Francisco, enquanto o terceiro se deslocou para o Catete.

A multidão encontrou o palácio presidencial cercado por cento e vinte e oito oficiais. Os populares vaiavam a impenetrável barreira militar. A sentença de morte da multidão recaiu sobre o governo, o ministro Seabra,

o deputado Mello de Mattos e Oswaldo Cruz. O som dos sucessivos gritos de "morra" atravessou o palácio. A multidão retornou ao Centro da cidade. No Largo da Lapa, houve um tiroteio ordenado pelo Gal. Piragibe, chefe de polícia. Em Laranjeiras, a iluminação foi apagada por populares. O pânico das trevas paralisou os cariocas acostumados a circular pela cidade feérica. No escuro, os moradores se trancaram entre as paredes de suas imponentes residências. Das dez à meia noite, o movimento no bairro de Laranjeiras permaneceu camuflado na noite.

Do outro lado da cidade, um intenso foco de luz elétrica iluminava o pátio da Escola Tática de Realengo. O prédio abrigava os alunos do curso preparatório do Exército. Na noite do dia 12, a luz expôs uma fila de quarenta e oito alunos que marchavam em recolhida ao interior do edifício. Eram alunos que haviam sido identificados como participantes da reunião no Centro das Classes Operárias.

O deboche do escuro-perigo e da claridade razão

Medo de Escuro

Ao saber apagadas o Cardoso
 As lamparinas da ILUMINAÇÃO
 Saltou da cama pallido, nervoso,
 As tropas mandou pôr de promptidão
 Eis que da Hydra o espectro pavoroso
 Surgira novamente; a ESCURIDÃO
 ERA um SYMPTOMA NADA DUVIDOSO
 Do rompimento da revolução
 De medo e horror numa explosão macabra,
 Grita: SEM LUZ, COMO CUMPRIR O OFFÍCIO
 De liquidar a faca e o pé da cabra?
 Para elle a TRÉVA é um tétrico supplicio;
 E por este motivo que o Seabra
 Mandou por LUZ ELÉTRICA no HOSPÍCIO.

(Xiquete, D. - op.cit., g.n.)



- | | |
|---|--|
| 1 - Praça Tiradentes | 14 - Entre rua do Hospício e Mal. Floriano barricada |
| 2 - Av. Passos | 15 - Corpo de Bombeiros |
| 3 - Rua Sacramento | 16 - Praça Onze barricada |
| 4 - Largo de São Francisco | 17 - Tijuca |
| 5 - Rua do Teatro | 18 - Gambôa e Saúde |
| 6 - Rua dos Andradas | 19 - Botafogo |
| 7 - Rua da Assembléia | 20 - Laranjeiras |
| 8 - Rua Sete de Setembro | 21 - Catumbi |
| 9 - Rua Regente | 22 - Engenho Novo |
| 10 - Rua São Jorge | 23 - Rio Comprido |
| 11 - Av. Central | 24 - Rua Mal. Floriano incêndio |
| 12 - Rua Frei Caneca | |
| 13 - Cia de Gás do Mangue ataque à bordes | |

pancadaria

No dia 13, a ação teve início na Praça Tiradentes e foi se propagando por toda a cidade. Conflitos entre populares e policiais se multiplicavam nas ruas do Centro, Cidade Nova, Botafogo, Tijuca, Engenho Novo, Catumbi, Rio Comprido, Saúde e Gambôa. Durante o percurso de ocupação da cidade, a multidão registrou em sua superfície uma nova grafia. A circulação urbana foi bloqueada em vários pontos. Na rua dos Andradas, Assembléia, Sete de Setembro e Praça 11 de Junho, populares pararam e viraram bondes. Estes veículos foram transformados em barreiras. A sua função usual na cidade foi invertida. O fogo foi ateado neste invento da Modernidade. A velocidade e o crepitar das labaredas se refletiam nos rostos dos incendiários. Eles contemplavam a altura e o movimento das chamas extasiados. Havia, nos seus olhos, uma força; a destruição do bonde materializava um desejo de renovação. O ataque foi, simultaneamente, uma

estratégia forjada diante do avanço das forças repressivas. Populares construíram uma barricada próxima à rua do Hospício, oficialmente designada de Rua Buenos Aires em homenagem à moderna metrópole platina.

O obstáculo aos policiais e a defesa dos populares foi formada com material de construção. Os objetos haviam sido destinados à abertura de ruas largas que facilitariam a circulação de ar, pessoas e mercadorias pela cidade. As mãos e vozes dos populares os desviaram deste fim. A astúcia dos homens revelou-se na linguagem da ação. Na grafia popular, as barricadas expressaram a negação de um dos requisitos do funcionamento da cidade moderna: a circulação.

Na avenida Central, a multidão tombou postes e cortou os fios de iluminação. Os apologistas do "novo Rio" denominavam esta via de a "grande artéria".

Fios e postes se entrelaçavam, curtocircuitando a circulação no local-símbolo da era Passos. No dia 07 de setembro de 1904, foi realizada uma grande festa de inauguração da iluminação elétrica na avenida. A pompa e o brilho haviam marcado a presença das autoridades envolvidas na remodelação e saneamento do Rio de Janeiro. A escuridão provocada no dia 13 apagou a identidade oficial desta via aos olhos dos cariocas. Durante o movimento popular, a avenida se transformou em mais um local de batalha.

Outro lugar de luta foi a Senador Dantas. A rua fora conhecida como sede das "pensões de artistas". O esforço oficial de sanear os hábitos dos cariocas levou as autoridades a evacuarem as prostitutas. A "limpeza" seria realizada pelos estudantes. Diante da dificuldade encontrada para alugar os

sobrados, as autoridades resolveram conceder-lhes um prazo determinado para a formação de repúblicas. Dispensados do ônus do aluguel, os estudantes retribuíram o favor funcionando como "filtros" na "limpeza moral" do Rio de Janeiro. Terminada a operação de asseio, as casas seriam alugadas para o comércio. No dia 13, o alvo de ataque popular foi o filtro ecológico: as árvores. A legislação buscava contrabalançar os efeitos do desenraizamento necessário ao movimento e à circulação da cidade moderna, postulando que as feiras higiênicas do início do século fossem inauguradas com a festa da árvore. Ao nomadismo dos feirantes, que abastecem com alimentos a população, se contrapõe a homenagem ao símbolo da fixação: as árvores. Durante a revolta, elas são arrancadas com as raízes à mostra transportadas para o meio da rua.

Para as autoridades, a massa sempre esconde os culpados e coube à polícia denominá-los na leitura oficial da ação popular:

"Aqui a ali em vários pontos pôde-se dizer que simultaneamente, ao mesmo tempo, (SIC) bandos de indivíduos educados na escola do vício e da mandragem afeitos ao crime, vagabundos, desordeiros profissionais, malfeitores dos mais perigosos.... cometiam toda sorte dos mais graves attentados." (01)

As autoridades realizaram duas funções básicas: registrar a norma, apreender e fixar em quadros a conduta dos infratores.

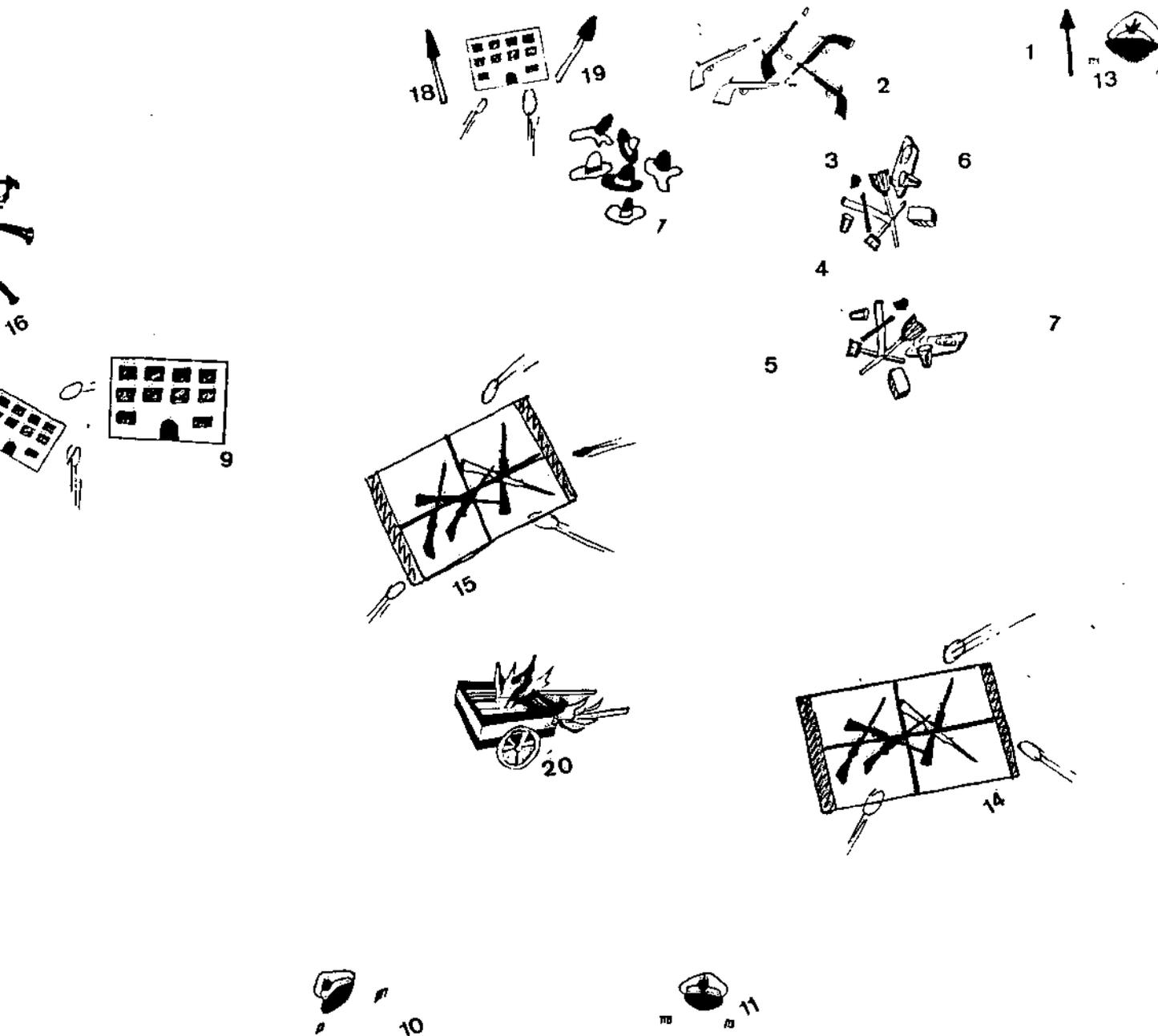
No debate sobre as atribuições da Polícia, dois tópicos foram se constituindo a partir da década de 90: o papel de escriba e o caráter preventivo das atividades policiais:

"O dever da Polícia é descobrir e evitar casos concretos, a autoridade deve observar suas condutas de modo a impedir que ocorram fatos que receia." (01)

No parecer oficial foram assinaladas as provas do delito da multidão. Este foi o inventário das perdas e danos: 22 bondes arrasados, 100 combustores danificados, 700 combustores inutilizados, postes vergados, portas e janelas

(01) Os Crimes de Novembro - Relatório do Chefe de Polícia, Rio de Janeiro, 1904 (B.M.A.).

(01) Mendes, R.T. - "O Anarquismo e a Questão Social", Rio de Janeiro, IAPB, 1892 (B.N.).



Dia 14 - mapa 01

- | | |
|----------------------------------|---------------------|
| 1 - Praça Tiradentes | 11 - Correio |
| 2 - Rua Regente | 12 - Alfândega |
| 3 - Rua São Jorge | 13 - Senado |
| 4 - Rua Sacramento | 14 - Rua do Ouvidor |
| 5 - Rua Conceição | 15 - Rua da Carioca |
| 6 - Rua Senhor dos Passos | 16 - Copacabana |
| 7 - Av. Passos | 17 - Botafogo |
| 8 - Saúde | 18 - Vila Izabel |
| 9 - 2ª Delegacia Urbana Botafogo | 19 - Mangue |
| 10 - Câmara dos Deputados | 20 - Av. Central |

quebradas. A "subversão" dos códigos inscritos no espaço é simultaneamente um investimento popular criativo de apropriação da cidade e justificativa tecida para a violência reativa das autoridades. As forças repressivas responderam ao ataque dos signos da metrópole moderna com a necessidade forjada de defesa da propriedade, impedindo o "retrocesso à barbárie" e garantindo a "campanha de civilização do Rio de Janeiro":

"O que releva notar é que a continuidade do serviço que da Marinha e do Exército, principalmente da Brigada Policial se exigia ou para a guarda dos estabelecimentos públicos ameaçados ou para a guarda dos estabelecimentos particulares ou para a repressão das desordens nas ruas estava a provocar natural fadiga..." (01)

No dia 14, as forças repressivas permaneceram em alerta contra possíveis ataques à Delegacia, situada na rua São Joaquim, à 3a. Delegacia Urbana da Saúde e à depredada 5a. Delegacia da Saúde, na rua Senador Pompeu. As carroças funerárias circularam com a escolta da Cavalaria. Tropas da Marinha guardaram a Câmara dos Deputados, o Senado, os Correios e Telégrafos, o Gasômetro, bancos e a Alfândega.

No Palácio do Catete, nas Secretarias e Gabinetes de ministros, lâmpadas acesas espreitavam a noite. Focos diversos projetavam no escuro raios de alcance das autoridades vigilantes.

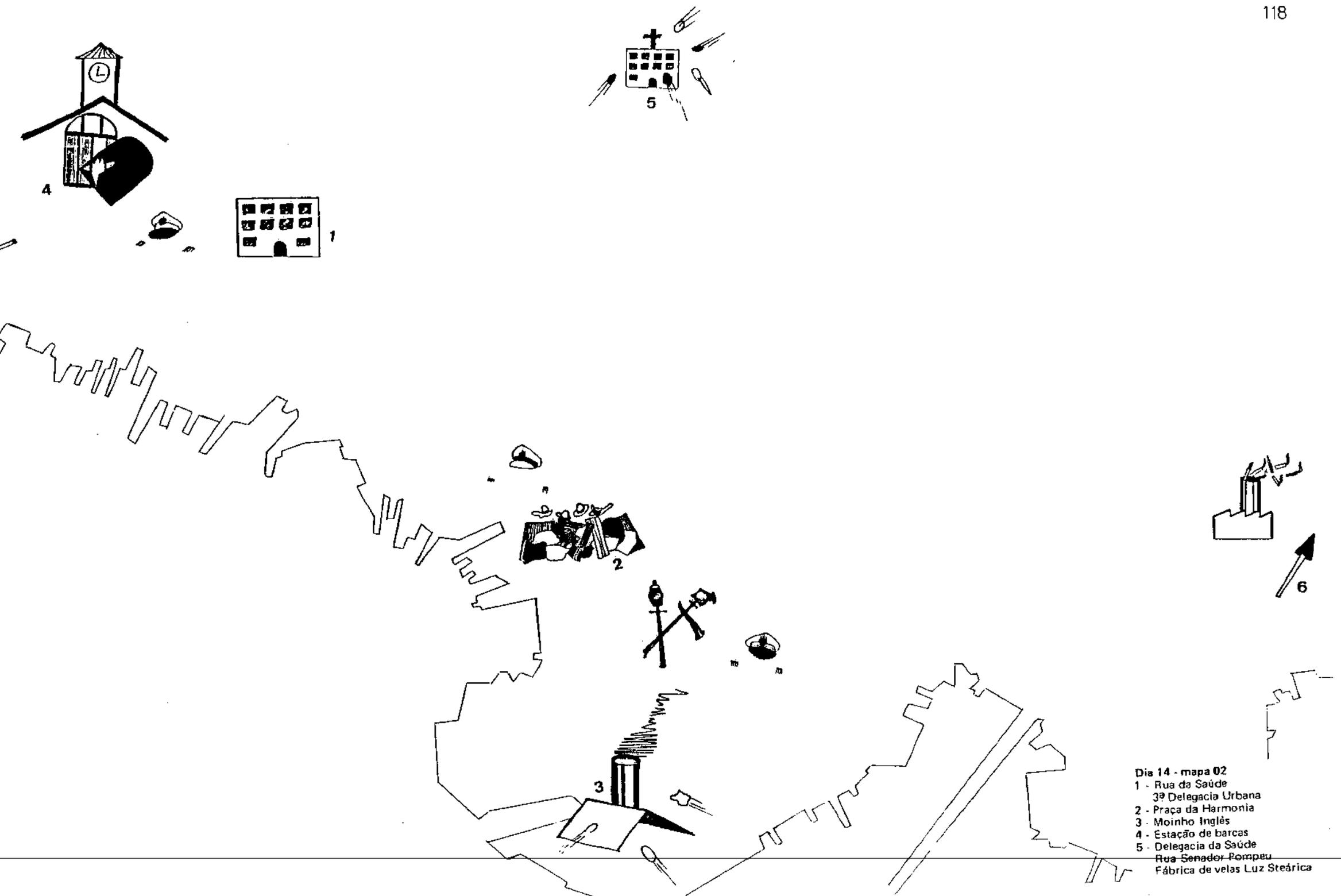
"Um leviatã negro trabalhado a ouro." (01)

Os Gasômetros e a fábrica de velas Luz Steárica foram atacados.

— — —

(01) Os Crimes de Novembro, pg.21.

(01) G.E. Glancier - *Une voix*, Gallimard, pg. 172 cit in: Bachelard, G. - A poética do espaço, Rio de Janeiro, Eldorado, s.d., pg. 42.



Dia 14 - mapa 02
 1 - Rua da Saúde
 3ª Delegacia Urbana
 2 - Praça da Harmonia
 3 - Moinho Inglês
 4 - Estação de barcas
 5 - Delegacia da Saúde
 Rua Senador Pompeu
 Fábrica de velas Luz Stearica

No bairro da Saúde, foi-se formando o núcleo da luta popular que se espalhava pelo centro da cidade. Alguns objetos cobertos por papel prateado simularam dinamites. Trincheiras e barricadas foram compostas na Praça da Harmonia.

No Clube Militar civis e fardados reuniram-se. O General Olímpio da Silveira dirigiu-se ao palácio do governo e solicitou a demissão do ministro J.J.Seabra. O levante militar foi ensaiado a partir da Escola Militar situada na Praia da Saudade e da Escola Tática de Realengo. As paredes conspiraram; em 1904 a luz elétrica da Escola Tática foi apagada e suas atividades encerradas. Dois sentidos de força se cruzaram na rua da Passagem: a defesa e o ataque ao Palácio do Catete. As resultantes foram tiros trocados, feridos e fugas.

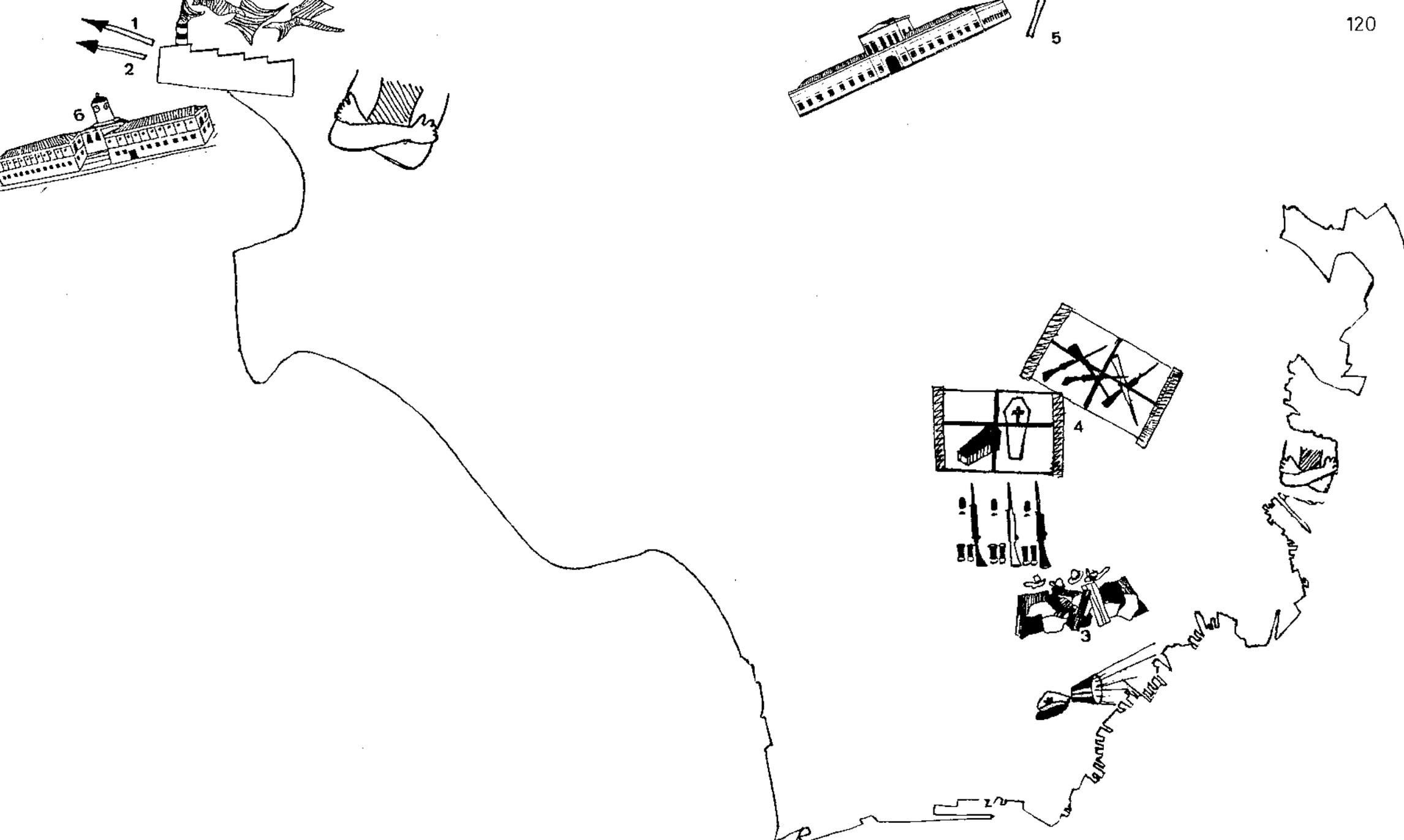
Um grande número de estivadores e carregadores era contratado pela Companhia "The Rio

de Janeiro Flour Mills & Graneries Limited", o Moinho Inglês fundado no Brasil em 1887. As suas instalações compreendiam um dique seco capaz de receber navios de até 135 metros de comprimento, oficinas, muralhas e uma ponte metálica (01). O Moinho Inglês situado no final da rua da Gambôa foi alvo de ataque da população.

Na tarde do dia 15, o movimento no porto foi estancado. Estivadores e foguistas se reuniram ao movimento que eclodiria nas fábricas de tecidos Corcovado e Carioca e na fábrica de meias São Carlos. As vilas operárias das tecelagens registraram uma movimentação diferente dos seus moradores. Nos prédios do setor de ponta da indústria carioca, as máquinas pararam.

Um membro da associação dos portuários foi a público esclarecer que a inatividade do

(01) Albuquerque, M.B.M. - Trabalho e Conflito no Rio de Janeiro (1904/1920): Um estudo sobre a participação política das categorias portuárias no movimento operário da Primeira República, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, pp. 31/34.



- Dia 15**
1 - Fábrica de tecidos Corcovado e Carioca - Jd. Botânico
2 - Fábrica de tecidos Gávea
3 - Rua Camerino
4 - Frei Caneca
5 - Escola Técnica de Realengo
6 - Escola Militar

porto não tinha ligação, nem com o movimento grevista dos tecelões cariocas ou do "quebralampiões", nem com a greve dos portuários de Buenos Aires. A imobilidade dos trabalhadores colocou a prova a política sanitária internacional de desobstacularizar a circulação entre as nações. Neste mesmo ano, os adeptos da abolição da quarentena venceram o debate, na Conferência Sanitária Internacional realizada entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

A região da Saúde e Gamboa era conhecida por abrigar a residência de baianas, os batuques, capoeiras, saraus e festas religiosas populares.

A partir da rua Camerino, nenhuma força policial conseguiu penetrar na Saúde.

As forças repressivas mapearam a cidade e dividiram-na em três regiões estratégicas. O litoral, destacado pela luz do holofote, ficou a cargo da Marinha. As ruas Haddock Lobo, Frei Ca-

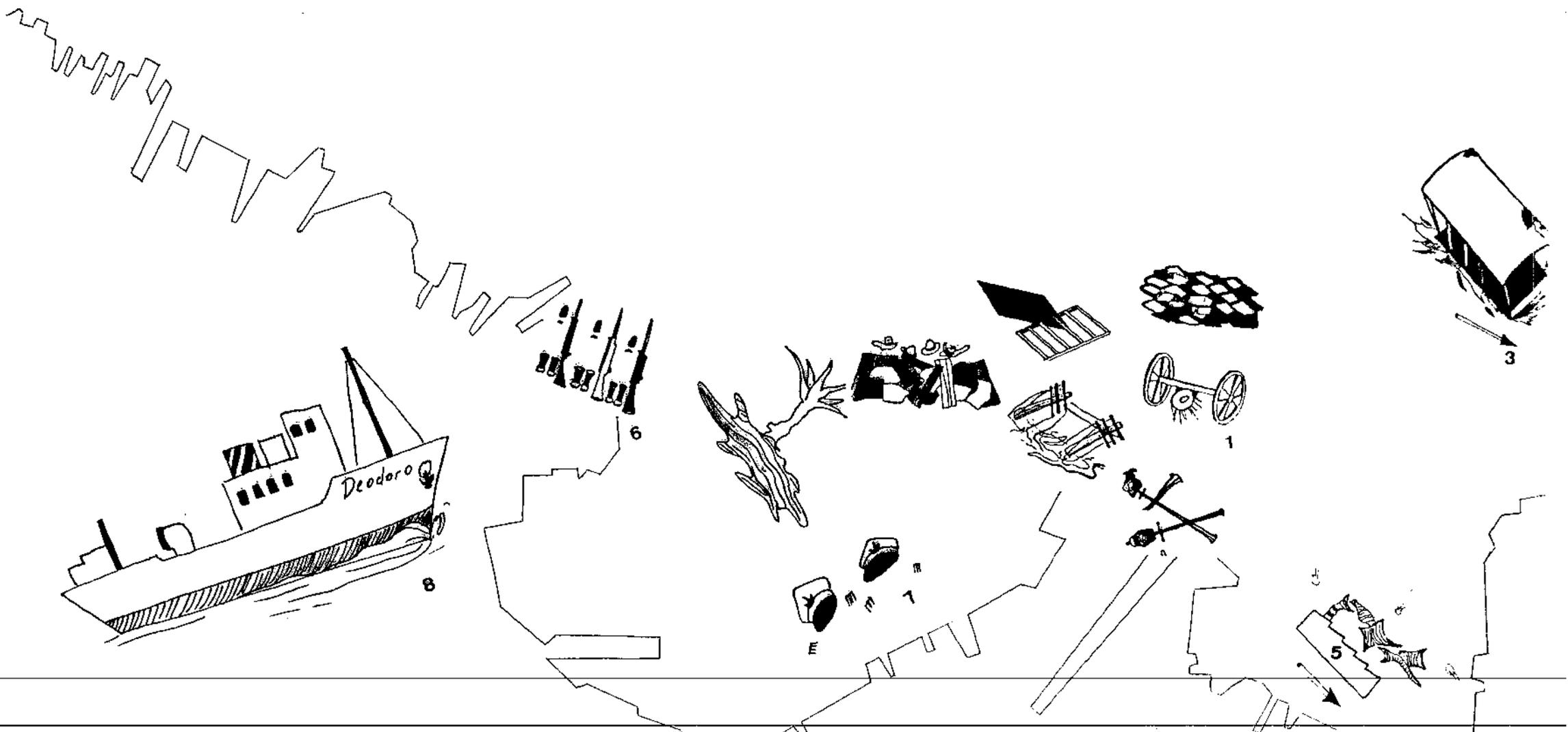
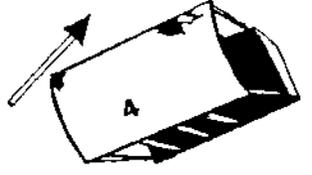
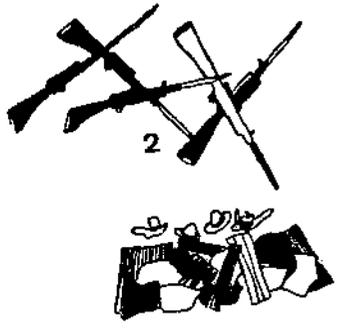
neca, a Praça Tiradentes e as ruas Barão de São Felix foram atribuídas à Brigada Policial. Por último, a região da Praça da República, a rua Marechal Floriano Peixoto, a Estrada de Ferro de São Cristóvão e Vila Izabel.

Casas de armas foram assaltadas pela população. Na rua Frei Caneca, o comércio da morte é atingido no ataque à uma Empresa Funerária.

Na última década do século XIX, foi criada a Inspetoria Geral da Saúde dos Portos, regulamentada a criação de novos cemitérios e proibidos os enterros em valas comuns.

O presidente nomeia os líderes do movimento: o senador Lauro Sodré, os deputados Alfredo Varella e Barbosa Lima. O estado de Sítio foi decretado no Rio de Janeiro e em Niterói. Apenas os líderes oficiais, entre todos os presos, responderam processo.

- Dia 16**
 1 - Porto Arthur
 2 - Rua Carnerino
 3 - Cidade Nova
 4 - Jardim Botânico
 5 - Fábrica de tecidos
 Confiança Industrial
 Vila Izabel
 6 - Praça da Harmonia
 7 - proximidade do
 Moinho Inglês



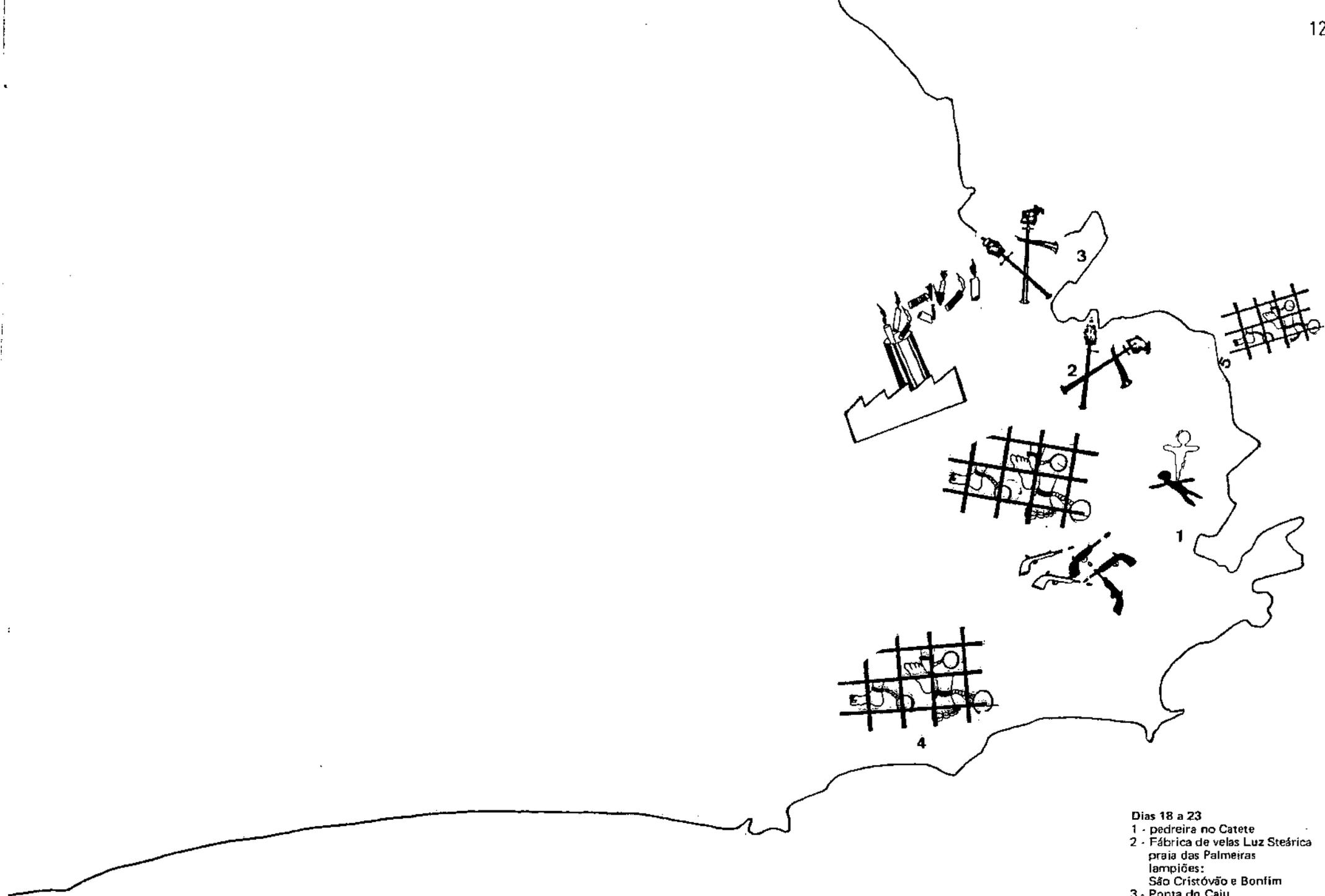
No dia 16, a trincheira "Porto Arthur", situada na rua da Harmonia, na Saúde, atingiu mais de um metro. Os morros do Livramento e da Mortona (Favela) foram fortificados com material antes destinados às obras de "intervenção cirúrgica do Prefeito Passos no organismo da cidade".

Na Vila Izabel, a fábrica de tecidos Confiança Industrial foi atacada.

As forças de repressão realizaram um ataque simultâneo à Saúde. De um lado, o contingente da Marinha foi transportado pelo Encouraçado Deodoro, desembarcou perto do Moinho Inglês e tomou uma trincheira. Do outro, o 7º Batalhão de Infantaria do Exército tomou o morro da Mortona. As trincheiras foram abandonadas e a Saúde conquistada.

Nos dias 18 a 23, a luta popular se pulverizou. Lampiões foram atacados, e também a fábrica de velas Luz Steárica, fundada em 1863.

A repressão aproveitou para fazer uma "limpeza" preventiva nas áreas consideradas suspeitas pelas autoridades. Os presos, em torno de setecentos, aguardaram na Ilha das Cobras antes de serem enviados para o Acre.



Dias 18 a 23

- 1 - pedreira no Catete
- 2 - Fábrica de velas Luz Steárica
praia das Palmeiras
lâmpioes:
São Cristóvão e Bonfím
- 3 - Ponta do Caju
- 4 - Gávea
- 5 - Ilha das Cobras
- 6 - Morro da Favela

APÊNDICE

XVII Exercício da profissão de mascate

(Decreto Legislativo nº 830 de 31 de outubro de
1901)

Art. 744 - A classificação dos mascates (vendedores ambulantes) será feita de acordo com o disposto na lei orçamentária, correspondendo cada uma das diferentes classificações à exigência de uma licença distincta, de modo a não poder o mascate de uma mercadoria negociar em outra sem pagar integralmente os respectivos impostos de cada mercadoria (Decr. cit. art. 1º).

Art. 745 - A licença de mascate protegerá exclusivamente a pessoa que conduzir as mercadorias de vendas licenciadas, se essas mercadorias forem conduzidas por mais de um indivíduo, far-se-ão indispensáveis tantas licenças quantas forem necessárias. (Decr. cit. art. 3º)

Art. 746 - FICA ABSOLUTAMENTE PROIBIDA A LOCALIZAÇÃO DESTES MASCATES DENTRO DA ZONA URBANA
(Decr. cit. art. 5º)

Art. 747 - O conductor de mercadorias é obrigado a trazer junto a estas o original da respectiva licença, de modo a promptamente apresentá-la onde e quando lho for exigida pelos agentes do fisco.

Parágrafo único - A licença acima deverá ser trazida bem exposta.

FONTES*Locais de Pesquisa e Siglas:*Esclarecimento

Reunimos o maior número possível de indicadores das fontes. Durante o longo período da nossa pesquisa, encontramos acervos em formação, no Museu da República e em processo de recatologação, na Biblioteca Nacional. Em decorrência deste e de outros fatos não nos foi possível ser precisos e manter um padrão nas referências. Achamos necessário arrolar todas as indicações disponíveis afim de facilitar o trabalho de futuros interessados na consulta das fontes por nós pesquisadas. Acreditamos contar com a compreensão dos pesquisadores que percorrem caminhos sinuosos em busca de indícios nas suas investigações.

Campinas - SP

Arquivo "Edgard Leuenroth" - (A.E.L.)

Biblioteca do IFCH - UNICAMP (B.I.F.C.H.)

Biblioteca do IEL - UNICAMP (B.I.E.L.)

Rio de Janeiro - RJ

Academia Nacional de Medicina (A.N.M.)

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (A.G.C.R.J.)

Biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública
(B.E.N.S.P.)

Biblioteca Nacional (B.N.)

Museu da FIOCRUZ (M.FIOCRUZ)

São Paulo - SP

Arquivo do Estado de São Paulo (A.E.S.P.)

Biblioteca da Faculdade de Saúde Pública - antigo Instituto de Hygiene (B.I.H.)

Biblioteca Municipal Mário de Andrade (B.M.A.)

Academia Imperial de Medicina - Relatório dado por uma comissão nomeada por esta Academia referente a medida de prophylaxia da colera-morbus, Rio de Janeiro, 31/07/1884

AFFONSO, Pedro Barão e Dr. Jorge Affonso Franco "Propostas para fornecimento da vacina anti-variólica ao Estado do Rio de Janeiro", Rio de Janeiro (B.N.)

ALEIXO, Manoel - "A grande artéria" in Revista Kosmos, ano I, nº 4, abril 1904 (A.E.L.)

ALMEIDA, Pedro J. - Algumas considerações hygienicas acerca das habitações, Rio de Janeiro, Typ. e Livraria France-sa. ((B.N.) II 164, 6, 3 n.II)

ANDRADE, José Bonifácio Caldeira de - Esboço de uma hygiene dos collegios applicavel aos nossos regulamentos principalmente tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças phisicas e intellectuais segundo as quais se devem regular os nossos collegios, Rio de Janeiro, Typ J. Villeneuve, 1855. ((B.N.) III 17, 6, 15 n. 16)

Avenida - 1904 - charge

Boletim da Intendência Municipal

Diretoria Geral da Polícia Administrativa,

Archivo e Estatística, Rio de Janeiro, 1904 (A.E.S.P.)

Boletim Mensal de Estatística Demógrapho-Sanitária da cidade do Rio de Janeiro. Anno XII, nº 1 1904, (B.E.N.S.P. - 3-3/293)

BRASIL - Comissão Brasileira na Exposição Internacional de Hygiene de Londres, R.J., Imp. Nacional, 1885.

BRASIL - Departamento Nacional de Saúde - Reorganização dos serviços de hygiene administrativa da União, decreto legislativo n. 1151 de 05/01/1904. Reg. dos serviços sanitários a cargo da União, decreto do poder executivo, n. 5156 08/03/1904, R.J., Imprensa Nacional. (B.N.)

*Brasil Médico**Revista Semanal de Medicina e Cirurgia**Direção Dr. Azevedo Sodré, Olinto de Oliveira, Marco Filho, 1904 (B.I.H.)**BRASIL - Tratados - Questão suscitada por alguns governos sobre a instituição de inspetores sanitários estipulada pela Convenção Sanitária, R.J., Imp. Nacional, 1889 (B.N.)**BERTOGLIO, L. - Les cemetières au point de vue de l'Hygiene et de l'administration, Paris, Lib. Y.B. Baillièere et Fils, 1889. (B.N.)**CARDOSO, J.L. Dr. - Considerações acerca da idade crítica da mulher, Rio de Janeiro, Typ. do Diário de N.L. Vianna, 1849. (B.N.)**"Cemitérios do Rio" in Revista Kosmos, Rio de Janeiro, ano II, 1905. (A.E.L)**CHARGES - Jornais e revistas do período**Álbun de recortes de Oswaldo Cruz - (M. FIOCRUZ) também em ed. fac. similar, Brasiliense, Oswaldo Cruz Hommentz Histórica, vol. 06, 1972**CHAVIGNY, Paul Marie Victor - Psychologie de l'Hygiene, Paris, Flammarion, 1921. (B.N.)**DIRETORIA GERAL DE SAÚDE PÚBLICA - Processo sobre reforma e desapropriação de habitações, Rio de Janeiro, 16/11/1904. (A.G.C.R.J.)**DIAS, João Duarte - Hygiene relativa às diversas condições sociais, Rio de Janeiro, Typ. Univ. de Laemmert, 1844. (B.N.)**Encyclopédie Internationale d'Assistance, de Prévoyance, d'Hygiene Sociale et Démographie, Paris, J. Girard e Brière Ed., 1909*

Exposição Nacional de Hygiene no Rio de Janeiro em 1909.

Rio de Janeiro, Renascença, 1909 (A.G.C.R.J.)

FARIA, Rocha - "Epidemiologia da febre amarella - lições professadas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro" in: Gazeta Clínica, ano II, nº 1 (A.E.S.P.)

FONTENELLI, J.P. Dr. e Dr. Décio Paneiras - Typos de organização sanitária - Parecer apresentado sobre a memória relativa ao thema, Rio de Janeiro, Canton & Breyer, 1929. (AEL)

FRAGA, Clementino - Erros e preceitos da Medicina Social (aspectos médicos e para médicos da vida social, formação de hábitos sadios - Conselhos e sugestões, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1936. (B.N.)

FRANCISCO, L.O. Araujo - Dissertação sobre os Tuberculosos pulmonares e sua frequencia no Rio de Janeiro. 1855

FREITAS, Otávio Dr. (da Societé Française de d'Hygiene)

- Do registro sanitário das habitações... Recife inp. industrial, 1909. (B.N.)

FOLHETOS DA IGREJA E APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRASIL:

- Vários autores:

- "Mais um atentado do despotismo sanitário", Rio de Janeiro, IAPB, nº 274, 1909.

- "A religião da Humanidade", R.J., IAPB, 1906

- "A ordem social e o comunismo anarquista", R.J., IMP. Comercial, 1893.

- "A secularização dos cemitérios", R.J., IAPB, nº 10, 1890.

- "A secularização dos cemitérios e o Privilégio Funerário", R.J., IAPB, nº 135, 1893 ((M.R.) F/IP4)

BAGUEIRA, J. - "Sobre a vacina" in: Folha do Povo, 16/08/1908, nº 22, pg. 03 (A.E.L. (EI 14))

BARBOSA, Luis Bueno Horta - "A vacina e sua obrigatoriedade, resposta ao Sr. Dr. Vieira Bueno", Campinas, Typ. Livro Azul, 1904. (B.N. (610.8/5586b))

GAZETA - 10/11/1904

GEORGE, Eugenio - "A ilusão das vacinas e os escravos dos médicos" (Capítulo do livro Civilização de Alienados), R.J., Typ. Canton e Breyer, 1913.

LEAL, Bagueira - Correspondência particular (M.R.)

- "A questão da vacina", R.J. IAPB, 1904 - (A.E.L. - (EI/448))

"A questão da vacina e da varíola", R.J., IAPB, 1908. (A.E.L.)

- Teoria positiva das Epidemias, these apresentada à Faculdade de Medicina, Rio de Janeiro, 13/10/1881 (B.A.N.H.)

MENDES, R.T. - "A incorporação do proletariado na sociedade moderna", R.J., IAPB, nº 77, 1908.

- "Ainda as cruéis e absurdas monstruosidades do despotismo sanitário", R.J., IAPB, nº 252, 1908 (A.E.L./Elf 167)

- "Ainda a questão da vacina e da varíola", R.J., IAPB, nº 264, 1908. (A.E.L./Elf 168).

- "Ainda a questão da vacina obrigatória e a política republicana", R.J., IAPB, 1908.

- "Ainda contra a vacinação obrigatória", in Jornal do Commercio 28/08/04.

- "Ainda em defesa da política republicana atraída pela higiene oficial", R.J., IAPB, nº 266, 1908. (A.E.L./Elf 89).

- "Ainda em defesa da sociedade e especialmente em defesa do culto dos mortos, contra o despotismo sanitário", R.J., IAPB, 1918. (A.E.L./Elf 58).

- "Ainda o despotismo sanitário e a política republicana", R.J., IAPB, 1910. ((A.E.L.) Elf 92 e (B.N.) V 339, 4, 2, n. 35)

- "Ainda pela organização da hygiene publica", R.J., IAPB, nº 384, 1915. (A.E.L./Elf 7).

- "Ainda o regime republicano e a profanação dos mortos pelo materialismo médico", R.J., IAPB, nº 396, 1913. (A.E.L./Elf 180).

- "Ainda pelo respeito cavalheiresco à dignidade feminina", R.J., IAPB, nº 390, 1915. (B.N.)

- "A liberdade espiritual e a vacinação obrigatória", R.J., IAPB, nº 56 - 1a. ed. 1902, 1904. (B.N.).

- "A preeminencia social e moral da Mulher", R.J., IAPB, dez. 1908 (A.E.L./EI 118)

- "A propósito da reação popular contra a vacinação obrigatória, sob todos os governos, e com a mesma decisão", R.J., I.A.P.B., 1904. (B.N.).

- "A propósito da proibição de acompanharem crianças os enterros", R.J., Jornal do Commercio, 24/07/1909.

- "A hygiene oficial e a verdadeira hygiene", R.J., I.A.P.B., nº 77, 1908.

- "O ensino público e o despotismo sanitário", R.J., IAPB, 1910.

- "A solução da questão social, segundo os ensinamentos da verdadeira sciência positiva", R.J., Conferência realizada em 30/11/08

- "O despotismo sanitário e a política republicana", R.J., IAPB, 1904.

- "A reorganização republicana da assistência pública no D.F.", R.J., IAPB, nº 285, 1909.

- "Ainda a vacina obrigatória e a política republicana", R.J., IAPB, nº 259. (A.E.L./Elf 167).

FOTOGRAFIAS - Acervos do M.I.S. e do A.G.C.R.J.

GUIMARÃES, Caetano Diniz Junqueira - Da vacina anti-variolica, R.J. L.Macedo, 1892

História do desenvolvimento do beriberi a bordo da corveta Vital de Oliveira em sua recente circumnavegação, Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1882. (B.N.)

HOMEM, J. V. Torres Dr. - "A alimentação que usa a classe pobre no Rio de Janeiro e sua influência sobre a mesma classe", (A.N.M.)

Jornais: - Jornal do Commercio - 10/11/04

- Correio da Manhã - 1904 - (A.E.L.)

- A Noticia - 11/1904 - (B.N.)

- The Journal of American Medical Association, Chicago, Illinois, Outubro 1904, "Summary of smallpox in Chicago" pg. 987

Kosmos - "A questão feminina", Rio de Janeiro, ano V, nº 9, set. 1908.

LEITE, Tobias, Rabelo - Breves considerações acerca da polí-
lícia sanitária. R.J., Typ.do Archivo Médico Bras., 1849
(B.N.)

LOBO, Antonio - "Positivismo e micróbios", São Luiz, Typ. Farias, 1908 (B.N. - V 251, 3, 2 n. 11)

LILIENTELD, Paul - La Pathologie Sociale, Paris, V. Giard, 1896 (B.N.)

LEIH, T. Rebello - "Breves considerações acerca da Polícia Sanitária"

MENDES, R.T. - A preeminencia social e moral da mulher
R.J., IAPB, dez. 1908. (A.E.L. - EI 118)

MEDEIROS, Alfredo A.C. - ...Considerações geraes sobre a variola no Brasil e a consequente introdução de sua prophylaxia pela vacina animal, São Paulo, Typ. do "Diario Official", 1918 (B.M.A. - (610/Q/c/83))

"Entrega dos melhoramentos do cais da glória com iluminação a gaz" in A Notícia
R.J. (B.N.)

MINISTÉRIO DA SAÚDE - "Lei nº 1026 - 31/10/1904" in: Legislação Federal do Setor Saúde, vol. 01, Brasília, Consultoria Jurídica do Min. da Saúde, 2a. ed., 1977, pp. 3/6.

NASCIMENTO, Alfredo - "Discurso proferido na sessão magna de 30-01-1903 pelo vice presidente em exercício.", Anais da A.N.M. - Rio de Janeiro, 1903. (A.N.M.)

PREFEITURA DO D.F. - Codificação Sanitária 1884-1913 - Rio Of. do Paiz, 1913. (A.G.C.R.J.)

- Consolidação das Leis e Posturas Municipais, Rio de Janeiro, 1906 (A.G.C.R.J.)

- Registra construção de avenidas para habitações de proletários e operários e de outras providências

- Instruções para o Recenseamento da População do Distrito Federal, Rio de Janeiro, Typ Jornal do Commercio, 1906 ((M.R.) F/PP7)

PASSOS, P.P. - "Consolidação das Leis e Posturas Municipais", Rio de Janeiro, 1916

Princípios geraes modernos de hygiene escolar applicados ao Rio de Janeiro - these Escola Polythecnica para o concurso de Architectura Civil, Hygiene das Edificações e Saneamento da Cidade (B.C.E.)

Questão suscitada por alguns governos sobre a instituição de Inspetores Sanitários estipulada pela Convenção Sanitária de 25/11/87 entre Brasil, Argentina e Oriental do Uruguay (B.N. - 040/L97g/d)

RAFFALOVICH, Arthur - "Le logement de l'ouvrier et du pauvre", Paris, Guillaumin, 1887, 486p. ((B.N.) 331833/R136)

REGO Fº, Dr. José Pereira - Bibliografia da Formação Histórica de Nacionalidade Brasileira, Typ. Bernard Freres, 1912

REIS, Felipe dos Santos - "Hygiene e Arquitetura", Separata da Revista Municipal de Engenharia.

vol XVI jan/março nº 01 ((B.N.) II 341, 7, 19 n.1)

REIS, T. Joaquim - "Elementos de Hygiene Social"

Typ. e Lith. da Cia. Impressora Paranaense, Curityba, 1894, 1a. ed., (B.M.A.)

Requisição concessão para lavanderias públicas (A.G.C.R.J./pasta nº 45 - 4 - 34)

RIBEIRO, B. Candido - Quaes as medidas sanitárias que devem ser aconselhadas para impedir o desenvolvimento e a Propagação da Febre Amarela na Cidade do Rio de Janeiro, Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, R.J., Typ. do "Direito" 1877. (B.N.)

SILVADO, Jaime - A Assistência Pública no Rio de Janeiro, (Projeto de Organização), São Paulo, Escola Typ. Salesiana, 1904. (A.N.M.)

- A propósito da Assistência Pública, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 1903.

- "Assistência Pública no Rio de Janeiro" in Brasil Médico - Revista Semanal de Medicina, Cirurgia, (direção Dr. Azevedo Sodré, Olinto Oliveira, Moncorvo Filho), ano XVIII, 1904. (B.I.H.).

ROSA, Ferreira da - Avenida Central in *Revista Kosmos*, ano 9, 1904)

SPENCER, Hebert

Essaies de Morale, de Science et d'Esthétique,

Paris, Félix Alcan, 1885. (B.C.E.).

TAPAJÓS, Torquato - Estudos de Hygiene - A Cidade do Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1895. (B.N./B.M.A.)

The Vaccination Inquirer, Londres, dez. 1904 e out. 1914

(M.R.)

VELHO, Octaviano H. - "Ligeiro estudo sobre a peste bubônica no Rio de Janeiro" in: Brasil Médico, 1904, pg. 61.

VIDAL, Gil - "Tardio esforço" in: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 28/08/1904.

XIQUOTE, D. - Versos Perversos - Poesias satyricas em comentario aos acontecimentos politicos de 1904, R.J., Liv.

Cruz Coutinho, 1905

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. - "La statique et la dynamique, catégories sociologiques" in Diogene, nº 33, Jan - Mar 1961, Paris, Gallimard, pp. 35-55
- ALBUQUERQUE, M.B.M - Trabalho e conflito no Porto do Rio de Janeiro (1904/20) um estudo sobre a participação política das categorias portuárias no movimento operário da 1a. República, Dissertação de Mestrado apresentada ao IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro.
- ARENDT, Hannah - A condição humana, Rio de Janeiro, FORENSE UNIVERSITÁRIA, 1981.
- Entre o passado e o futuro, São Paulo, Ed. Perspectiva.
- Walter Benjamin; Bertolt Brecht; Hermann Bloch; Rosa Luxemburgo, Barcelona, Ed. Anagrama, 1971.
- ARIES, Philippe - História social da criança e da família, Rio de Janeiro, Ed. Zahaar, 1981.
- O homem diante da morte, Vol. I e II, Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1981.
- "La famille et la ville" in: Esprit, 1, jan 1978, pp 3/12.
- Arte em Revista - nº 4 - "Arquitetura Nova", São Paulo, CECA, 1983.
- Assistência Médica no Rio de Janeiro: Uma contribuição para a sua história: 1890/1945, Relatório CMS, Rio de Janeiro, 1979/80.
- AZOUVI, François - "La femme comme modèle de la pathologie au XVIIIe siècle" in: Diogene, nº 33, Paris, Gallimard, Jan-Mar 1961.

BACHELARD, Gaston - La psychanalyse du feu, Paris, Gallimard, 1983.

- A Poética do Espaço, Rio de Janeiro, Livraria Eldorado Tijuca Ltda., 1979.

BAEHREL, René - "La haine de classe en temps d'épidémie", Annales, Paris, Lib.Armand Colin, pp. 351-360.

BARRÉ, L.A. - Manuel de Génie Sanitaire - La maison Salubre, Paris, Livrarie J.B., 1898.

BARRETO, Lima - Os Bruzundangas, Rio de Janeiro, Ed. Ática, 1985.

- Triste Fim de Policarpo Quaresma, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1978.

- Clara dos Anjos, Rio de Janeiro, Ed. Tecno Print Ltda., 1976.

- Vida urbana: Artigos e Crônicas, São Paulo, Brasiliense, 1956.

BARRETO F^o, Melle & Lima Hermeto - História da Polícia do Rio de Janeiro (aspectos da cidade e da vida carioca), Rio de Janeiro, A Noite, 1939.

BARTHES, Roland - A Câmara Clara, Lisboa, Edições 70, 1981.

BASCH, Françoise - Les Femmes Victoriennes Roman et Société (1837/1867), Paris, Payot, 1979.

BENCHIMOL, J. L. - "O Rio se renova. E o povo se rebela" in: Revista do Brasil, Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, ano 1, nº 2, 1984, pp. 108/121.

- Pereira Passos, Um Haussmann Tropical,
As transformações urbanas na Cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, Dissertação de Mestrado apresentada ao COPPE-UFRJ, Rio de Janeiro, 1982.
- BENEVOLO, Leonardo - História da Cidade, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1983.
- BENJAMIN, Walter - Obras Escolhidas - Vol. I - Magia e Técnica, Arte e Política, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- Poesía y Capitalismo, Iluminaciones II, Madrid, Ed. Taurus, 1980.
- Textos Escolhidos, (Col. Os Pensadores), São Paulo, Ed. Abril Cultural S.A., 1980.
- A Modernidade e os Modernos, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro Ltda., 1975.
- BERNARD, Michel - "Les paradoxes de la douleur" in: Esprit, Paris, set.1982, pp. 152-163.
- BRENNA, G.R. - O Rio de Janeiro de Pereira Passos - Uma cidade em questão, Rio de Janeiro, Index, 1985.
- BRESCIANI, Maria Stella M. - Liberalismo: Ideologia e Controle Social - um estudo sobre São Paulo (1850/1910), São Paulo, Tese de doutorado, Departamento de História da FFLCH-USP, 1976.
- "Metrópolis, as faces do monstro urbano" in: Revista de História, Marco Zero, 1985.
- "Processo de Trabalho: Lei, Ciência e Disciplina", Campinas, mimeo, 1983.
- Londres e Paris no Século XIX; o espetáculo da pobreza, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982 (Coleção Tudo é História).

BRESCIANI, Maria Stella M. - "As voltas do parafuso",
São Paulo, Ed. Brasiliense/ AUPHIB, 1978 (cole-
ção Cadernos de Pesquisas Tudo é História, 2).

CANETTI, E. - Massa e poder, São Paulo, Melhoramentos/UNB,
1983.

CANGUILHEN, Georges - Études d'Histoire et de Philosophie
des Sciences, Paris, Vrin, 1983.

- O normal e o patológico, Rio de Ja-
neiro FORENSE/UNIVERSITÁRIA, 2a.ed., 1982.

- La connaissance de la vie, Paris,
Vrin, 1980.

- Ideologia e Racionalidade nas Ciên-
cias da Vida, Lisboa, Ed.70,s.d.

- "IV Médecine - Therapeutique, expe-
rimentation, responsabilité - Extrait de la Revue
de l'Enseignement Supérieur, 1959" in: Études d'
Histoire et des Philosophes des Sciences, Paris,
Vrin.

CARVALHO, J. Murilo - Os bestializados - O Rio de Janeiro
e a República que não foi, São Paulo, Cia. das Le-
tras, 1987.

- "O Rio de Janeiro e a República" in:
Revista Cultura & Cidades, ANPUH/Marco Zero, vol
5, nº 8/9.

- "A Revolta da Vacina", seminário
Rio Republicano, Rio de Janeiro, CEH/FCRB,
out.1984, mimeo.

CARVALHO, Lia de Aquino - Contribuição ao Estudo das Habi-
tações Populares, Rio de Janeiro 1886/1906, Nite-
rói, dissertação de Mestrado ICHF/CEG/UFF, 1980.

CAUQUELIN, Anne - La ville la nuit, Presses Universitaires de France, 1977.

- "Connivence du corps et de la ville" in: Esprit, Paris, set.1982, pp. 137-142.

CHAUÍ, Marilena - Ideologia e Mobilização Popular, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

CHOAY, Françoise - L'urbanisme, utopies et réalités une anthologie, Paris, Edition du Seuil, 1965.

CLAVAL, Paul - Espaço e Poder, Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1979.

COLLINET, Michel - Problèmes de l'évolution des sociétés modernes - "A propos de l'idée de progrès au XIX^e siècle" in: Diogene, Paris, Gallimard, jan-mar 1961.

COMTE, Auguste - Textos Escolhidos, (Col. Os Pensadores), São Paulo, Ed. Abril, 1983.

- Catecismo Positivista, Europa - América, s.d.

COOPER, Donald B. - "Oswaldo Cruz and the impact of yellow fever on Brazilian History" in: Bulletin of the Tulane University Medical Faculty, nº 26, fev.1967, pp.49-52.

CORACY, Vivaldo - Memórias da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1965.

CORBIN, Alain - Le miasme et la joinquille, Paris, Ed. Aubier Montaigne, 1982.

- Saberes e Odores - O olfato e o imaginário social nos sécs.XVIII e XIX, São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

COSTA, Jurandir Freire - História da Psiquiatria no Brasil, Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1980.

- Ordem Médica e Norma Familiar, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1977.

COSTA, Nilson do Rosário - Estado e Políticas de Saúde Pública (1889-1930), Rio de Janeiro, 1 vol. (Dissertação de Mestrado-Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro.

- "Oswaldo Cruz e a questão da saúde" in Saúde e Debate nº 4.

CREVENNA, Pedro B. - "Algunas Consideraciones sobre la Evolución Del Concepto de Epidemiologia" in: Saúde e Debate, nº 4.

CRULS, Gastão - Aparência do Rio de Janeiro, Vol. I e II, Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1965.

CUNHA, M. C. Pereira - O Espelho do Mundo, (Dissertação de Doutorado FLCH/USP), São Paulo, 1986.

DAGOGNET, François - Le nombre et le lieu, Paris, Vrin, 1984.

- "D'une certaine unité de la pensée d'Auguste Comte. Science et religion inseparable?" Revue philosophique France et Etranger, Augusto Comte, Paris, PUF, nº04, vol. 110, out/dez 1985, pp. 403"422.

DE DECCA, Edgar - O silêncio dos vencidos, São Paulo, Brasiliense, 1980.

Debates Urbanos nº 03 - Repensando a Habitação no Brasil, Rio de Janeiro, Zahar, Ed. 1983.

DELEUZE, Gilles - Diferença e Repetição, (Trad. L.B.L.Orlandi), Rio de Janeiro, Ed. Graal, no prelo.

DELEUZE, Gilles - Proust e os Signos, (Trad. R. Machado/Piquet) Rio de Janeiro, FORENSE UNIVERSITÁRIA, 1987.

- Lógica dos Sentidos, São Paulo, Perspectiva, 1974.

DEVAISE, I. P. - Médecin, climat et épidémie à la fin du XVIII siècle, Paris, Mouton la Haye, 1970.

DONZELOT, Jacques - A Polícia das Famílias, Rio, Ed. Graal, 1980.

DUNLOP, C. - Os meios de transporte do Rio Antigo, Rio de Janeiro, Gpo. de Planejamento Gráfico, 1973, 2a. ed.

DYOS, H. J. - The victorian city: Images and Realities, ed. by H. I. Dyos an Routledge, 1973.

EDMUNDO, L. - O Rio de Janeiro do meu tempo, R.J., Conquista, 1957.

ENGELS, Friederich - A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra, Ed. Afrontamento, 1975.

- A questão da habitação, Belo Horizonte, Aldeia Global, 1979.

Estudos Fundap nºI - A Questão Urbana e os Serviços Públicos, São Paulo, FUNDAP, 1983.

FALCÃO, E de C - Oswaldo Cruz, Monumenta Histórica, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1971, tomo II.

FERREIRA, Dr. Manoel José - "l'Institut Oswaldo Cruz" in: Santé du Monde, nov.1972, pp. 12-15.

FOUCAULT, Michel - História da Loucura, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel - História da Sexualidade: a vontade de saber, Rio, ed. Graal, 1980.

- Microfísica do Poder, Rio de Janeiro, Ed. Graal.

- Vigiar e Punir, Petrópolis, Ed. Vozes, 1977.

- La Verdad y Las Formas Jurídicas, Barcelona, G. Ampuria, 1978.

- Les Machines a Guérir, CORDA/DGRST, 1977.

- O Nascimento da Clínica, Rio de Janeiro, FORENSE UNIVERSITARIA, 1980.

- Conferências, Rio de Janeiro ENSP/FIO CRUZ, (mimeo).

- Nietzsche, Freud e Marx - Theatrum Philosophicum, Porto, Publicações Anagrama LDA.L.D.

FRANCO, M. S. Carvalho - "As idéias estão no lugar" in Cadernos de Pesquisa - Tudo é História, São Paulo, Brasiliense, 1978.

- "Organização Social do Trabalho no Período Colonial" in Revista Discurso, nº 8, São Paulo, 1978.

FRANCO, Odair - História da febre amarela no Brasil, Rio de Janeiro, Min. da Saúde - Depto. Nac. de Endemias Rurais, 1969.

GADELHA, Paulo - Assistência Médica no Rio de Janeiro. 1920/1937. Reformas Institucionais e Transformações da Prática Médica, (Dissertação de Mestrado, IMS/UERJ) Rio de Janeiro, 1982.

GAGNEBIN, Jeanne Marie - Walter Benjamin, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1982.

LE GOFF, Jacques - (org.) Fazer História, Amadora - Livraria Bertrand, 1977.

GROUPEU - "Ironique et iconique" in Poétique, Paris, Seuil, nov. 1978, nº 36

GUATTARI, Felix - Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1981.

HABERMAS, Jurgen - "Comte e Mach: a intenção do antigo positivismo" in: Conhecimento e Interesse, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

- Mudança estrutural da esfera pública, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1984.

HERKENHOFF, Paulo - "Caricatura - a modernidade da linha e do riso" in: Arte Brasileira Contemporânea - Caderno de Textos 3, Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983.

HIPPOCRATES - (Trad. W.H.S. Jones) vol.I - Cambridge, Massachusetts Harvard University Press, London - William Heinemann Ltda., 1972.

- De la generation de la nature de l' enfant et des Maladies IV, Paris, Les Belles Lettres, 1970.

História dos Bairros - Botafogo, Rio de Janeiro, Index/João Fortes Enga. 1983.

História dos Bairros - Tijuca, Rio de Janeiro, Index/João Fortes Enga. 1984.

HOBBS - Leviatã, São Paulo, Ed. Abril Cultural (coleção: Os Pensadores), 1979.

HOBBSAWN, Eric J. - Os Trabalhadores, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1981.

- HOBSBAWN, Eric J. - Revolucionários, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1982.
- JACQUENET, G. - "Urbanisme parisien: la "bataille du tout - à - l'égout" à la fin du XIXe siècle" in: Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine, Paris, out-dez 1979, pp. 506-548.
- JONES, Gareth S. - "Working-Class Culture and Working-Class Politics in London, 1870-1900; Notes on the Remaking of a Working Class" in Journal of Social History, Summer, 1974.
- Outcast London, Oxford-Clarendon Press, 1971.
- KNIBIEHLER, Yvonne e Catherine Fouquet - La femme et les médecins, Paris, Hachette, 1983.
- LEFORT, Claude - As Formas da História, São Paulo, Brasiliense, 1979.
- LEMONS, Carlos A. C. - Cozinhas etc, São Paulo, Ed. Perspectiva (col. Debates), 1976.
- LIMA, Herman - História da Caricatura no Brasil, Rio de Janeiro, José Olympio Ed., 1963.
- LINEBAUGH, Peter - "The Tyburn Rio Against the Surgeons" in Albion's Fatal Tree (Crime and Society in eighteenth-century England), Londres, Penguin, 1977.
- LINS, Ivan - História do Positivismo no Brasil, São Paulo, Companhia, Ed. Nacional (col. Brasileira), 1967.
- LOBO, Eulália M. L. - História do Rio de Janeiro (do Capital Comercial ao Capital Industrial e Financeiro), Rio de Janeiro, IBMEC, 1978, 2 vol.
- LUZ, Madel - Medicina e Ordem Política Brasileira, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1982.

- MACHADO, Roberto - "Ciência e Saber" A Trajetória da Arqueologia de Foucault, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1982.
- e outros - Danação da Norma, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1978.
- MARCUSE, Herbert - Ideologia da Sociedade Industrial, Rio de Janeiro, Zahaar Ed., 1969.
- Idéias sobre uma teoria crítica da sociedade, Rio de Janeiro, Zahaar Ed., 1981.
- MARIETTI, Angéle Kremer - Le Projet Anthropologique d'Auguste Comte, Paris, Société D'Édition D'Enseignement Supérieur, 1980.
- MEADE, Teresa - "Civilizing Rio de Janeiro: The Public Health Campaign and the Riot of 1904" in: Journal of Social History, Pittsburgh, pp. 301-322.
- MEREDIEU, Florence de - "L'image photographique comme prothèse de la représentation" in: Revue d'Esthétique, pp. 151/157.
- MORAIS, J.F. Regis (org.) - Construção Social da Enfermidade, São Paulo, Cortez e Moraes Ed., 1978.
- MUMFORD, Lewis - A cidade na História, Vol. I e II - Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1965.
- NORI, Claude - La Photographie Française, Paris, Contrejour, 1978.
- PEIXOTO, Afrânio - Noções de Higiene, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1932.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio (org.) - Crime, Violência e Poder, São Paulo, Brasiliense, 1983.

PÔRTO, Ângela A. - As artimanhas de esculápio: crença ou ciência no saber médico, dissertação de mestrado apresentada ao ICHF, Niterói, UFF, 1985.

PUYMEGES, D. - "La crise des systêmes de santé: la médicalization de la mort" in Millieux nº 13, Fev/Mai 1983, pp. 38/44.

RAGO, Luzia M. - Do Cabaré ao lar: utopia da cidade disciplinar, Ed. Paz e Terra, 1985.

REIS FILHO, Nestor Goulart - Quadro da Arquitetura no Brasil, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1976.

Revista Nosso Século, nº 02, São Paulo, Ed. Abril, 1980.

Revista Recherches nº 14 - L'ideal historique, 1974.

nº 28 - Disciplines a Domicile - 1977.

nº 29 - L'imaginaire du logement social dans le Roman Français au XIX Siécle, 1977.

nº 46 - L'accumulation du Pouvoir, 1982.

- Les équipements du pouvoir, 1973.

RIO, João do - As religiões do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1951.

ROCHA, Oswaldo Porto - A era das demolições - Cidade do Rio de Janeiro 1870/1920, Niterói, dissertação de mestrado ICHF, CEG, UFF, 1983.

ROLNIK, Raquel - Cada um em seu lugar - por uma geografia do poder, São Paulo, FAU/USP, 1980.

ROSEN, George - A History of Public Health, New York, MD Publication, 1958.

- ROSSI, G.B. (org.) - O Rio de Janeiro de Pereira Passos - Uma cidade em questão II, Rio de Janeiro, Index, 1985.
- SANTOS, Joel R. - Quatro dias de rebelião, Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Ed., 1980.
- SANTOS, Luiz de Castro A. - "Estado e Saúde Pública no Brasil (1889/1930)" in: Revista Dados, vol.23, nº 02, Ed. Campus/IUPERJ, 1980, pp.237-253.
- SANTOS, Noronha - As Freguesias do Rio Antigo, Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1965.
- SARTHOU, C. - Relíquia da cidade do Rio de Janeiro.
- SEVCENKO, Nicolau - A Revolta da Vacina, (Coleção Tudo é História) São Paulo, Brasiliense, 1984.
- Literatura como Missão, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.
- SONTAG, Susan - Ensaaios sobre a fotografia, Rio de Janeiro, Arbor, 1982.
- STEPHAN, Nancy - Gênese e Evolução da Ciência Brasileira, Rio de Janeiro, Ed. Artenova, 1976.
- THOMPSON, E. P. - The making of the English Working Class, Inglaterra, Penguin, 1979.
- VEYNE, Paul - Como se Escreve a História e Foucault Revoluciona a História, Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1983.
- O Inventário das Diferenças, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.
- "Entre le Mythe et L'Histoire" in Revista Diogene, nº 113, Paris, Gallimard, 1981.
- VIGARELLO, Georges - Le prope et le sale - l'hygiene du corps depuis le Moyen Age, Paris, Seuil, 1985.

XAVIER, Valência - O Mez da Grippe, Curitiba, Ed. Casa R.

M. e Fundação Cultural de Curitiba, 1981.

Colagem: Fafá. Revisão do Cap.II e impressão Off set: Mosteiro de N.Senhora das Graças.

IDADE Be
OC.
AÇÃO. PRECO ES.
MATIVCI.
ATA 03.11.88